



SEIVA

Mensagem aos povos da America

1\$500

ANO III - OUTUBRO 1941 - NUM. 10

SABINO, RIBEIRO & CIA.

CASA FUNDADA EM 1885

Proprietarios da Usina "CARÁHYBAS", de fabricar assucar, no Municipio de Santo Amaro. — Exportadores de assucar, algodão, sal e cereais.

Armazem de ferragens, tintas, cabos, oleos, cimento, enxadas, etc. Maquinas para lavoura. Materiais para industria. Artigos de electricidade. Louça sanitaria e domestica. Commissarios de xarque.

Agentes Representantes

CIA. ALLIANÇA DA BAHIA

THE TEXAS CO. (S. A.)

THE GEO. L. SQUIER MFG. CO. BUFALO. N. Y.

A. & W. SMITH & CO. LTD. GLASGOW.

S. A. FRIGORIFICO ANGLO, SÃO PAULO

MARTINS JORGE & CIA., PARÁ.

E DE OUTRAS IMPORTANTES FIRMAS DO PAIZ.

Av. Barão do Rio Branco, 346 - 360

CAIXA POSTAL, 9 — END. TELEG. "AURELAN"

ARACAJÚ

Bel. Carlos Alberto Costa Pinto

Rua Alvaro Alvim, 33/37 - Ed. REX
5.º andar - Sala 508

RIO DE JANEIRO

Procuratórias e Advocacia em geral

Aceita procuração para tratar, encaminhar e resolver qualquer negócio na **Capital da República**.

Registro de diplomas, patentes, direitos autorais, montepios, pensões, recebimentos, registo de professores no D. N. E., etc.

LARGA PRATICA E
ABSOLUTA CONFIANÇA

Correspondente neste Estado:

J. A. COSTA PINTO FILHO

S. Pedro, 51 — Tel. 4488

Casa Alberto

RUA CHILE N.º 14

BAHIA

Telegrama CASALBERTO

Telefone 5298

Alberto Chicourel & Loria

Secção Especial de Casemiras,
Brins, Gravatas, Meias,
e Artigos para Homens,

FILIAL EM ILHEUS

RUA D. PEDRO II, 111 e 113

AUTOMOVEIS

PONTIAC
e OPEL

CAMINHÕES

G. M. C.
e BLITZ

J. Magalhães & Cia.

Automoveis E Accessorios

Oficinas -- Rua Uruguai, 47 -- Fone 8-104

Avenida 7 n.º 158 - Mercês -- FONE 3016
Telegr. JAPAIO -- Cidade do Salvador--BAHIA

ONDE ADQUIRIR UM PRESENTE ELEGANTE
PARA DEVERES SOCIAIS
OU COMERCIAIS

ONDE ADQUIRIR UM PRESENTE ÚTIL PARA
A SUA ESPOSA

ONDE ADQUIRIR UM PRESENTE EDUCATIVO
PARA OS SEUS FILHOS, NETOS
OU AFILHADOS

NA

Sul America Capitalização S. A.

Encontrareis O Presente Que O Tempo Não
Consome E Aumenta De Valor Cada Ano.



ANO III N. 10
OUTUBRO - 1941

EXPEDIENTE

Redação e Administração:

Rua Direita da Piedade, 40
Bahia — Brasil

DIRETOR

João da Costa Falcão

SECRETARIO

A. Santos Moraes

REDADORES

Aldenor Campos
Ariston Andrade

ASSINATURA

Por doze numeros, sob registro:

Capital 15\$000
Interior e Estados . . . 20\$000
Estrangeiro 25\$000
Numero avulso 1\$500

Libros, publicaciones, periodicos, topicos, comentarios, y en fin, toda clase de colaboracion que refleje y exprese maturamente el pensamiento americano tendran acogida fraternal en esta revista.

A todos aquellos amigos y companeros que nos quieran distinguir con sus colaboraciones les enviaremos gratis nuestros ejemplares. Hacemos extensivo esto a todos nuestros hermanos de America y del Extranjero.

SEIVA es un trabajo de los americanos del Brasil.

SUMARIO

POLITICA, ECONOMIA E CIENCIA:

Observações Sobre o Problema Judaico — LUIZ BASTOS	5
Questões De Politica Internacional — AUGUSTO DE GUSMÃO PEREIRA	7
Usina E Banguê: Elementos Da Paisagem Rural Do Nordeste — WALDEMAR CAVALCANTI	12
Vida E Obra De Descartes — PAUL LABERENNE	19
Esquema Sobre A Organização Na Agricultura — JOÃO NITÃO	29
Novas Diretrizes Para As Matematicas — ADALBERTO GARCIA MENDOZA	36
A Principal Causa Das Crises Do Nordeste — MANUEL DIEGUES JUNIOR	42

HISTORIA, ARTE E LITERATURA:

A Posição Humanista Perante A Literatura — RODRIGO SOARES	13
Alegoria — ALUÍSIO MEDEIROS	17
Nassau E Os Interesses Nativos — ANTONIO FRANCA	18
Ortega Y Gasset, — Um Pensador Vulgar — JULIO MENDEZ	22
A Inteligencia E A Crise — AFRANIO COUTINHO	24
O Drama Das Gerações Do Seculo — SANTOS MORAIS	33
Bibliografia Historica Da Paraíba — LUIS PINTO	41

REPORTAGENS:

O Ensino Primario No Sertão — ALDENOR CAMPOS	14
Em Crise O Aero-Clube — ARISTON ANDRADE	26
O Reconcavo Bahiano E Suas Possibilidades — CLOVIS CALDEIRA	38

SEÇÕES:

NOTA DO MÊS — As lições que nos dá o Caso da Bolivia
PROBLEMAS DA BAHIA — O Imposto De Renda Na Bahia
ESCRITORES DAS AMERICAS — Lima Barreto
MIRANTE — A. C.
CINEMA E RADIO — <u>Hollywood E A Guerra</u> — <u>Ainda O Cinema Brasileiro</u> — <u>Calcanhar de Aquiles</u> — <u>Noticias Diversas.</u>

NOTAS DA REDAÇÃO:

O Japão Deseja Pescar Num Rio Revolto — <u>Negociações Ni-po-Americanas</u> — <u>Salvemos a Cultura</u> — <u>Pontos De Vista De Bernard Shaw</u> — <u>O Pensamento Vivo De Madariaga Sobre A Paz</u> — <u>A Conferencia De Moscou Dará Nervos Rumos A' Guerra Mundial</u> — <u>Infiltração Nazista Na America Do Sul.</u>

NOTA DO MÊS

As Lições Que Nos Dá O Caso Da Bolivia

O governo boliviano interrompeu as suas relações diplomaticas com o governo alemão. Não houve muitas explicações. As coisas ainda não estão bem esclarecidas. Mas o fato da Bolivia ter declarado que o representante do Reich deixou de ser "persona grata", combinado ainda com a circunstancia de a Alemanha reagir á mesma altura, evidencia claramente que a cordialidade e a harmonia já não mais existem entre aquela republica sul-americana e a nação chefiada pelo sr. Hitler. Este fato só pode ser interpretado como rutura de relações. E' claro. Principalmente nos dias de hoje. E' sabido que nem mesmo as declarações de guerra se processam pela antiga forma protocolar. A diplomacia já perdeu infelizmente o seu posto de honra.

O EPISODIO TEUTO-BOLIVIANO PARECE LIGADO A GRANDES AMBIÇÕES DE DOMINIO

O episodio teuto-boliviano, aparentemente sem transcendencia, vem servindo, no entanto, para motivar muito serias apreensões. Isto quer seja nos bastidores de algumas chancelarias da Europa, como de toda ou quasi toda a America. Assim, esse caso, que em outra atmosfera mundial não passaria talvez de acontecimento simples, facilmente esquecível atravez de novas negociações e do consequente reatamento da amizade entre os dois paizes, assume, nesta hora angustiosa para a humanidade, as características de sumamente importante e mesmo de certa gravidade. Na verdade não estamos em condições normais. Existe a guerra de carater realmente mundial. Existem por sua vez grandes interesses que ultrapassam fronteiras e chegam a todos os paizes. Por isso um fato como esse parece resultante do jogo de ambições e de dominio, feito pelas potencias que talvez aspirem a dividir o mundo entre si.

COMENTARIO COM O INTUITO DE ESCLARECER

Tal como as coisas se apresentam agora, não é possível formular nenhum juizo seguro, a proposito do que se passou e ainda vai se passando na Bolivia. A documentação fornecida não é grande coisa. Também não se pode ter muita confiança. Devemos ver as coisas com muita reserva. Mas, é necessario, apesar disto, que se fique informado quanto ao que se diz neste sentido. Vamos, portanto, resumir as causas e as consequencias que certos comentaristas do exterior asseguram que se manifestaram. Ao mesmo tempo, vamos procurando tirar as lições que é possível se tirar.

E' o que nos cabe fazer. Pelo menos por enquanto. Claro que isto não satisfaz. Mas, dá uma certa idéa para se ver os fatos com mais claresa. Isto é o mais importante.

OS INTERESSES ECONOMICOS ULTRAPASSAM TODOS OS OUTROS INTERESSES

Existe na Bolivia uma apreciavel jazida de volframite. Os depositos encontram-se em Colquiri, Yangas e Kami. A produção tem subido de ano para ano. Não temos estatisticas depois da segunda guerra. No entanto, os dados estatisticos anteriores dão a produção boliviana em 1936 de 1.044 toneladas e em 1937 de 1.281 toneladas. A volframite é o minerio de que se extrai o tungstenio. E o tungstenio é materia prima estrategica de primeira ordem. Serve para endurecer metais ferrosos, e permite, assim, que se façam peças de maquinas mais robustas e mais leves ao mesmo tempo. Além disto é o material utilizado na fabricação de filamentos de lampadas electricas. Isto é tanto mais importante quando se sabe que com a guerra sino-japonesa houve um grande panico no comercio de tungstenio. A China possuia praticamente o seu monopólio. Ora, nada mais necessario do que neste periodo de guerra, onde todos procuram se armar o mais que podem, do que dispor deste minerio. E quanto em maior quantidade, melhor. O tungstenio boliviano é vendido, desde longa data, por via de um contrato, aos Estados Unidos. E de longa data, igualmente, constitue, ao que se afirma, uma aspiração alemã. Parece um pouco viavel. Este é um mineral de que uma nação não pode prescindir. Principalmente uma nação guerreira.

QUANDO OS FATOS SE ESCLARECEM

O semanario "Newsweek" de junho passado, esclarece alguns fatos importantes. Segundo este órgão da imprensa norte-americana, em fins de maio houve, na Bolivia, uma tentativa da rescisão do contrato com a nação americana. Esta rescisão do contrato não era para esse paiz sul-americano ficar com a sua exportação independente. Era tão somente para mudar para outros interesses. Seria para os militaristas japoneses, que, por sua vez, se incumbiriam de levar o minerio ao Reich. Esta alusão foi confirmada também pelos dizeres da carta que o governo boliviano difundiu ao sufocar essa ultima tentativa de revolução. Todos devem estar inteiramente cientes disto. Foi a revolução que La Paz afirmou que fôra preparado por ação direta do major Belmonte. A carta, no entanto, fôra descoberta por obra do "serviço de intelligen-

cia de uma potencia estrangeira em luta contra a Alemanha". E o governo nazista logo apressou-se em declarar que a missiva não passava de instrumento falso. Instrumento talvez forjado pelos Estados Unidos.

FATOS QUE SE RELACIONAM COM OUTROS FATOS

Estando as coisas nesta situação, perde-se completamente a possibilidade de um amplo e acertado raciocínio. Quando os serviços de inteligencia interceptam documentos, somente eles é que sabem se são ou não são verdadeiros. A opinião publica, tendo conhecimento de que os agentes secretos ás vezes forjam missivas assim, para atingir fins especiais, nunca poderá se encontrar em condições de averiguar a autenticidade de tais papeis. No entanto, quando alguma coisa acontece, entre dois ou mais paizes, é evidente que deve haver, na verdade, motivos para isso. E esta é a unica base que leva a opinião publica a ter a certeza de que aquilo que ocorreu entre La Paz e Berlim teve como principal fundamento as jazidas de volframite da propria Bolivia. E' que só de volframite se falou. Os comentarios foram especialmente sobre esse minerio. O resto todo foi suplementar. Isto aconteceu em todos os setores. Tanto nas notas de chancelarias, como nos comentarios da imprensa. Seja nacional ou seja estrangeira.

A' MARGEM DO INCIDENTE BOLIVIANO-ALEMÃO SURGEM OUTROS INCIDENTES

A' margem do incidente boliviano-alemão, outras alusões surgiram. Houve propalação de levante no Chile por parte de simpatizantes da causa alemã. Houve tambem na Colombia onde, segundo "La Nacion", foi descoberto um "complot" subversivo no exercito, sendo presas cerca de 200 pessoas, entre as quais se encontram subditos alemães. Houve ainda apreensões de aparelhos de radio transmissor de alta potencia e de mala diplomatica de autoridades alemães na Argentina. Mas, o mais importante é a alusão de que o episodio entre o Equador e o Perú tambem resultou de manobras que ou são alemães, tendendo a perturbar a harmonia reinante entre as nações americanas, ou são estadunidenses, com o objetivo de estimular os ressentimentos contra os paizes totalitarios. Ou são dos dois ao mesmo tempo. De positivo, porém, nada veiu ainda totalmente á tona. A não ser a informação, dada pelas autoridades do Equador, segundo a qual o Perú estava se utilizando de 3.000 soldados japoneses na fronteira. Neste sentido, afirma, no nº de março, a revista "Desfile", que defende os interesses americanos: "Não constitue um segredo para ninguem que os japoneses residentes no Perú, são todos eles ex-licenciados do exercito, ou melhor, oficiais, muitos dos quais de alta gradução. A "quinta coluna" japonesa tem uma perfeita organização e é constituída por 20.000 oficiais do exercito imperial japonês, armados e estrategicamente localizados com o proposito de atuar no Perú, controlar o paiz e formar um grande exercito indigena que poderia alcançar facilmente o elevado numero

de 80.000 homens. Para facilitar a sua tarefa, o Japão realiza campanhas de propaganda entre os indigenas, mascaradas com a bandeira de "irmandade racial" entre indios e japoneses, de "odio ao branco" e a salvação que um governo paternal do Mikado traria aos explorados descendentes dos incas. A colonia japonesa presenteou á Cidade de Lima — presente extremamente simbolico — uma estatua do fundador do imperio Incaico, Manco Capac, e fez uma profusa edição de um livro, "Manko Kapak foi japonês", escrito por um obscuro jornalista, Francisco A. Loayza, conhecido agente dos interesses japoneses. Ao mesmo tempo oferece aos jovens indigenas catequisados, uma viagem ao Japão e uma educação que os converta em futuros "chefes" de seus povos, sob a inspeção paternal — está claro — dos "gauleiter" nipões. Por outro lado, os serviços de espionagem deste "exercito secreto" funcionam habilmente. Por uma rara coincidência, todos os donos de cantinas dos quarteis peruanos são de nacionalidade japonesa. Em Lima, pode-se assinalar concretamente os do quartel San Martin, da artilharia da Madalena e do Mariscal Cáceres". As coisas estão bastantes claras. No entanto, o Perú classificou de ridicula aquela afirmativa do governo equatoriano, embora não desmentisse, nem nessa época, nem depois, a noticia divulgada pelo "Time", de Nova York, dizendo que estava provado que o Japão lhe havia oferecido 5.000 reservistas treinados para atacar o Equador. Aliás, segundo se afirma, isto é inteiramente possivel. Diz-se mesmo que o numero de japoneses no Perú é muito grande. As estimativas semi-oficiais variam entre 40.000 e 60.000. Porém, tudo indica, que é possivel que sejam muito mais. E ainda que uma grande parte sejam calculados como "peruanos" por haverem pedido a sua naturalisação. Diz-se que isto se deu por determinação de ordem economica e politica.

MAS AS NOSSAS ESPERANÇAS VÃO MAIS LONGE

Esperamos, no entanto, que a efervecencia diplomatica, financeira e militar, no setor norte da America do Sul, logo se dissipe. Não podemos viver em estado de intranquilidade. Fala-se que os Estados Unidos querem nos salvar do perigo nazista. Fala-se tambem que o Reich quer nos salvar do perigo da politica de "boa visinhança". Mas, que salvação será esta? Não será que as verdadeiras intenções dos salvadores que tão generosamente se nos oferecem, estão escondidas? No sabio folklore nacional existe um dito muito significativo: "pobre quando vê esmola grande desconfia"... O nosso é nosso. Não pode ser mais de ninguem. Tambem só pode ser defendido por nós mesmos. Por isso, agora todos os povos americanos de coração bem formado, desejam, sinceramente, que nenhuma outra nuvem apareça nos horizontes do nosso hemisferio. Aqui só se quer harmonia. Aqui só se deseja paz. Aqui só se aspira progresso.

A isto tudo ainda podemos acrescentar o incommum progresso das operações comerciais do Japão. De 1935 a 1936 este paiz passou á adquirir no Perú de 3%, de sua produção a 11%, os ultimos anos tem vertiginosamente aumentado essa porcentagem.



Leon Feutchwanger

Leon Feutchwanger é um grande escritor alemão, mundialmente famoso. Representa de um modo condigno a patria de Goethe, que hoje não é propriamente a patria de Goethe. Temos mesmo já a tradução de um livro seu notavel, que é esse "Judeu Suess". Mas, Feutchwanger corre muito perigo. Está sob uma grande ameaça. Foi expulso de sua patria, por trazer em si a origem judaica. Estava refugiado na França, onde escrevia, para os seus leitores de todos os países. Com a capitulação do governo francês, corre no entanto o perigo de ser entregue ao governo de sua patria, que não o pode perdoar como defensor intransigente da cultura. É preciso salva-lo. Salvando-o, é um notavel patrimonio de cultura que defendemos. Essa é a nossa nobre missão.

OBSERVAÇÕES SOBRE O PROBLEMA JUDAICO

LUIZ BASTOS

mais a esses povos do que aos proprios judeus, os quais povos não souberam ou não os quizeram assimilar.

Os defeitos que encontramos nos judeus, existem em todos os povos. Basta atentar no que se refere á assimilação, para as minorias raciais em cada paiz, as quais formam verdadeiros Estados dentro do Estado, vivendo uma vida completamente á parte, alheios a todos os problemas do paiz, e com todas as suas características nacionais, tradicionais, sejam chinas, japonesas, alemãs, ou inglesas. Ao contrario os judeus não cream problemas estataes minoritarios, não querem leis especiais, nem pedem direitos de se constituirem minoria organizada. Procuram, sim, se identificar com o povo dos paizes em que vivem, obedecem ás leis, interessam-se pelos seus problemas. Mesmo o cruzamento racial é frequente e pode não raro ser comparado com vantagem com outras minorias. Os judeus possuem, todavia, uma tradição racial ou, melhor, espiritual, muito antiga, talvez a mais antiga do mundo. Essa tradição ou unidade espiritual, não se pode diluir apenas em algumas gerações de vida em qualquer paiz, pois vem de muito longe, de outras terras, outros costumes, formados ha milhares de anos. E, quasi sempre, antes que se possa realizar uma identificação ou assimilação, os "progrooms", as perseguições anti-semitas, vêm provocar um refluxo ao passado, a essa unidade espiritual que já se ia esvanecendo, talvez. E' nessas ocasiões que o sangue do profeta desperta na alma judia, fazendo lembrar o sangue e o espirito dos antepassados. Segue-se a peregrinação, a mudança de ambiente, a nova tentativa de assimilação, e assim continuamente sem que se possa dar ao judeu a possibilidade de se integrar na vida nacional, creando em si mesmo ao lado do espirito religioso o sentimento de nacionalidade. Os judeus querem apenas viver a sua vida, com direitos iguais aos de qualquer cidadão, e prolongar o espirito da sua raça. Os judeus não tentam fazer proselitos. Fato mais comum é ao contrario ver judeus batizar-se ou casar fora de sua raça, transformando-se em cidadãos iguais aos outros.

Igualmente absurda é a acusação de serem os judeus usu-

rarios e terem excessivo amor ao dinheiro. Usurarios encontramos em todos os povos, todas as raças e todas as épocas. Ainda que fosse esse carater exclusivo do povo judeu, é facil compreender que esse "espirito de usura" se veio formando ha dezenas de seculos, como resistencia passiva aos "progrooms" e perseguições de toda especie, pelos quais se tirava aos judeus qualquer meio de ganhar a vida. Proibidos de comerciar, de exercer profissões liberais, de participar da administração do Estado e mesmo de pertencer ao exercito e cultivar os campos, que outros meios de vida se ofereciam aos judeus, não justamente esse de emprestimos, em que muitas vezes não são os que mais ganham? E' verdade que muitos judeus se têm ocupado desse comercio, mas é má fé tirar conclusões daí, da mesma forma que pelo fato de a maioria dos "gangsters" americanos serem italianos, não vamos concluir que todos italianos são "gangsters". Não esqueçamos essa grande quantidade de judeus artistas, escritores, sabios e mesmo estes "revolucionarios", que desprezam simplesmente o dinheiro. Que cada um passe de memoria os agiotes que conhece e, no Brasil, esses que tão miseravelmente exploram o funcionalismo a juros escorchantes, e se verá que são muito "bons" cristãos que quanto mais se confessam mais exploram.

Mas restam ainda outras "razões" e acusações contra os judeus. Estes seriam os cabeças do bolchevismo e das subversões de toda especie. Nesse caso, como em outros se toma o efeito pela causa. Muito antes de se sonhar com bolchevismo os judeus já eram perseguidos por outros pretextos. Essa perseguição é que lança os judeus para as revoluções, para a subversão de uma ordem que os persegue e não os deixa viver.

Mas ainda que todas essas acusações tivessem base, é preciso colocar no outro prato da balança, outras qualidades dos judeus, que os tornam não somente sociaveis, mas até certo ponto mais do que uteis, indispensaveis para a civilização, na qual nada se fez até hoje em que não houvesse no meio a mão de um judeu. Do ponto de vista social e moral, é necessario lembrar que os judeus se acham excluidos pelas estatísticas de determinados numeros de crimes,

EXISTE de fato um "problema judaico" para alguns paizes, mas somente para "alguns". Este problema não foi, como querem alguns anti-semitas, ou mesmo alguns "indiferentes", provocado pelos judeus. Os principais argumentos lançados pelos anti-semitas, velhos, sedichos e enjoados de tanto repetidos: "os judeus são anti-sociais, vivem da usura, têm excessivo amor ao dinheiro, são por natureza demolidores, e cabeças de subversões de toda ordem, etc", não podem constituir mais argumentos capazes de justificar a atroz perseguição de que ha milhares de anos são vitimas. Ha ou pelo menos deve haver razões mais serias.

Existe o problema, mas este não foi provocado pelos judeus. E' fato que eles difficilmente são assimilados pelos povos entre os quais vivem, mas cabe a culpa

o assassinio, o adultério, a pedestria, os crimes passionais em geral, muito raros entre os judeus. Sempre que é necessário, os judeus lutam e trabalham pelo povo em que vivem. Os judeus franceses pegaram em armas em defesa da França, mesmo sabendo que do outro lado as suas balas podiam atingir a judeus alemães.

São fatos frequentemente esquecidos. Gladstone não foi mais ingles do que Disraeli.

Nenhum contribuiu mais para o progresso geral do mundo, quer moral quer materialmente. E' preciso não esquecer que eles deram um Deus a um terço da humanidade, que Jesus era judeu e que os apóstolos também o eram. Na historia em geral, a historia da ciencia e da filosofia e da arte está cheia de judeus e não em pequeno numero. O desenvolvimento da riqueza universal e do capitalismo em particular se deve antes de tudo aos judeus.

Mas ha coisa mais importante a considerar. O característico da alma judia é a exaltação, a paixão com que se entrega á sua vocação, seja a ciencia ou o commercio, seja a arte ou mesmo ao crime ou á revolução. Por isso está sempre em primeiro plano. Quando é usurario, torna-se simbolo. Quando comerciante, toda sua alma, sua capacidade organizadora e creadora, caracteristica dessa raça, se emprega a fundo e acaba sempre vencendo o seu concorrente, seja cristão ou mussulmano. Quando é filosofo, dá Spinoza ou Bergson, quando cientista, temos Einstein ou Meyerson. Em cada partido politico encontramos judeus entre os dirigentes. O movimento sionista, com cujo objetivo pode não se concordar, é ainda o grande espanto dos povos. Milhares de jovens, homens e mulheres, desprezando todo conforto, toda anseio de lucro individual se entregaram, numa paixão que é a característica dessa raça, na construção de um lar nacional na terra dos seus antepassados. Veja-se como o judeu não é apenas o usurario que visa lucros. Enquanto nas Cruzadas, no fundo da aparência religiosa, havia o instinto comercial a arrebatar aos arabes o monopólio do comercio com as Indias, não ha na historia de nenhum povo um movimento idealista que se compare nem de longe com o movimento sionista que empolgou milhares de judeus, menos talvez pelo ideal de uma nação independente judia, que por essa ansia de ideal e paixão que vive na alma de cada judeu, procurando apenas um objetivo, de um ideal.

O judeu não vive por si nem para si. Cada judeu é antes de tudo uma particula de um todo que é mais do que a raça, é o espirito judaico, indefinível, in-

compreensível para os proprios judeus. Como que uma força desconhecida que o impele para a frente e nele desperta essa atividade de necessidade, atividade espiritual que não se encontra pelo conjunto em nenhum povo.

O cristianismo, pela sua doutrina moral, isolou homens, ou melhor, individualizou-os demasiadamente. O Homem deixou de ser a particula de um todo para ser simplesmente um Homem completo em si e por si, cujo unico objetivo na Terra é salvar a sua alma.

Entre os judeus não existe este individualismo. Cada judeu é uma particula do espirito judaico. Por mais que seja egoista ou individualista ele não consegue desprender-se do sentimento profundo de sua raça, do espirito que domina todos os judeus, que se sente mas não se compreende. René Schwab que se converteu ao cristianismo, confessa que, apesar de tudo, permanece judeu. Na realidade a sua conversão não é mais do que essa necessidade judia de um objetivo espiritual que ora o transforma em santo ora em ladrão. E' talvez por isso que os judeus se têm considerado o "povo eleito de Deus".

Costuma-se dizer que os cristãos têm os olhos voltados para o Céu e os judeus para a Terra. E' uma verdade. Mas não se diga que, pelo fato de ter os olhos voltados para a Terra, o judeu não veja mais do que o presente, as suas necessidades mais imediatas.

Ao contrario, não ha povo mais espiritual do que o judeu, nem que individualmente, haja pensado menos na sua pessoa. O judeu age em função de um espirito judaico eterno e imortal, tendo sempre em vista o futuro. Este futuro está muitas vezes sob a aparência de uma simples procreação e prolongamento de si mesmo atravez dos filhos, dos quais os judeus cuidam com fervorosa abnegação.

O judeu, ou, melhor, a alma judia, não está no corpo judeu, mas no corpo de todo o Povo Judeu, e se prolonga atravez dos filhos, indestrutível.

Será absurdo e anti-cientifico dizer, mesmo de acordo com alguns cristãos, que os judeus, como "povo eleito", têm uma missão a cumprir. E' preciso ver apenas no fenomeno judeu, uma serie de circunstancias que se associam, atravez da historia, fazendo do povo judeu o que ele é hoje: um espirito que tende para o impulsionamento e constante progresso da humanidade.

Por isso mesmo, as soluções propostas não podem ser tomadas em consideração. Em vez de dissolver o povo judeu, cujo es-

pírito em vez de se diluir, pela dispersão, se fortaleceu, é preciso ao contrario ver bem até que ponto embora perseguido e disperso, contribuiu para o progresso da humanidade. A dispersão, tem feito mal individualmente, aos judeus, mas não ao espirito judeu. Trabalhar pela conversão dos judeus, sob o pretexto de que "Israel errou o seu caminho" é antes de tudo uma ingenuidade. Milhares de judeus que se convertam não destruirão o Judaísmo, que não é um sentimento de superficialidade. E mesmo que isso fosse possível, seria um erro pois o mundo não poderá progredir como o tem feito sem que Israel lhe forneça, periodicamente, as parcelas mais luminosas do seu espirito, parcelas que, quando se entregam á humanidade, se despedem muitas vezes de Israel mas que, ainda assim, o fortificam. Ninguém sabe o que o futuro nos trará, nem quantos seculos ainda durará o espirito do judaísmo, mas por enquanto a Historia e a Humanidade dele ainda necessitam, da sua força organizadora e creadora.

Talvez se queira concluir daí que as perseguições sejam uma necessidade para manter o judaísmo, mas não seria certo.

Inegavelmente, as perseguições e os "progrooms" contribuíram para fortalecer esse espirito, mas não são indispensáveis. Ele se formou e consolidou atravez da Historia. Dé-se liberdade aos judeus para seguir o seu proprio destino. Que se unam em nação ou se conservem dispersos, não serão nem a vontade de certos demagogos eventualmente no poder, nem a pregação ingenua, embora sincera de alguns poetas, que hão de liquidar o espirito judaico. Ele viverá enquanto a Humanidade dele necessitar, com ou sem perseguições, com ou sem pregações.

O que não é justo é que se combata um povo, roubando-lhe vidas e riquezas, explorando a ingenuidade das massas, acusando-os de todos os crimes, e todos os males que afligem a humanidade, ataçando contra ele todos os odios e descontentamentos. E o peor é que muitas vezes essa demagogia sanguinaria encontra eco nas massas. Querem alguns crer que se trate de inveja que certos judeus, que tão facilmente se destacam em todos os ramos da atividade, despertem entre individuos de certas coletividades. Mas é principalmente porque o povo judeu, embora desorganizado e disperso, se mantém unido e forte dentro das nações organizadas mais divididas. E' o terror dos povos enfraquecidos por dissensões internas, por uma força espiritual sempre suspeita de favorecer a outra facção. Deve ser essa a causa fundamental.

Questões De Política Internacional

AUGUSTO DE GUSMÃO PEREIRA

Os fatos que hoje se desenrolam no mundo guardam entre si um perfeito encadeamento. São o resultado de um longo processo que vem se desenvolvendo através das contradições entre os grupos de países, quando considerados isoladamente. Só indo até este ponto, é que se pode chegar a compreender em toda sua extensão as causas determinantes da atual situação internacional. E isto é mesmo preciso para se evitar as interpretações simplistas com que nos deparamos diariamente na imprensa nacional. Devemos destacar, todavia, o papel preponderante desempenhado pelas agências telegráficas no que diz respeito a esta questão, porque o seu resultado é visível e o seu trabalho obedece a um plano perfeitamente organizado de confusão. Assim é que as agências telegráficas com todo o seu formidável exercito de comentaristas e correspondentes, ligadas todas elas a um ou a outro dos grupos em choque, procuram orientar a opinião pública. E em grande parte elas têm conseguido o seu intento. Para se ter uma prova concreta disso basta se observar qualquer discussão sobre as questões internacionais. Até mesmo os problemas mais complexos tomam logo um caráter superficial, e as argumentações são absolutamente desprovidas de qualquer sentido de objetividade. Não é preciso uma observação demorada para se descobrir nessas discussões os argumentos de um correspondente da Associated Press, da United Press, ou de suas rivais, a Transocean e Steffani. Sabemos muito bem como as coisas são encaradas aí: com um cheiro acentuado de interesses de grupos rivais. E nisto se resume toda argumentação.

Infelizmente, nada se tem feito para esclarecer a nossa opinião pública sobre questões de tão alto interesse. No entanto, esta deve ser uma das tarefas mais importantes da imprensa nacional. É preciso uma obra de esclarecimento sistematizada, com intensidade e agudeza necessárias para aniquilar, com golpes profundos, toda a obra de mistificação criada em torno dos problemas internacionais por essa formidável rede de propaganda. Para este trabalho temos que lançar mão dos próprios materiais que nos fornecem tais fontes de informação, bastando, apenas, toma-los em conjunto, procurando penetrar nas suas entrelinhas com toda a capacidade do nosso espírito crítico.

Olhando a situação internacional temos que nos orientar por esse caminho. Precisamos encarar os fatos com um sentido nítido e objetivo, procurando vê-los em todas as suas ligações. Não se poderá encontrar a prova do caráter real e social de uma guerra na sua história diplomática. Deve-se analisar essa situação concreta também em função do conjunto dos problemas que esclarecem os

fundamentos da vida em geral de todas as potências do mundo. Torna-se indispensável ainda, um conhecimento da política desenvolvida por cada um dos países hoje em luta, principalmente no período que antecedeu ao atual conflito. E' o que já dizia Clausewitz, o velho estrategista alemão, quando afirmava que a guerra é a continuação da política interna. De fato, como compreender certos acontecimentos da história dos nossos dias senão encarando-os sob tal ponto de vista? Como poderíamos, por exemplo, explicar a derrota da França levando somente em consideração o aspecto militar da questão e esquecendo a traição de suas classes dirigentes ao povo francês? Como poderíamos, igualmente, explicar a resistência heroica do povo chinês, desprovido de recursos técnicos á agressão do super-mecanizado exercito japonês? E' claro que todos estes fatos só são compreendidos quando encarados dentro daquele caráter amplo. Desde que não se olhe os acontecimentos no ambiente em que eles se desenvolvem, mas fora dele, não se irá além da sua superfície.

Assim é que poderemos ver, por exemplo, quanto são sem sentido as afirmações de Hitler ou Mussolini sobre a "reorganização da Europa". Ou também sobre as idéas dos políticos americanos, ou mesmo de um estadista inglês, quando falam "numa luta pela liberdade dos povos". E agora desejamos saber, como podem falar em uma reorganização da Europa aqueles que contribuíram para o desajustamento dos problemas de seus próprios países e procurando na guerra a única saída para a situação creada? Como também podem falar em uma luta pela liberdade dos povos aqueles que têm um tão vasto imperio? Devemos então perguntar: não ha em tudo isso uma contradição e uma incoerência evidentes?

Depois desta ligeira introdução vamos apresentar alguns aspectos que nos parecem dos mais interessantes, da complicada situação internacional. São aspectos tomados do noticiário diariamente espalhado pelos jornais e fornecidos pelos conhecidos serviços de propaganda. Vamos apenas coordena-los, dando-lhes uma certa sequência, para melhor desenvolvimento do nosso raciocínio.

Contudo, nos limitaremos á exposição destes dados, deixando os comentários para o leitor. As conclusões não serão difíceis de serem tiradas e, assim, se terá uma compreensão mais justa do caráter real dos acontecimentos.

Assim, pois, dentro deste panorama, focalizaremos algumas questões que mereceram a nossa atenção e que, por certo, também merecerão a de quem quer observe a situação internacional. Se não vejamos:

1.º — As contradições entre os Estados Unidos e a Inglaterra não poderão desaparecer

No decorrer desta segunda guerra mundial os pontos fracos do Imperio Britânico apareceram com maior intensidade do que nunca. O que nas condições anteriores lhe servia de base e garantia, tornou-se, hoje, uma razão para sua fraqueza. A distribuição das colônias inglesas por todo o mundo, o seu domínio sobre os mares é um exemplo típico do que afirmamos. Antes, isto lhe garan-



tia bases e fontes de matéria prima disseminadas por todo o mundo. Enquanto o inimigo movimentava as suas forças num campo de luta limitado, não havia dúvida que isto constituía uma vantagem formidável. Em virtude da distância que se encontravam umas das outras, aquelas bases e fontes de matéria prima ficavam livres dos golpes inimigos. Porém, o que hoje acontece é bem diferente. A frente de guerra ampliou-se de maneira considerável, podendo atingir qualquer setor do imenso Imperio Britânico. Tal circunstância obriga, no conflito atual, que este dívida suas reservas belicas, apesar da insuficiência das mesmas e da necessidade que o país sente para fazer face aos acontecimentos. Sabemos, por outro lado, que a unidade do Imperio está baseada em dois pontos: a) sobre o medo de uma expansão alemã em direção à Austrália e Nova-Zelândia; b) sobre o medo de uma expansão japonesa no Pacífico. Desse modo, a Inglaterra não pode defender sozinha o seu imperio colonial. Por isso, prefere dar uma parte do mesmo a uma grande

potência, e com auxílio desta defender o resto do inimigo mais perigoso. E a Inglaterra foi forçada assim a aceitar a condição de "caçula da família anglo-saxônica". Não teve outra saída. E Wall Street soube aproveitar a oportunidade para tirar suas vantagens e eliminar certas "diferenças". Não resta dúvida que o senhor Roosevelt tem sabido disfarçar muito bem todo o verdadeiro sentido da sua política de colaboração anglo-americana. Mas, o certo é que toda esta "amizade" (com a concessão de bases por 90 anos) não deve enganar a ninguém. A chamada união anglo-americana deverá, em todo caso, continuar ainda por algum tempo: enquanto for uma necessidade vital para os interesses da Grã-Bretanha. Entretanto, existem certas contradições anglo-americanas, o Canadá, e tantos outros que nenhuma união poderá resolver. Todas estas contradições continuam a existir, embora tenham no momento, passado provisoriamente para um plano secundário.

2.º — As grandes sociedades anônimas e o estado corporativo italiano

Tem sido enorme o esforço dos líderes fascistas afim de apresentarem o estado corporativo como uma forma especial de organização política, destinada a realizar uma perfeita distribuição da riqueza. Em outras palavras isso quer dizer: um estado ideal que, colocando-se por cima, num plano superior às classes, passa a ser um perfeito instrumento de justiça social. Mas a experiência nos mostra que a realidade é bem outra. Uma ligeira análise nos esclarecerá sobre o caráter do chamado estado corporativo, isto é, o seu verdadeiro conteúdo econômico. É um ponto importante e que devemos assinalar, afim de se ter uma compreensão perfeita do fenómeno Mussolini. É ainda importante para se por às claras todo o seu complicado sistema de demagogia. Isto precisa estar bem nitido para evitar o risco de certas afirmações, como aquela que sempre vemos de que "o fascismo realiza por métodos violentos muitas aspirações justas do povo". Nada mais falso e incoerente. E, para se evidenciar isso como também as insinuações anti-imperialistas dos líderes fascistas — quando procuram justificar a guerra atual —, nada melhor do que citar aqui os dados fornecidos por uma conhecida publicação oficial italiana: "O ANUARIO DAS SOCIEDADES ANONIMAS". Assim, será fácil ver até que ponto o estado corporativo realiza a fusão do Estado com os consorcios bancários, em benefício dos grandes monopolios e á custa do empobrecimento cada vez maior do povo italiano. Vejamos, então, quem são os verdadeiros dirigentes do chamado estado corporativo.

Nas 128 empresas bancárias e industriais mais importantes da Italia, que representam um capital de 23.000 milhões de liras (isto é, metade do capital das sociedades anônimas italianas), figuram como co-proprietários e diretores:

Alberto Beneduce — administrador de 14 empresas com um capital de 6.000 milhões, entre as quais figuram cinco organizações monopolistas do Estado, a saber: o "Instituto de Reconstrução Industrial", o "Instituto Mobiliario", o "Consortorio de Subvenções", dois consorcios de crédito para trabalhos públicos, sete companhias de eletricidade, (com um capital de 4.140 milhões), uma companhia ferroviária e o grande truste químico "Montecatini".

Giacinto Motta — administra 10 sociedades com um capital de 3.950 milhões de liras, das quais seis são de electricidade, tres de estrada de ferro e o "Credito Italiano".

Alberto Pirelli — administra 9 empresas, entre as quais uma fabrica de pneumaticos de sua propriedade particular, 4 companhias de electricidade, o "montecatini" e diversas companhias holdings; capital, 4.250 milhões de liras.

Donegani — administra 9 trustes, entre eles o "Montecatini", o "Antic" (petroleo sintetico), outras empresas quimicas e de aluminio, e o Banco Commerciale d'Italia; capital total, 3.200 milhões.

Senador Bevione — administra 9 companhias, entre as quais o Instituto Nacional de Seguros, o "Finmare", a Agencia Italiana de Petroleo e as minas de carvão de Arsa; capital, 2.200 milhões.

Senador Ettore Conti — administra oito empresas, entre elas a Banca Commerciale, o truste Chantillon (manufatura textil), além de outras empresas de electricidade e telefone.

Senador Vittorio Cini — administra oito companhias: a "Finmare", a "Ilva" e outras de electricidade, de seguro e agua canalizada. Capital: 2.600 milhões.

Brogliá — administrador de 8 companhias: o Instituto Moviliario, o Consorcio de Trabalhos Publicos, Truste de Telefones, a Fiat e outras. Capital: 1.400 milhões de liras.

Eurico Parisi — administra oito sociedades: a Banca Commerciale, Montecatini, companhias de electricidade, de telefone e de seguro. Capital: 2.300 milhões.

Conde Volpi, de Misuratta, ex-ministro das finanças, e logo depois ministro de Estado; administra 7 companhias ferroviarias e de serviços publicos. Capital: 1.243 milhões.

Cartasegna — administrador de 7 companhias, destacando-se entre elas a Fiat. Capital: 1.670 milhões de liras.

Senador Agnelli, presidente da Fiat e administrador do Credito Italiano e do truste telefonico. Capital: 1.730 milhões.

Almirante Alessandro Ciano, tio do Conde Constanzo Ciano, ministro do exterior e genro do Duce, administra 7 companhias, entre estas a Finmare e outras empresas de construção naval.

Se a estes nomes acrescentarmos os dos senhores Lojocono, Spezzoti, Frigesi de Rattalma, conde de Perea, Pemnavaria, Marchesano, Targetti, conde Borletti e mais alguns outros, teremos, então, completo, o estado maior das finanças italianas.

O mesmo parece acontecer na Alemanha de Hitler, onde meia duzia de grandes industriais e Junkers têm o Estado em suas mãos e servindo unicamente aos seus interesses expansionistas.

Não é esta uma interessante maneira de se combater as "plutocracias"?

3.º — A guerra e os lucros de Wall Street

Os dados fornecidos pelo serviço de informações economicas norte-americano, mostram-nos o vulto alcançado pelos grandes industriais ianquis, em consequencia desta segunda guerra mundial.

Ao contrario da depressão economica por que vêm atravessando outros países, de pequeno desenvolvimento industrial e, portanto, sujeitos ao controle dos mais fortes que dominam e controlam os mercados mundiais, os lucros de Wall Street têm aumentado constantemente. E é preciso se observar que os Estados Unidos ainda não entraram na guerra. Para se ter uma idéa aproximada desses lucros, vamos tomar os dados fornecidos pelo n. 149 do "American Bulletin", referentes ao mês de julho de 1940, e depois compara-los com os do mesmo mês do ano anterior. Apesar de suspensão do comercio com a França, diz a publicação, além de outros países europeus, vemos que somente a Inglaterra importou mais do que toda a Europa, para o mesmo periodo de 39. Assim os embarques para o Reino Unido subiram de 78.000.000 de dolares, em junho, 108.000.000 em julho — a maior cifra registrada para um mês durante os dez ultimos anos. As exportações somente para a Inglaterra chegaram a quasi 90% do total do comercio da America do Norte durante o mês de julho e foram maiores do que as exportações para o Continente Europeu, no mesmo periodo de 39. E é para se notar que esses dados são do ano passado, quando o ritmo e a extensão da venda de armamentos á Inglaterra ainda não tinha alcançado o nivel de hoje. Levando-se em consideração todos esses fatores e ainda mais os lucros fabulosos que os industriais americanos vêm tendo em consequencia da politica armamentista do Sr. Roosevelt, que sobem a algumas centenas de milhões de dolares, pode-se concluir que esta guerra tem sido uma formidavel fonte de lucro para Wall Street. E' um fator que precisa ser tomado em consideração para uma analise do momento internacional.

4 — A psicologia e as finanças dos chefes nazistas

Antes mesmo da Alemanha ser dominada pelo nazismo, nos postos de comando do Estado Germanico já se encontrava um grupo refinado. Isso correspondia no plano politico á dominação de uma minoria de politicos, inteiramente corrompida e magnanima em favores aos componentes do estado maior da indústria alemã. A situação era tão caracterizada que Eschwege em artigo publicado em 1912, na revista "Die Bank", referia-se ao assunto, prevendo uma fusão total do Estado com os monopólios, com as seguintes palavras: "nem a liberdade politica mais ampla impedirá de nos convertermos num povo de homens sem liberdade". Foi isso, de fato, o que realizou o nazismo em todas as linhas. Mas, com a sua vitoria, ao lado do grupo industrial, appareceu uma nova camada social, constituída pelos proprios lideres do Partido Nacional-Socialista. Sobre essa nova classe, William H. Stoneman, correspondente do "Chicago Daily News", e o conhecido jornalista H. Knickerbrooker, que é um dos homens melhores informados dos Estados Unidos sobre assuntos europeus, acabam de tornar publico os resultados de uma investigação secreta, realizada antes da deflagração da guerra atual, sobre as preocupações financeiras dos chefes nazistas. Esses jornalistas apresentaram ao publico americano os seguintes dados.

a) riqueza dos chefes nazistas — Segundo esta fonte autorizada, que preparou uma documentação detalhada sobre o assunto, os mento-

res da política alemã acumularam desde que subiram ao poder uma fortuna privada que sobe a mais de 34.873.500 dólares. Grande parte desta quantia astronômica estava distribuída em instituições bancárias da América do Sul, Japão, Luxemburgo, Suíça, Holanda, Egito e Finlândia. Goering, segurou sua vida e a de sua esposa Emy em 907.500 dólares. Por intermédio de agentes convenientemente situados no estrangeiro e no Reich, sua ativa monta em 5.357.095 de dólares. Num banco do Estado de São Paulo (Brasil) tem depositado \$1.225.000; em Nova York, \$750.000 em valores de grandes empresas americanas; em S. Francisco, \$600.000; em Zurich e Chicago \$400.000; em outras inversões bancárias, \$1.000.000. Rudolf Hess, o "herói" nazista que se presume ter ido á Inglaterra levar propostas de paz, possui uma fortuna de \$1.865.500 em apólices de seguro. Goebbels, Ministro de Propaganda do Reich, possui uma fortuna de 8.890.000 de dólares, metade dos quais estão depositados em bancos de Buenos Aires, Luxemburgo e Japão. Von Ribbentrop, o mais precavido, possui \$9.740.000 localizados, principalmente, na Holanda e na Suíça. Robert Ley, chamado "líder trabalhista" e chefe da "Frente do Trabalho", tem uma fortuna avaliada em cerca de 1.891.000 dólares. Himmler, o conhecido chefe da "Gestapo", 2.637.500. Julius Streicher, o inspirador das perseguições anti-semitas, possui apólices de seguro no valor de \$4.000.000.

b) *o luxo oriental do marechal Goering* — Não é segredo para ninguém que em 1932 o marechal Goering vivia modestamente com o rendimento de sua modesta pensão, como capitão da força aérea, da qual é hoje o chefe supremo. Naquele tempo apertado em que equilibrava seu orçamento vendendo paraquedas, certamente não imaginava que algum dia viria a ter magníficas residências. E que numa dessas haveria um esplêndido salão, ornamentado com sarcófagos romanos e pinturas de linha branach, onde receberia os seus "kamaraden".

c) *Hitler, o escritor mais rico da Europa* — A versão mais conhecida de Hitler o apresenta, por razões perfeitamente compreensíveis, como o mais rico dos ditadores europeus. É verdade que o seu salário de 19.000 dólares anuais, ele o reparte com as instituições de caridade do Reich. Mas, por outro lado, a venda do seu livro "Mein Kampf" lhe deu, somente em seis anos de governo, o lucro de \$2.800.000. A razão de tal lucro é muito simples: é um dever de todo cidadão do III Reich possuir o livro do Fuehrer. Em 1938 venderam-se mais de 1.250.000 exemplares. De cada exemplar vendido o Fuehrer recebe 70 centimos, relativos aos seus direitos autorais. O agente de Hitler, Max Amen, inverteu inteligentemente o dinheiro do Fuehrer em propriedades em Berlim, Munich e Colonia, e nas mais importantes empresas tipográficas e de publicidade do Reich. O restante foi depositado em casas bancárias de diversos países. Quando o defunto Chamberlain visitou Hitler, para as suas chamadas negociações de "paz", em seu retiro nos Alpes bavaros, teve que fazer uma fantástica corrida desde Munich. Ali, em 1938, as coisas tinham mudado muito a partir de 1932. Sete anos antes Hitler vivia pobremente, ajudado por sua irmã viúva, Angela Raubal, que, ao mesmo tempo, cosinhava e atendia aos afazeres domésticos.

Hoje, Berchtesgaden é uma residência montada com todo luxo, com dependências para alojar mais de 100 pessoas e rodeada com cerca de arame eletrificado. Contemplando a beleza de sua



paisagem, o esplendor de vida de seus balcões povoados de flores, em cujos arredores existem 8.000 ninhos de passaros, duvida-se que Hitler seja um homem de espírito guerreiro. O general Sir Ian Hamilton, que visitou o Fuehrer em seu jardim da Montanha, afirmou que parece ser incrível que ali se formule planos para batalhas que exterminarão milhões e milhões de homens. Mas não é somente Hitler que reside em casa tão luxuosa. Os demais figurões nazistas também

possuem casas maravilhosas, que nada ficam a dever a do Fuehrer. Berlim, com o seu desagradável aspecto de cidade industrial, é apenas um ponto central que os retém por alguns momentos. O resto do tempo passam em suas encantadoras casas de campo, ás margens dos lagos bavaros.

d) *Streicher, um Fuehrer mirim* — Esse chefe nazista é um homem de passado bastante nebuloso e temido pela sua agressividade, já tendo certa vez discornado de Hitler. Durante a 1.ª guerra mundial foi despojado de suas imunidades parlamentares para que os tribunais pudessem processá-lo. Mas ele ameaçou fazer declarações sensacionais sobre a regalada vida dos outros chefes do partido a que pertencia e, desse modo, conseguiu sustar a ação punitiva da justiça. Político sagaz gosa da confiança do Fuehrer. Seus lugares tenentes o chamam de "meu Fuehrer", e somente nele reconhecem o chefe da Franconia, com séde em Nuremberg, a Meca do nazismo. Baseando-se nesse prestígio conseguiu juntar uma imensa fortuna. Possui varias vilas, automoveis, aviões, etc. De sua fortaleza, em Nuremberg, não só dirige as terríveis campanhas racistas do III Reich, como também se ocupa visivelmente em manter a sua ascendencia nos altos concilios nazistas.

Olhando-se bem, todos esses militares e políticos alemães têm algo de interessante: não se ocupam diretamente de tão baixa atividade como as de enriquecer e de amontoar dinheiro, coisa peculiar aos hebreus, segundo o dogma nazista. Goebbels, por exemplo, destina esse trabalho a Eher Verlag, de Munich e Berlim. Esse, por sua vez, tem ligações com os agentes Achterlung, de Montevidéu, e Thomas Buccher, de Nova York e Santiago do Chile, que se ocupam da gestão do capital de tão importante ministro. E como Goebbels agem os demais chefes nazistas que, dia a dia, vão aumentando as suas riquezas.

5 — O ouro depositado nos Estados Unidos
— pode levar o país á guerra —

A marcha dos Estados Unidos para a guerra vem se acentuando de dia para dia. Pode-se mesmo considerá-lo como um país beligerante, tão grande tem sido a sua participação nos últimos acontecimentos. Isso explica porque certos atos em flagrante contraste com os hábitos e costumes do povo americano, como a promulgação primeiro da lei do serviço militar obrigatório e depois do estado de emergencia nacional, não tenham causado quasi nenhuma agitação entre certos circulos politicos. Naturalmente, temos que fazer exceção para um pequeno grupo desses circulos: é o grupo dos "isolacionistas", constituído por um dos setores mais retrogrados de Wall Street. Nesse caso então Lindbergh e o já conhecido Hoover. Mas, fóra desse, todos os demais partidos politicos influenciados por Wall Street têm estado de acôrdo com a politica do sr. Roosevelt, porque todos estão de acôrdo que os Estados Unidos intervenham na guerra. Nesse caminho está se orientando a Nação Americana, contando, não obstante, com a opposição dos setores mais progressistas do povo americano. Possivelmente, uma das causas que têm determinado esta marcha para a guerra é a defesa do padrão ouro. Nos Estados Unidos se concentram, hoje, 80% ou mais do ouro existente no mundo. Esse ouro representa uma possibilidade de controle de toda a economia mundial, ou pelo menos de uma grande parte. Mas isso, na verdade, está em completo desacôrdo com os planos dos economistas de Hitler: desejam uma economia fundada na troca em especies, apoiada por uma regulamentação rígida do intercambio comercial. Dessa maneira, o caso de um triunfo nazista, no caso de um triunfo nazista, poderia tornar-se inutil e sem nenhum valor. Não ha duvida que isso significaria uma catastrophe sem precedente para os banqueiros, que giram toda a sua economia em torno do padrão ouro. A defesa do valor desse ouro constitue, pois, uma "razão" bastante



forte para empenhar a vida de milhões de homens americanos, numa luta que já se estende por quatro continentes. E parece que para isso o governo americano, ou melhor, Wall Street, já começou a mobilizar não só o povo ianqui, mas também todo Hemisferio Ocidental.

6 — Conclusão que não é propriamente conclusão

Está aí uma serie de fatos que nos esclarecem muita coisa da situação internacional. De acôrdo com os mesmos é que devemos não só julgar o seu sentido, como também pautar a nossa conduta. Isso deve ser feito não de uma maneira dogmatica e parada, mas encarando os acontecimentos em seu constante desenvolvimento, tomando atitudes de acôrdo com um determinado momento e circunstancias.

É o unico caminho a seguir. Seguí-lo, e isso afirmamos sem medo de errar, é a grande missão que foi destinada á nossa geração, que vive em dos momentos mais dificeis da historia. Hoje temos, antes de mais nada, de continuar a luta iniciada pelas gerações que nos precederam. Foi o

que fizeram todos aqueles que viveram a primeira guerra mundial e, sem se deixarem turvar pelo odio levantado entre os povos pelo interesse de uma pequena minoria, olharam-na com espirito profundamente humano. Foi o que fez um Barbusse, um Romain Rolland, um Remarque e muitos outros, trasformando a experiencia dolorosa que sentiam na propria carne numa grande lição de confraternisação universal. Podemos hoje avaliar quanto nos foi necessaria e util essa lição. Temos hoje uma experiencia acumulada que vem de gerações. Sabemos, igualmente, que apezar de ter sido enorme o esforço deles, ainda resta uma grande obra a realizar. Mas, com isso não se pode sentir desfalecimento. É preciso que nos convençamos de nossa missão de esclarecer. Pensemos bem nisto: somos os herdeiros desses grandes filhos da humanidade que, como nós, sabiam que toda a energia do homem pode e deve ser dirigida num unico sentido: a dominação das forças da natureza para uma verdadeira felicidade.

O JAPÃO DESEJA PESCAR NUM RIO REVOLTO

A situação do Japão é atualmente triste. Tão triste quanto a da Italia de Mussolini. Depois de quatro anos de lutas o "incidente" com a China continúa insolúvel e sem perspectivas de solução. Sua crise economica agrava-se, colocando-o numa situação sem saída, que transparece na insegurança e nos zig-zags de sua politica exterior. Alguem já comparou a situação das ditaduras nazistas com a do ciclista: quando pára, cai. Por isso o Japão tomou a iniciativa de proteger alguem. E esse alguem foi a colonia fran-

cesa da Indochina. Agora, para não parar, ele encena qualquer coisa na fronteira sovietica. Ao que parece ele aguarda, apenas, o momento oportuno. Um momento como aquele que encontrou o bravo Mussolini na França em onze de Junho de mil novecentos e quarenta. Mas, supomos que o confuso imperio niponico vai esperar eternamente. A Inglaterra e os Estados Unidos estão fazendo um cerco economico ao emulo de Hitler. Receiamos que numa proxima situação insolúvel o Japão dê alguma cabeçada, indo pescar num rio revolto.

USINA E BANGUÊ: Elementos Da Paisagem Rural Do Nordeste

WALDEMAR CAVALCANTI

A area assucareira do Nordeste possui na sua paisagem dois elementos distintos e mesmo antagonicos pelo espirito, creados por circunstancias especiais da tecnica de produçào: o banguê e a usina.

Todos quanto nascem na região da cana de assucar sabemos distinguir perfeitamente essas duas forças elementares da vida rural de inconfundiveis características economicas, sociais e humanas.

O banguê — a primitiva fabrica de açucar — é um traço, quasi a apagar-se, do nosso passado agrario. A civilização brasileira é sabido que foi plantada á sombra da primeira casa-grande de engenho que se levantou no país pela mão do colonizador audacioso, atraz de fortuna ou de aventura. A nossa historia, não a dos acontecimentos solenes, proprios para comemorações e estilo precioso, mas a dos fatos palpitantes e profundos da vida social — a nossa historia escorre ao longo da historia do banguê.

Toda a engrenagem do regimen patriarcal foi montada no engenho do tempo da colonia, assentadas as suas bases na escravidão e no latifundio. O homem — o negro cativo — foi de inicio o braço indispensavel para movimentar esse aparelho economico. A terra fertil e bõa, de facil conquista.

Até certa epoca o açucar bruto foi tudo na vida do nordeste. Media-se a riqueza das regiões pela potencia de sua produçào. E os homens, como as varzeas, valiam em função do canavial: o senhor do engenho era o todo poderoso que fazia e desfazia, manobrando á vontade com os individuos e com as coisas.

Depois veio a usina, e o apetite do industrialismo sem entranhas começou a comer aos pedaços as terras dos banguês, com uma fome canina. O grande senhor de ontem foi reduzido no seu poderio,

em relação com o novo rico. Murchou a sua influencia. Deante do usineiro baixou a grimpã. As maquinas hoje não são mais aquelas, simples e indolentes, que chupavam cana e botavam no mató para, secar ao sol, um bagaço ainda humido. Vieram maquinas poderosas, que tiram da cana tudo que ela pode dar. E fazem com os homens o mesmo que fazem com a cana.

Um novo tipo de sociedade rural se estabeleceu no nordeste com o advento da grande fabrica moderna. As relações de vida social são outras e bem diferentes. Ontem era a casa-grande: no alpendre o senhor de engenho ouvia os moradores, tirava as suas séstas, descansava ao cair da tarde, junto da familia; na sala de jantar, a mēsa era enorme; a cosinha vivia cheia de gente, unia dois tipos de classes. E perto daí se levantava, pequenina e humilde, a capela de engenho, onde melhor ainda se dissolviã quaisquer saliencias de preconceitos, a sinhá moça tirando as novenas para os moradores acompanharem, os ricos se ajoelhando no mesmo chão duro que os mais pobres dos seus trabalhadores do eito.

Hoje, nem a casa-grande existe mais: em seu lugar foi montado com todos os requintes e fricotes da civilização, o bungalow do engenheiro, as casas de campo dos senhores membros da sociedade anonima.

O que o banguê tinha de doce, tem a usina de ostensiva e fria. Num, a vida era mansa e a cana ainda deixava terreno para os sitios, para as arvores bõas de frutas e sombra; na outra a vida é mais um inferno de dinamismo, as turbinas gigantes amesquinham o homem e o canavial tirano toma conta de tudo.

Esse contraste violento de sistemas de produçào e de vida se revela na arquitetura

rural, nos seus estilos peculiares e tão diferentes uns dos outros: a construçào com dos engenhos é simples e harmoniosa, a casa-grande se esparramando em largos alpendres, a casa de maquinas acachapada, os proprios mucambos sem nenhum traço de arivismismo na sua pobreza imensa: e o que se vê na usina é a linha dura e agressiva, a fisionomia parada e seca dos grandes estabelecimentos industriais, que cada dia mais endurece num formalismo deshumano; sem correspondencia com o meio, resalta forte o seu carater exotico, são construçõe brutas em relação ao meio ambiente, cheio de delicados efeitos e sugestões de beleza pastoril.

Um documento vivo e dramatico, tocado as vezes de um delicioso sentimentalismo, sobre esta situação da paisagem rural nordestina é o livro de memorias que o sr. Julio Belo, velho senhor de engenho pernambucano, acaba de publicar. E' um livro profundamente real e humano, que reforça tudo quanto ficara anotado nos romances de José Lins do Rego.

Foi um dia a aristocracia rural, todo aquele fausto da vida antiga nos feudos agrarios. O banguzeiro de outrora, de chapéu de chile e voz grossa, perdeu a góga de suas riquezas e hoje não passa afinal, de um mané-gostoso nas mãos caprichosas do usineiro. Aquela vida de grande agora é peor que a vida de pobre, cruel pelas decepções e humilhações nos seus tratos com os novos senhores da terra.

Centenas de banguês estão de fogo-morto. A tiririca invade a casa das maquinas abandonada, e o melão de São Caetano cobre vitoriosamente os boeiros. As usinas, estas, cada vez mais prosperas e importantes, queimam o seu imenso charuto, soprando a fumaça insolente para o céu do Nordeste.

A Posição Humanista

Torna-se indispensavel estabelecer com nitidez a posição dos humanistas de hoje, dos partidarios do progresso historico, — perante a literatura.

Há que por em relevo que para o novo humanismo a literatura e a arte, embora desempenhem um papel impor-

Perante A Literatura

tante e seja o mais elevado complemento do homem, não constituem de maneira nenhuma a preocupação fundamental, o assunto mais importante — o **essencial**. Como disse Jean-Richard Bloch (*Naissance d'une Culture*), "a literatura deve ficar no seu lugar, que não é o primeiro". A literatura e a arte não têm um interesse humano tão elevado que justifique a sua entronização, acima dos problemas da emancipação concreta do homem. Muito ao contrario do que alguns fingem supor, para os partidarios do progresso historico os problemas da arte e da literatura são "problemas da encruzilhada" como muitos outros, mas não são problemas primaciais. Para literatos isolados e meditativos; para poetas interioristas e desequilibrados; para escritores que viram as costas á humanidade para se dobrarem sobre o proprio umbigo; para escritores que ostentam o mais vergonhoso desprezo pelos outros homens, pelo povo, por aqueles que lhes fabricam os sapatos os **brioques** e o papel de linho; — para esses, a arte é o fundamental. Diversamente, para os defensores do novo humanismo, para os que sabem que o homem é um animal politico e que por isso para transformar o homem é preciso transformar a sociedade, porque é a sociedade que determina a consciencia e não esta que determina

aquela; para os que não querem os homens divididos em dois mundos e sabem que é possivel uma organização social em que floresça a fraternidade; — para estes a arte não pode mobilizar todos os interesses e todas as atenções. Ha alguma coisa de mais importante do que a arte e a literatura. Ha os homens: uns

que trabalham e não adquirem e outros que adquirem e não trabalham.

Mas pergunta um critico anafado de oleosa trunfa: porque se interessam então pela literatura, porque não confessam antes lealmente que é a politica que mais os interessa e fingem um apaixonado amor pela cultura?

A objeção é tão inconsistente como a brilhantina do critico ou como a sua respeitavel enxúndia. Porque a verdade é esta: pedir-nos que optemos, ou por um interesse puramente **literario** e puramente **artístico** pela arte, ou por um desinteresse pela arte e pela literatura para só nos consagrarmos ás questões de economia e de sociologia — é pretender que **pela arte e pela literatura só se pode ter o interesse deshumanizado, hirto e pedante dos literatos!** Para este senhor os leitores de carne e osso não contam; os leitores que trabalham penosamente oito horas por dia não têm o direito de julgar a literatura decadentista. E, todavia, eles podem dizer aos "mistificadores mistificados", com incontida indignação: os vossos romances, os vossos poemas, os vossos ensaios e as vossas peças de teatro são o produto inevitavel da vossa consciencia; e vós tendes consciencia de filisteus, de homens que "se debruçam sobre um mar de sangue que reflete a sombra de Poncio Pilatos".

O Ensino Primario No

Otimismo de gabinete -- O problema da vocação e a atração do gaz neon -- Dona Isabel é uma bandeirante do ensino -- A enxada, a guerra, os jornais e a cartilha.

Muito se tem feito entre nós no sentido de transformar em realidade a obrigatoriedade do ensino primario, mas ainda estamos longe da meta visada. Um inquerito amplo realizado em todos os municípios do Estado mostraria com numeros a precariedade do ensino atual. Na impossibilidade imediata de um tal inquerito contentemo-nos em tomar um município sertanejo de pequena renda e fazer um ligeiro passeio em torno do seu aparelho escolar.

O "predio", como os habitantes denominam o Grupo Escolar, possui quatro salas onde devem funcionar cinco cursos num só turno, das oito ao meio dia. Embora relativamente novo apresenta inumeras falhas. O soalho cedeu em alguns pontos e chegou mesmo a arrear totalmente em um de dois pequenos quartos destinados a guardar material escolar, potes com agua para os alunos, etc.

Existem oito professoras no município para um população de cerca de 16 mil pessoas. Quatro destas professoras lecionam no "predio" para uns 200 alunos. Uma boa parte deles vem para a aula de lugares situados nos arredores e que muitas vezes distam de 3 e 4 quilometros da "rua", como é denominada a cidade. Esses que moram nos arredores raramente tiram o curso todo que consta de cinco anos. A matricula permanece aberta o ano inteiro, resultando disso um numero elevado de alunos, cabendo cerca de 50 a cada professora. A diretora pro-

Os meninos podem vir fardados ou sem farda, calçados ou descalços.



cede assim para aproveitar a boa vontade dos pais, evitando todos os impecilhos para os que desejam aprender.

Os meninos que enchem as quatro salas são de todas as cores e vestem-se de todos os modos. Os uniformes, que além de economicos têm a vantagem de acabar com as diferenças sociais que se manifestam no vestuario, não podem exercer sua influencia benefica na escola do sertão. A farda custa mais caro que as roupas que já existiam, as roupas usadas que por vezes são recebidas como presente, os vestidos e ternos que milagrosamente surgem de roupas velhas dos adultos. E' por isso que junto á filha de um figurão da cidade, calçando sapatos comprados na Bahia e vestindo modelos de figurinos, senta a filha de um catigueiro com uma roupa pobre e somente um pé calçado. O outro pé talvez esteja doente ou talvez seja apenas um meio de economizar sapato: quando o pé direito estiver gasto ela passará a vir com o esquerdo calçado e o direito no chão.

Aquela confusão de meninos fardados e sem farda, calçados e descalços, de um certo modo

nos surpreendeu. Esperavamos exigencias rigidas e alunos completamente enquadrados nos regulamentos e portarias. Mas a diretora nos esclareceu:

— Veio ordem do Departamento de Educação para facilitar um

pouco neste terreno. O menino pode vir de sapato, tamanco ou alpercata. E até descalço. Será aceito de todos os modos. O mesmo acontece com a roupa. Poderá vir fardado ou com uma roupa qualquer rasgada, e remendada. Só não aceitamos meninos sujos. Podem vir rasgados, mas limpos. Além do mais existe a Caixa Escolar, cuja finalidade é fornecer calçados, fardas, livros, cadernos, etc., aos filhos de pais reconhecidamente pobres.

A CAIXA ESCOLAR

Os meninos cujos pais estão em situação financeira favoravel, concorrem com \$500 mensais para a Caixa Escolar.

— Quantos alunos estão matriculados?

— 186.

Fizemos um desconto de 86 reconhecidamente pobres. Ficava uma renda de 50\$000 mensais para a Caixa. Porém a professora desfez logo as nossas illusões. No sertão todos são pessimistas e ninguem se considera rico. Todos vivem no eterno temor da sêca. A sêca extermina os melhores rebanhos, queima as plantações mais promissoras. Excetuando os funciona-

rios publicos que têm seu ordenado certinho, quer chova quer faça sol, os outros não admitem ser incluídos no grupo dos de "situação financeira favorável". A maioria fica nessa lamentação e acaba não concorrendo.

Alguns pais, compreendendo a nobreza da tarefa que a Caixa se propõe realizar, dão o dinheiro. Outros também não se opõem, mas os filhos, levados pelo natural egoísmo da infância, já não pensam do mesmo modo e dão outro destino á contribuição. Varios meninos se justificam:

— Eu não dou os \$500 da Caixa porque meu pai disse que a Caixa nunca fez nada por mim.

Não compreendem estes pais que justamente porque podem contribuir é que não serão contemplados. Outros entregam aos filhos \$200 ou um tostão e ainda acham que estão fazendo favor.

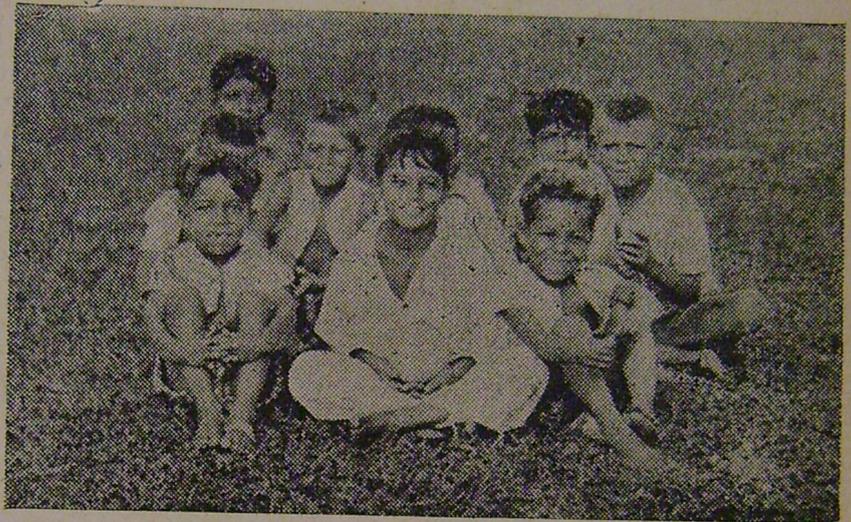
— Quinhentos réis é muito dinheiro, já serve para comprar papel e lápis. Eu não sou milionário nem roubei do governo — defendem-se.

Somente cerca de 50 alunos trazem sua contribuição e a renda oscila entre 20\$000 e 21\$000. Apesar de todos estes entraves a Caixa vem sempre realizando alguma coisa. Uma aluna pobre e muito inteligente, a primeira aluna do quarto ano, ia deixar o curso porque não tinha dinheiro para comprar os livros, e no sertão não ha o recurso das bibliotecas publicas. Então a Caixa comprou alguns dos livros e presenteou-a com eles. Infelizmente porém nem toda a renda da Caixa pode ser destinada a essa obra social. A Escola precisa de giz e esse dinheiro sai da Caixa Escolar (!). Para o futuro a Caixa não poderá mais continuar arcando com esta atribuição que lhe não pertence, e então cada aluno deverá trazer o giz de casa. Mais um encargo para o pobre pai que deseja educar os filhos. Além do mais as despesas com atividades esportivas correm por conta da Caixa que precisa promover estes agradecimentos para os meninos continuarem levando a contribuição.

Quem vai lá perto é que conhece quão ardua é esta luta, e quão diferente da teoria é a pratica. Um alto funcionario da administração estadual, ao passar pela cidadezinha, por uma razão ou outra, interpelou a diretora:

— O Grupo daqui dá "merenda escolar" aos alunos?
— Não senhor.
— Porque não? Para que existe então uma Caixa Escolar?

para sustentar uma familia enorme, o roceiro não pode esperar que o filho fique frequentando a escola até os 14 anos, passando a manhã na "rua". Assim é que tiram os filhos logo que eles chegam ao 2.º e 3.º anos. Ficam apenas os que moram dentro da cidade e assim mesmo muitos destes desistem. O numero dos que atingem o quinto ano é insignificante. A maioria abandona no meio do curso para



Na hora do recreio eles brincam com a bola comprada pela Caixa Escolar

A professora não iria dizer naquele instante solene que a Caixa tem somente 21\$000 de renda para dar merenda escolar a 180 meninos. Supondo um gasto impossível de \$100 por merenda o rendimento de um mês seria ultrapassado em 2 dias. Mas o alto funcionario estudara o problema em seu gabinete, lêra cuidadosamente os decretos e papeis relacionados, concluiu que o menino do sertão precisava de vitaminas no recreio das dez horas, não podia compreender como é que isso não acontecia, de conformidade com os artigos e paragrafos.

A ROÇA E O DIPLOMA

Muitos dos meninos que frequentam o "predio" são filhos de pais que têm roça, que trabalham o dia inteiro e necessitam do auxilio de toda a familia. Desde que o menino endurece as pernas um bocadinho já serve para ajudar chiqueirando as cabras, no plantio e na colheita do feijão, em uma porção de serviços miúdos. Trabalhando

entrar de rijo na luta pela vida. Sobram naturalmente os que têm pais ricos e ficam malandreado pela cidade ou vêm para a Bahia fazer exame de admissão.

Longa experiencia ensinou ao sertanejo endinheirado que os meninos que deixam o "predio" no 2.º ou 3.º ano passam com boas notas nos "severissimos" exames dos colegios da capital. Para que então o diploma?

Outro fator que impede maior numero de diplomas é a idade. A idade escolar é 7 anos, mas nem todos entram para a escola ao atingí-la. Vão para lá mais tarde, e si perdem exames e repetem o ano, quando atingem os 14 têm de deixar os estudos compulsoriamente. As professoras abrem exceção para os meninos de acentuado gosto pelos estudos e bom comportamento. Mas geralmente os rapazotes de 14 anos já querem falar grosso e não obedecem.

De par com estas dificuldades ainda existe o problema do livro. O Departamento de Educação

deixa que a professora adote o livro que quiser. Quando ela tem boa vontade aceita o livro que o menino levar, mas nem todas possuem esta compreensão. Muitas são autoritárias e só aceitam determinado livro, que muitas vezes acontece não existir nas lojas da cidade. E' preciso então mandar buscar na Bahia, e enquanto o livro não chega o menino não vem á aula. Quando a professora é transferida, vem outra e adota novo livro. O negociante fica com o antigo *stock* encalhado, retrai-se, não compra mais livro nenhum.

— E' um negocio que não compensa, esse de livros, cadernos, material escolar. E' melhor vender fazendas ou querozene. — disse-nos um deles.

“O MAGISTERIO E' UM SACERDOCIO”

Quando as mocinhas terminam o curso na Escola Normal deve haver por certo uma grande festa e algum orador empolado que lhes diga, entre mofadas flôres de retórica, que o “magisterio é um sacerdocio”, que ensinar é uma tarefa nobre e santa. Acontece porém que nem todas as mocinhas pensam desta maneira. Elas são mocinhas que pensam em cinema, radio, vestidos, mas só não pensam no sacerdocio e na tarefa nobre e santa. Querem uma cadeira seja onde fôr, para ganhar uma relativa segurança enquanto esperam casar ou arranjar outra coisa — uma cadeira na capital, por exemplo. Essa é a historia de muitas professoras. Levam na cabeça um pouco de Psicologia, Pedagogia, Metodologia, só não levam é idealismo. Ensinam com o mesmo estado de espirito de um funcionario calejado pelos anos de trabalho, datilografando officios.

Quando saem do sertão para iniciar o curso na Escola Normal levam planos belissimos de um dia voltar para ensinar nas fazendas aos filhos dos catingueiros. Mas na cidade grande sucumbem á atração do gazneón. Acostumam-se com a martiné, com o ruído urbano, com o telefone. Estremecem só em pensar numa fazenda perdida no meio do mato, três ou quatro casas em redor de um terreiro. Voltam afinal, premidas pela necessidade de ganhar a vida, mas só pensam no dia em que deixarão tudo aquilo. As outras, as

que acreditam nas palavras do orador empolado, estas prescindem da verbosidade do homem. Trazem de muito tempo o penador pelo ensino. Para este grupo de professoras natas uma sala coalhada de cabecinhas que se inclinam sobre cartilhas vale mais que todos os filmes do galá da moda. Vão para o sertão e de vez em vez encontramos uma. Suprem com dedicação e carinho as falhas dos regulamentos, adaptando-os a cada meio que surge. Mas nem todas são como essas, nem devemos insistir demasiado nas que apreciam as martinées. Quem irá lançar a primeira pedra? O feitiço das cidades grandes é um fenomeno que preocupa os estudiosos das questões sociais. Continuamente, num fluxo que parece nunca cessará, o catingueiro deixa a casinhola perdida para morar na “rua”, o sertanejo deixa a “rua” pela capital do Estado, outros trocam a capital do Estado pelo Rio de Janeiro. E na cidade maior vão se amontoando as levas que se comprimem na angustiosa luta pela vida. Os encantos do sertão ficam apenas nas poesias de Catulo e nas rapidas viagens de férias.

Qual o remedio então? Por todos os meios procura-se cercar de atrativos o trabalho no campo, em todos os paises, como solução para desafogar os grandes centros urbanos. Neste setor também este é o caminho. E um grande passo já se deu, com a padronização dos ordenados realizada pela atual administração. Antigamente uma professora da capital ganhava mais que uma do interior, e então, é logico, toda a sorte de pistolões e empenhos punha-se na rua com o fim de assegurar á mocinha recém-diplomada uma cadeira no perimetro urbano. Hoje isto já não acontece, pelo menos não acontece devido ao motivo financeiro. Uma professora da capital pode ganhar 320\$000 e uma do interior 480\$000. Tudo depende do quadro ou classe ao qual ela pertence e para onde ingressar após um concurso. Assim mesmo muitas preferem ganhar pouco e ficar apreciando o “footing” da rua Chile.

O ROCEIRO NUNCA TEM SALDO

No começo do ano o roceiro resolve que o filho já está em tempo de deixar o jegue e o riacho de lado para aprender a lêr

e a escrever. O compadre, que possui uma loja na “rua”, chamou-lhe a atenção para isso e disse que já era tempo do afilhado ir desasnando. Na casa do roceiro não ha orçamento, não ha saldo, não se pode pensar em economia. Como então preparar o menino? Ele precisará de duas fardas, no minimo, para tirar o ano inteiro. Com fazenda ordinaria e costura em casa, isso não sairá por menos de 16\$000. Um par de sapatos custa 8\$ a 10\$000 e não aguentaria talvez até junho, indo e voltando diariamente por 3 e 4 quilômetros de estrada pedregosa. E ainda ha o lapis, o caderno, o livro, muita coisa. Mas infelizmente a familia do roceiro não se compõe de um só menino. Do tope dele para baixo existem ainda uns cinco ou seis e é preciso alimentar esta gente toda. Então o menino vai mesmo de roupa rasgada, descalço, uma cartilha velha que a filha do compadre deu de presente. O roceiro nunca poderá fardar o filho, nem calçá-lo, nem lhe dar os livros e o material escolar de que necessita. O rendimento dele é incerto e varia com a sêca e com a chuva. Varia com o preço de 2\$ ou 3\$500 que o “prato” de feijão alcançar na feira do sabado, preço que o compadre oferece após a leitura da seção comercial dos jornais que vieram da Bahia. Na semana que ele consegue se alugar 3 ou 4 dias por 3\$000 a jornada, fica satisfeito. Mas isto acontece de raro em raro. O normal é a roça e a roça não deixa quasi nada. Ser vaqueiro também não rende. Os meninos continuam indo para a escola de pés descalços e muitos deles, nos periodos mais negros, sem o café da manhã ou qualquer coisa que o substituisse. E na escola ouvirão uma aula de Higiene onde a professora aconselha a ferver os legumes, a só beber agua filtrada, a procurar alimentos com vitaminas.

Só ao meio-dia o menino voltará para auxiliar um pouco na roça. O pai termina por tirá-lo da escola. Si realmente deseja que o filho aprenda, e si a bolsa comporta o gasto, coloca-o numa escola particular pagando 2\$000 ou 1\$500 por mês. O menino estudará alguns meses ou mais de um ano, sairá soletrando, escrevendo uns garranchos, assinando o nome — e está encerrada sua educação. O resto da vida será na roça de sol a sol, grudado no cabo da enxada, tomando porres

nos dias de feira. Falta-lhe tudo que se recebe mais ou menos a força na escola, mas que constitue a base onde serão levantadas todas as construções ulteriores.

AS ESCOLAS PARTICULARES

São quatro ou cinco dentro da cidade e nos arredores. Não possuem quadro negro, nem cartei-ras, nem mapas. Dona Izabel — uma senhora já velha, tipo de vovó contadeira de histórias — possui uma escola nos arredores. A cunhada dela nos explicou que estava com a casa cheia de me-ninos e não podia mandá-los ao “prédio”, então pediu á dona Izabel que viesse fazer a carida-de de ensiná-los. Dona Izabel veio há 7 meses e, ensinando aos sobrinhos, aproveitou o ensejo e passou a aceitar alunos.

São ao todo 19, muitos dos quais auxiliam os pais das seis ás dez, quando vão para a escola e estudam até meio-dia. Varios deles estavam ausentes na ocasião em que visitamos dona Izabel, ajudando os pais a bater feijão. Nos meses de planta-ção e colheita a frequencia dimi-nue sensivelmente, e identica ob-srvação nos foi feita pela direto-ra do “prédio”.

Na escola particular se vai com qualquer roupa e mesmo sujo. Aprende-se a lêr em tudo e na falta de livro talvez até jornal sirva. Aprende-se no primeiro li-vro de Felisberto de Carvalho, num livro de religião de Jacob Linden, num catecismo, numa Historia do Brasil sem pagina de rosto. Aprendem a lêr, escrever e contar. Dona Izabel nos diz modestamente que não tem “sabença” e apenas transmite o pouco que aprendeu. Fala errado e pos-sivelmente uma aluna regular do 5.º ano do “prédio” sabe mais do que ela, mas só quando começa a ensinar é que vemos todo o valor de dona Izabel, toda a im-portancia que ela tem neste apa-relho escolar brasileiro ainda deficiente, que apenas atende ás necessidades do litoral e deixa o vastissimo interior quasi que entregue aos seus proprios recur-sos.

Entre os alunos vimos um que vende pão enquanto os meninos mais afortunados estão no “pré-dio” estudando. Com o dinheiro que ganha do seu trabalho ele co-labora com grande parte no sus-tento da sua familia. Não exist-e escola noturna, ele apelou pa-ra a escolinha de dona Izabel.

ALEGORIA

ALUÍSIO MEDEIROS

Imensas serpentes de fogo
enroscam-se na Estátua da Liberdade.
Monumentos partidos túmulos erguidos.
As muralhas do século tremem nas bases
e todas as aspirações se anulam.
O' a inconstancia das geografias.
Os ditadores enfurecidos serão tragados
pelas gigantescas corolas das plantas carnivoras
e os homens juntamente com os saxofones
serão precipitados nos abismos.
Misteriosos cavalos galopam doidamente
no infinito deserto de areias movediças.
Em torno de minha cabeça
revoluteiam constelações multicores.
No bojo da tempestade chega aos meus ouvidos
a canção soturna do Volga longinquo.
Um galo de bronze em cima de um cubo vermelho
anuncia o arco-iris que envolve o mundo
e onde brotam bilhões de gira-sois.

Outros pais preferem a escola particular porque nela a palma-toria ainda funciona regularmen-te e no “prédio” as professoras têm idéias modernas sobre edu-cação das crianças, idéias que positivamente as mães sertanejas não aprovam; quando censurada por uma professora uma delas respondeu:

— Está falando da gente!? Não é casada, como pode saber? Case primeiro, minha filha, e depois eu quero vêr você falar em psicologia infantil!

E assim os pais botam os fi-lhos no “prédio” durante a ma-nhã e á tarde colocam-nos em uma escola particular. Querem é vêr-se livres dêles, seja de que geito fôr. As escolas particula-res continuam cada vez mais flo-rescentes.

A TABOADA E AS “PONTAS” DO BOI

Nas quatro escolas que ficam pelo interior do municipio, em arraiais e fazendas, estudam os filhos dos vaqueiros e moradores de perto. Lá, as distancias au-mentam. Por vezes os meninos andam uma légua para atin-gir a escola. Então os pais dei-xam-nos em casa. Vaqueiro não precisa de taboada — refletem — precisa é de muita agilidade para se livrar das pontas do boi.

Em linhas gerais, o panorama do ensino primario no sertão é esse que vimos. Com ligeiras va-riantes ele se repete pelos muni-cipios de pequena renda e até pelos mais importantes. Milha-res de meninos crescem analfa-betos. Crescem trabalhando a terra ingrata, suando, fazendo filhos e mais filhos que depois viverão o mesmo ciclo penoso dos pais. Quando os meninos crescem vão para o “prédio” ou para a escola particular, passam um ano estudando, deixam tudo. Para que sertanejo quer mais? raciocinam. Sertanejo precisa é trabalhar com a enxada, lidar com o gado, e não perder a ma-nhã inteira durante cinco anos para depois de tudo isso voltar á enxada iguaisinho aos que nunca saíram da roça e nunca sentaram os fundilhos rasgados nos bancos do “prédio”. Mas eles pensam assim porque quasi todos os esforços que fizeram — êles ou outros por êles — fracassa-ram diante da angustiosa neces-sidade de se assegurar o pão de cada dia. E' preciso ir buscar o menino pobre em sua casa para ensiná-lo, facilitando tudo que fôr possivel, e não ficar á espera que o menino frequente a escola por alguns meses e depois abandone-a, premido por circunstancias superiores, por imperativos que ele sozinho não pode superar.

NASSAU E OS INTERESSES NATIVOS

ANTONIO FRANCA

NAS capitâneas mais prosperas observamos os primeiros indícios de resistência nativista á dominação e á exploração colonial. As populações do nordeste, em princípios do século XVII, florescem, entregues á industria do assucar e, em menor escala, á do algodão e do tabaco. Pernambuco foi ponto visado pelos holandeses, após a devastação da Bahia, por constituir o celeiro mundial do assucar, naquela época. Portugal se achava em seu declínio e a colonia estava entregue á propria sorte. Depois de sete anos de lutas contra os holandeses, Pernambuco recebeu com esperanças ao Príncipe de Nassau, cujas promessas de reconciliação dos interesses se fizeram positivar pelo carater progressista que logo imprimiu á sua administração.

A Assembléa de 1640 reuniu representantes dos senhores rurais e dos comerciantes urbanos; não era, contudo, uma assembléa cem por cento democratica, porque o artesanato livre, do mesmo modo que os agregados e, certamente, os escravos não estavam representados. Era, contudo, uma assembléa burguesa. Nassau, realmente, trouxera para Pernambuco, muito mais do que Portugal desde o descobrimento, a cultura européa. Os princípios de liberdade por que lutava a burguezia na Europa contra a super-estrutura feudal em decadencia, se refletiam na orientação politica que trouxera o Príncipe. A Assembléa de 1640 foi uma tentativa vitoriosa para conciliar os interesses urbanos com os interesses rurais. A tolerancia do Príncipe, a rapidez com que executava os seus planos, a pronta organização de suas conquistas, fez voltar em breve a prosperidade á capitania. O commercio de Pernambuco com a Holanda, realizado sob o monopolio da Companhia Holandesa ultrapassou o que a capitania fazia com Portugal anteriormente. Nassau fundou ainda uma bela cidade. Sua administração auxiliada por homens de valor que trouxera em seus sequito, apesar de se ter de ajustar as prescrições do seu contrato com a Companhia, deu ao nordeste uma forma de governo calcada na sua prospera realidade economica.

O impulso que tomava a riqueza local impelia por sua vez a Nassau no sentido da formação de uma "monarquia particular". Era, sem duvida, uma aspiração de independencia nativista, que colidia com a letra do contrato com a Companhia. Os planos indecisos da "monarquia particular" de Nassau se apoiavam neste impulso de prosperidade que reivindicava a liberdade de commercio e abertura dos portos, a par de outras reformas sociais, a perfeita tolerancia religiosa, a paralização da maquina clerical repressiva, a reforma da educação e ensino. Estes projetos

se confirmam nas alegações da carta de Nassau.

Os interesses da riqueza local que encontravam em Nassau um veiculo de desenvolvimento, graças á sua politica progressista, e até certo ponto um representante, chocavam-se com os interesses economicos da Companhia de Comercio. Como resultante deste conflito, tivemos a retirada do Príncipe para a Europa, a volta ao regime da pirataria. Novo periodo de guerras, durante o qual succumbiram as aspirações nativas para se porerem em evidencia as rivalidades comerciais entre Portugal e Holanda. A metropole portuguesa, após a Restauração, procurava fazer mão firme sobre a colonia. Lutas religiosas, panacéa que arvorada em estandarte, entregava ás mãos do clero estrangeiro, administrativa e politicamente inepto e despotico, inquisitorial e fanatico, os destinos e os interesses das populações nativas.

A verdadeira historia do Brasil não é a historia das tribus indigenas, nem dos dominadores de toda a procedencia, mas a historia dos que de qualquer origem se fixaram na região para explorar a terra, para trabalhar, viver, cruzar, procrear e deixar decendencia, desligados de todo vinculo estranho, sem dependencias externas atravez das quais as riquezas produzidas eram canalizadas para fóra. A cultura e a civilização mundial vêm com a dominação estrangeira e tornam-se auxilio de que se servem os nativos para melhorar o seu trabalho e reivindicar a liberdade.

As polemicas sobre Nassau, que se renovavam sempre, ha muitos anos, têm sido sufficientemente construtivas para evidenciar que os interesses da patria nacente não estavam nem com Holanda nem com Portugal, mas contra Holanda e contra Portugal, e encontraram, por certo tempo, indecisamente, em Nassau um defensor passageiro, para ficarem mergulhadas durante as lutas que se seguiram ao seu embarque. Podemos e devemos homenagear a Nassau como um administrador estrangeiro que, embora representante de uma dominação, pensou um momento ligar suas ambições pessoais e seu espirito progressista aos anseios nativos determinados pelo florecimento economico do nordeste.

Os interesses locais ficaram esmagados por forças estranhas mais poderosas, ás quais se aliavam as forças reacionarias e o clero estrangeiro. Sobre os ombros da capitania caíram, ainda, após a "vitoria" de Portugal sobre a Holanda, as dividas de guerra: 120.000 cruzados estipulados por Holanda e aceitos por Portugal para dar por acabada a questão.

VIDA E OBRA DE DESCARTES

PAUL LABERENNE

Ha cerca de trezentos anos que apareceu em Leyde, Holanda, o "Discurso do Metodo para bem conduzir sua razão e procurar a verdade nas Ciencias". Esse pequeno tratado cuja importancia foi tão grande na historia do pensamento humano, era seguido por tres "ensaios científicos": a "Dioptrica", os "Meteoros" e a "Geometria" dos quais se fala muito menos e que contêm, não obstante, nas matematicas e na fisica, descobertas muito notaveis.

O autor destas quatro obras, René Descartes, cuja fama até então limitada a um pequeno circulo de amigos ia de um só golpe conquistar toda a Europa, nascera em 1596, em La Haya (hoje La Haya-Descartes) pequena aldeia de Touraine situada no limite de Poiteau a uns vinte quilometros de Châtelleraut. Sua familia paterna, da pequena nobreza, pertencia principalmente ao mundo da magistratura, mas Descartes contava tambem entre seus ascendentes medicos e ricos comerciantes.

Sua existencia, não obstante, esteve longe de ser tão tranquila como permitiam estas tranquilas origens. Ao terminar seus estudos, aos vinte e dois anos, escolheu a carreira das armas. Na qualidade de gentilhomem voluntario (quer dizer, sem receber soldo e conservando sua liberdade) serviu durante anos na Holanda, na Alemanha, na Bohemia e até na Hungria, sob diversos comandos. Esta era para ele, sobretudo, uma ocasião para percorrer o mundo. O officio de militar, na realidade, não lhe agradava, não porque carecesse de valor, e sim porque os individuos do meio lhe pareciam pouco estimaveis e já preferia a companhia dos sabios ás suas.

Em 1621, abandona o exercito, mas continúa viajando através da Europa, desde as costas do Baltico á Italia, não sem fazer frequentes visitas aos Países Baixos que eram então a vanguarda do progresso, economico, intelectual, e tambem politicamente, posto que constituíam uma verdadeira republica federal burguesa. Regressa de vez em quando á França, mas ali sofre a indiscreção dos seus amigos e desconfia do cume intempestivo e a meudo perigoso das numerosas congregações religiosas que acabam de se crear para lutar contra o calvinismo e outras heresias. Por isso, decide, em 1629 instalar-se nesta Holanda protestante onde se sente muito mais livre do que no seu proprio país. Permanecerá ali vinte anos, embora mudando umas quinze vezes de residencia, e se consagrará á procura e á meditação, ocupando-se alternadamente da musica, da gravidade, de optica, de matematica, de filosofia, de fisiologia e de medicina. Ali redigirá, depois do "Discurso", as "Meditações", que apareceram em 1641, os "Princípios de Filosofia" (1644) e o "Tratado das paixões" (1649) aos quais convem acrescentar duas obras postumas: "O tratado do homem" e o "Tratado do mun-

do", que a condenação de Galileu o dissuadiu de publicar e do qual só nos restam fragmentos.

Em 1649, a rainha Cristina pede-lhe insistentemente que vá á Suecia ensinar-lhe filosofia. Ele cede, não sem pesar, ás suas continuas solicitações. Mas Stocolmo surpreende-o pela brutalidade do seu clima e morre de uma pneumonia em fevereiro de 1650, á idade de cincoenta e quatro anos, sem haver tido tempo para realizar os seus grandes projetos.

Esse gosto pelo novo, essa perpetua e ás vezes aventurada curiosidade do mundo, esse amor cimento pela liberdade pessoal, que revelam, com o voluntario exilio de Descartes, sua breve e curiosa carreira militar, suas multiplas viagens e até sua completa incapacidade de permanecer muito tempo no mesmo lugar, encontram-se, igualmente, nas obras do filosofo. O "Discurso do Metodo", por exemplo, como se disse frequentemente, traduz essencialmente no plano intelectual, as reivindicações da burguesia desta epoca, que era então a classe progressista e dentro da qual a magistratura constituia uma especie de elite. Mas ele as traduz com uma nitidez e uma ousadia inegalavel no seculo dezesete e que fazem de Descartes, tanto nestes dominios como em muito outros, um verdadeiro precursor.

Numa epoca em que a igreja catolica lutava encarniçadamente contra o espirito critico surgido do Renascimento, em que fizera queimar na fogueira, por suas ideias filosoficas, a Giordano Bruno, em Roma, em 1600, a Vanini, em Tulosia, em 1619, a Fontanier, em Montpellier, em 1621, e que acabava de impor a Galileu, em 1633, então septuagenario, uma abjuração humilhante, Descartes, embora se proclamando respeitoso discipulo da religião romana atrevia-se a declarar abertamente que seu primeiro preceito era não receber jamais nenhuma coisa por verdadeira até que não a visse evidente como tal.

A' ingenua fé da Idade Media, opunha a duvida metódica e o recurso sistemático da razão. Mas afirmava ao mesmo tempo que esta razão "é naturalmente igual em todos os homens" e para dar mais ressonancia ao seu pensamento, não vacilava em abandonar o latim, lingua habitual dos trabalhos filosoficos, para escrever em francês, de maneira a atingir com mais certeza o vasto publico e "as boas gentes" do seu tempo.

O "Discurso" contem assim, de uma vez a proclamação dos direitos da razão e da igualdade teorica entre os homens, quando são seres razoaveis. Tem, pois, um conteudo indubitavelmente revolucionario. Mas a luta entre o velho mundo feudal e o jovem capitalismo burgues não atingira ainda nesta epoca um grau bastante agudo para que Descartes pensasse ele proprio de tirar dos seus principios as consequencias politicas que pereberam tão claramente, pelo contrario,

nas vésperas da Revolução de 1789, os pensadores do século seguinte.

As mesmas considerações históricas permitem compreender de um modo mais geral a falta de unidade profunda que se manifesta a meudo no sistema aparentemente coerente de Descartes. Sob a influência do desenvolvimento do maquinismo, este inventa explicações atômicas puramente mecânicas (e necessariamente bastante ingenuas, dado o escasso desenvolvimento das ciências nesta época), que devem, segundo ele, dar conta de todos os fenômenos físicos e biológicos, inclusive o comportamento dos animais (teoria dos animais-máquinas). Chega até a descrever, e isso pela primeira vez nos tempos modernos, contrariamente à Genese, uma evolução do universo na qual a terra e os diferentes astros teriam se formado de modo natural sem intervenção divina. Mas, ao lado destes conceitos extremamente audazes, continua, não obstante, partindo do seu celebre princípio: "Penso, logo existo", querendo demonstrar a existência de uma alma humana e de um ser supremo que teria criado primitivamente a matéria e o movimento, que teria estabelecido pelas leis eternas, o que, por outra parte, serviria de garantia à nossa razão.

Nisto, também, será necessário esperar uma centena de anos para que os filósofos do século dezoito abandonem esse Deus criador, e esta alma distinta do corpo, que Descartes herdara do passado, e comecem a construir sistemas mais coerentemente materialistas (mas sempre exageradamente mecanicistas). A Física de Descartes vencerá, pois, definitivamente, a sua metafísica. Por outra parte, esta física não poderia, sem injustiça, ser reduzida ao atomismo mais simplista que é a meudo sua forma exterior. Neste domínio, o autor do "Discurso" teve o imenso mérito de afirmar com uma clareza e uma força nunca atingidas

até então, a possibilidade de reduzir todos os fenômenos naturais a leis numéricas; teve também a extraordinária ousadia de querer, ele só, construir uma "matemática universal" em que todas as ciências seriam reduzidas a relações e proporções.

Foi trabalhando neste sentido que inventou, entre outras, a geometria analítica na qual o emprego de eixos de referência permite realizar uma síntese profunda entre a geometria e a álgebra. Esta descoberta, graças à qual se podem tratar pelo cálculo os problemas de geometria, e, inversamente, representar graficamente as variações de uma função algébrica, constitui umas das bases das matemáticas modernas.

Sempre no mesmo sentido, contribuiu para o desenvolvimento da ótica e concluiu na "Diótrica" a teoria das lentes astronômicas e de "lentes de pulga", isto é, dos microscópios. Foi o primeiro também que deu em "Os Meteoros", uma explicação correta do arco íris e dos vapores que se observam às vezes ao redor do sol ou da lua.

Independentemente da sua filosofia, seus notáveis trabalhos científicos teriam bastado, pois, para assegurar-lhe uma glória duradoura. Sem dúvida poderá reprovar-se-o, a este propósito, uma certa sub-estimação da importância da experiência e uma confiança demasiada grande nas teorias explicativas baseadas unicamente no emprego da razão, embora Descartes sabido estivesse muito longe de aplicar sistematicamente os princípios do Descartes filósofo, e que tenha sido, na ocasião, um excelente experimentador. Mas nunca se insistiram bastante, pelo contrário, sobre a idéia verdadeira, humana que tinha do papel da ciência. Para ele, uma teoria sem aplicação concreta, estava desprovida de interesse e sonhava sobretudo com uma "filosofia prática, pela qual conhecendo as forças e a ação do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos rodeiam... poderíamos tornar-nos amos e possuidores da natureza".

Longe de ser, assim como trataram de representá-lo certos professores reacionários, um sabido medieval, Descartes parece-nos, pois, muito ao contrário, muito próximo aos representantes contemporâneos do verdadeiro espírito moderno, pela missão nobremente utilitária que ele assinala à ciência, por seu esforço por construir uma física matemática, como por sua afirmação dos direitos imprescritíveis da razão. Poucos pensadores exercem, de fato, uma influência mais profunda sobre o movimento ideológico dos séculos posteriores... A Convenção de 1793 que deificou a razão, projetou muito acertadamente, render uma solene homenagem ao pai do racionalismo francês, transportando suas cinzas ao Panteon, mas não teve tempo de realizar este projeto. Festejando dignamente a Descartes, na ocasião do terceiro centenário do "Discurso", o povo francês celebra a lembrança dum daqueles que mais fizeram no mundo pela causa da liberdade do pensamento e que para um melhor porvir conduziram a humanidade, trabalhando pelo desenvolvimento da ciência.



Os rifles de 4º novo exercito subsidiado pelo governo podem ser alguma coisa; mas são antigos "manulichers" já tão gastos que estão quasi inúteis. Notam-se bandeiras brancas fincadas em barris — costume que mais tarde os estragará. Vêm-se granadas de mão mais abaixo, à esquerda.

PROBLEMAS DA BAHIA

O IMPOSTO DE RENDA NA BAHIA

Observando-se as estatísticas do Imposto sobre a Renda no Brasil, vê-se que esse imposto vem apresentando um certo progresso. Senão vejamos: enquanto o total da arrecadação no país, de janeiro a abril de 39, foi de 21.633:587\$000, esse ano foi de 45.222:082\$000 para o mesmo período. Isto significa que houve um acréscimo de mais de 50%. Para esse aumento de 23.588:495\$000 contribuíram as seguintes unidades federadas: Amazonas e Acre com 107:969\$000; Pará com 131:420\$000; Maranhão com 43:638\$000; Piauí com 67:175\$000; Paraíba com 144:267\$000; Pernambuco com 1:376\$000; Sergipe com 66:433\$000; Espírito Santo com 46:246\$000; Rio de Janeiro com 372:445\$000; Distrito Federal com 13.848:620\$000; São Paulo com 5.673:359\$000; Paraná com 63:611\$000; Santa Catarina com 365:879\$000; Rio Grande do Sul com 532:669\$000; Mato Grosso com 86:447\$000; Goiás com 52:233\$000 e Minas Gerais com 860:864\$000.

Vê-se que somente quatro Estados não foram mencionados: Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas e Bahia. E' que esses Estados tiveram diferenças para menos, durante esse período de janeiro a abril de 1940, de 52:793\$000, 98:056\$000, 86:469\$000 e 112:955\$000, respectivamente.

Dentre todos estes Estados que tiveram diferenças, neste período, para mais ou para menos, o que nos interessa analisar é o Estado da Bahia, é o nosso Estado.

Segundo dados estatísticos a renda arrecadada deste imposto no Estado, entre 35 e 38 foi a seguinte:

Ano de 1935	5.764:742\$500
" " 1936	6.393:848\$700
" " 1937	7.621:305\$000
" " 1938	9.646:475\$700

Ora, estamos diante de um notável desenvolvimento progressivo do imposto de renda em nosso Estado. No entanto, só se constata esse desenvolvimento até 38. Já em

1939 a renda arrecadada desce a 9.397:477\$200. Ha, portanto, uma diferença para menos de 39 para 38 de 258:998\$500. E durante os quatro primeiros meses deste ano houve ainda uma diferença para menos de 112:955\$000 comparativamente ao total arrecadado no mesmo período em 1939. As arrecadações para os dois períodos foram: de 876:450\$000 para 39 e de 763:459\$000 para 40. Vê-se que a curva decrescente se acentua com bastante vertiginosidade.

E' o caso de se interrogar que fatores vêm influenciando tão poderosamente para essa diminuição acentuada do imposto de renda na Bahia?

Vejamos aqueles que achamos possíveis:

a) crises — Realmente depois da primeira guerra têm havido varias crises cíclicas. E estas crises têm produzido os seus efeitos desastrosos na economia do país. Se se pensava ser a crise de 29 a maior, vê-se que depois de uma ligeira ascendencia nos negocios economicos, processou-se uma queda brusca, que, partindo de 37, teve como resultante essa segunda guerra mundial. Mas, essas crises, tendo um caracter internacional, refletem-se em todo o país com a mesma intensidade. Logo não é o nosso Estado que sofre somente os seus efeitos. São todos os Estados. Assim acontecendo não é este o fator predominante.

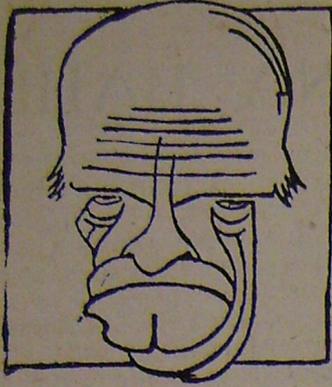
b) efeitos da guerra — De fato, os efeitos dessa segunda guerra, são profundos na economia nacional. Veja-se que perdemos os mercados da Alemanha, da Tchecoslováquia, Holanda, Belgica, Noruega, Polonia, França, Dinamarca, Italia, Finlandia e Suecia. Isto significa prejuizos de milhões de contos. E' preciso que essa questão seja mais bem refletida e que não nos enganemos. As consequências são as peores possíveis e se agravam cada vez mais. No entanto, envolve todos os Estados e não exclusivamente um só Estado. Assim

sendo, não se pode considerá-las como exclusivas da Bahia.

c) estiagem — E' outro fator que pode produzir uma redução de renda mas, mesmo assim não é possível se levar em consideração. Assim acontece porque não é unicamente o nosso Estado que está sujeito a estiagens prolongadas. Os Estados de Pernambuco, Paraíba e Sergipe também estão sujeitos ao regime de secas e longas estiagens. No entanto, estes Estados arrecadaram respectivamente as seguintes quantias: no período de janeiro a abril do ano de 39 — 918:040\$000, 114:008\$000 e 49:588\$000; enquanto que para o mesmo período em 40, temos — 2.294:531\$000, 258:275\$000 e 116:021\$000. Vê-se que foi realmente considerável o aumento da arrecadação nestes Estados. Está, portanto, fóra de discussão também este novo fator.

d) o retraimento de capitais — Esse é o ultimo fator que se pode contar para uma análise, afim de se observar essa diminuição do imposto de renda no Estado. Pensamos que além do ultimo é também o que vem determinando essa situação de decrescimento na arrecadação desta renda. E não pode ser outro. E' isto mesmo: os capitais bahianos se mantêm tímidos. Ha mesmo um profundo retraimento. Parecem receiosos em tentar uma aplicação conveniente. Hoje estão sendo empregados em três fontes principais: em apolices federais e estaduais, em depositos bancarios e em empreendimentos em outras regiões do país. E' de se pensar que os capitais bahianos não possam ter necessarias garantias em seu proprio Estado.

No entanto, é a Bahia um dos Estados do Brasil que mais necessitam de capitais. Todas as suas riquezas ainda estão por se desenvolver. Se assim acontece, como não facilitar, por todos os meios possíveis, o emprego de capitais? Essa seria a mais justa politica economica para o nosso



Temos lido todas as obras de Ortega y Gasset. Temos procurado mesmo fazer em profundidade. Mas, nada fazemos sem um sentido crítico. É muito importante. Principalmente hoje deante de tanta confusão. Esta atitude nos levou á seguinte conclusão: Ortega y Gasset pode ser tudo, menos um filosofo como sempre procura se apresentar. Não é nada mais que um refinado pseudo pensador de superfície. Aliás, existem hoje muitos assim. Infelizmente esta é a verdade.

Uma "filosofia" vulgar e tendenciosa

O senhor Ortega y Gasset surge agora apregoando novas idéias. Segundo ele são novas teorias filosoficas. Que teorias novas serão estas? Nada mais que isto : as novas teorias que ele pretende apresentar como suas, não são outra coisa senão uma simples vulgarização de uma chamada nova filosofia.

ORTEGA Y GASSET - UM

JULI WENDE

Essa filosofia vulgar e racista que já sabemos de onde vem. A isto se reduzem as suas pretensões. No entanto, ele apregoa com um grande alarde como "criação de uma filosofia totalmente nova", de uma "original teoria do conhecimento" e de "uma revolução na historia do pensamento humano".

Vejam, em poucas palavras, a que concepções do mundo e da vida quer nos conduzir o senhor Ortega y Gasset. Em certos países, principalmente da velha Europa, uma série de tendências têm surgido no pensamento procurando adquirir uma forma definitiva e sistemática. Isto não tem acontecido, porque em tal estado de coisas, não é mais possível se chegar a uma verdadeira síntese. E idéia sem síntese, não é verdadeira idéia, é sermão encomendado. Estas tendências se apresentam em maior grau onde a crise geral e espiritual do mundo moderno se tem mais acentuado. São eles os que hoje procuram difundir nervosamente, como quem se encontra em perigo, esse aborto do conhecimento. Isto vem sendo estruturado, com distintas denominações, por certos filosofos finalistas, como March, Avenarius, Bergson e Gentile, até ser arrematado em certos meios oficiais sob os nomes de fenomenologia e existencialismo com Max Scheler, Husserl, Bohm, Heidegger e o "milagrosamente" ressuscitado Kierkegaard.

Em que consiste afinal a doutrina de todos esses "filosofos da moda"? O que os distingue, sobretudo, é sempre uma característica comum: o seu odio selvagem á ciencia e a toda forma racional do conhecimento. Essa nossa etapa historica, tem isto de comum com a antiga idade média em suas épocas mais lamentáveis. Henri Wallon dizia, em uma significativa conferencia, que a sociedade foi se integrando progressivamente até um conhecimento cada vez mais perfeito de todas as suas questões: a ciencia moderna, com sua racionalidade maravilhosa, e o grau que temos alcançado neste processo. Porém certas formas politicas — segundo ainda o proprio Wallon — nos recordam as experiencias psicologicas de Sherrington. Si se corta a médula ao nivel do bulbo, todo o organismo fica totalmente livre dos mecanismos irracionais. Do mesmo modo os teóricos destas correntes pretendem ver a salvação para a sociedade, no seccionamento e na destruição do cerebro científico a que a civilização moderna deve todas as suas conquistas positivas e no qual deposita toda esperança no presente, como no futuro.

Direitos de autor que Ortega não respeita

Esta filosofia, em todas as suas

O Imposto De Renda Na Bahia

Estado. E' que ela significa o seu proprio desenvolvimento. E, portanto, o seu necessario progresso.

Mas, esse decrescimo que vem se processando não acontece unicamente com o imposto de renda. Também a arrecadação geral da Alfandega vem sofrendo o mesmo declinio. Enquanto no periodo de janeiro a abril de 39 foi arrecadada a importancia de 12.812:726\$000; em 40, no mesmo periodo, a arrecadação só chegou a atingir 11.911:621\$000; o que representa uma diferença para menos de 901:105\$000. Se é o imposto de selo, vemos que em 1937 atingiu a soma de 9.785:940\$700, descendo em 1938 para 9.337:643\$000, para se elevar um pouco mais em 1939 com o total de 9.465:754\$200. Se de 39 para

38 ha uma diferença para mais de 128:111\$200, em compensação de 39 para 37 ha uma diferença para menos de 320:194\$500. Logo, pode-se ver que a diferença para mais de um ano, foi absorvida totalmente pela diferença para menos de um outro ano. E ainda resta um saldo negativo de 192:083\$300. Mas, não fica somente aí. Vai mais além. O imposto de consumo também se encontra em decenso. Segundo dados estatísticos o imposto de consumo de todo o Estado foi, em 1939, de 10.708:666\$000, no periodo de janeiro a abril. Já em 1940, no mesmo periodo, esse imposto baixava a 9.439:350\$000. Ha, portanto, uma diferença para menos, de 1.269:316\$000.

Note-se que todos esses impostos têm sido aumentados. Veja-se que o rigor fiscal se

acentua cada vez mais. No entanto, as suas rendas vêm decrescendo dia a dia, em nosso Estado. Esse acontecimento carece ser observado com a devida atenção. E' que significa uma estagnação da nossa economia. Assim nos parece. E não só uma estagnação, mas também um retrocesso. O fenomeno é profundamente delicado. E', na realidade, a resultante de um desajustamento de todas as forças de produção. Precisamos, pois, vêr claro e de modo objetivo. E não trepidar em afirmar: o nosso Estado está atravessando uma formidável crise economica. Só partindo deste principio de verdade, é que poderemos procurar as verdadeiras soluções afim de sanar os males que hoje assolam o nosso grande e rico Estado.

modal
nalis
resul
mais
do, cl
excele
"O n
ções"
moder
muito
ticas
se afi
orient
vante
com
simple
Em
balhos
que
vez n
nos é
em 19
perdi
rém t
que C
o que
fez, c
pois n
tulo p
anteri
Mais
vencer
"o hon
deu o
homem
motiv"
tencial
gundo
express
1916. I
import
o "neo
Marbur
manha
de Hus
"existen
que pr
o adver
atual. A
ajudou,
to a es
Logo
mas de
mam ás
ces. Por
litico na
sica, o l
coinciden
co, nem
co..."
Este "
é, na re
encontran
talmente
dora. E'
em cada
aperfeiçoa
a um hor
sempre se

UM PENSADOR VULGAR

modalidades, é sem sentido e finalista, porquanto o presente lhe resulta hostil e o futuro muito mais hostil ainda. Neste sentido, chamamos a atenção para o excelente trabalho de Lefebvre: "O nacionalismo contra as nações". Aqui, este notável filósofo moderno procede uma crítica muito justa a estas características ideológicas. E Ortega não se afasta um só instante dessa orientação. Aliás, com a agravante ainda de não contribuir com nada de original. É um simples repetidor. Nada mais.

Em um de seus últimos trabalhos, Ortega começa dizendo que "o homem perdeu-se uma vez mais". Se a memória não nos é infiel, Kierkegaard disse em 1850 que "o homem havia perdido a sua existência". Porém tudo nos induz a pensar que Ortega não aproveitou bem o que disse Kierkegaard. E se o fez, carece de ética profissional, pois não é correto repetir a título próprio o que outro disse anteriormente.

Mais adiante nos procura convencer, mas sem resultado, que "o homem é uma flecha que perdeu o seu alvo". Isto de que "o homem se perdeu", é o "leitmotiv" de toda a filosofia existencial alemã. Com efeito: segundo Ortega, esta metáfora foi expressa pela primeira vez em 1916. Esta data é sumamente importante, pois por este período o "neokantismo" da escola de Marburgo foi substituído na Alemanha pelo "fenomenologismo" de Husserl e seus satélites e o "existencialismo" de Heidegger, que prepararam ideologicamente o advento do regime alemão atual. A filosofia de Kierkegaard ajudou, inegavelmente, em muito a esta transformação.

Logo expressa Ortega: "as formas de não saber que fazer, tomam às vezes estranhos disfarces. Porém, sabe que fazer o político na política, o físico na física, o lógico na lógica? Que coincidência! Não sabe o político, nem o físico, nem o lógico..."

Este "não saber o que fazer" é, na realidade, o não saber o que fazer no mundo em que nos encontramos, que se debate brutalmente em sua agonia destruidora. É não saber o que fazer em cada instante, num contínuo aperfeiçoamento para se elevar a um homem mais perfeito que sempre sabe o que fazer. Este

"não saber o que fazer" de matemático, do físico, do lógico, do filósofo, é cair numa atitude contemplativa, justificando sempre essa posição e o estado de coisas atual. Ortega se olvidou, profundamente do que em "A Rebelião das Massas", dizia sobre a nova geração: "É não conhecer o homem, esperar que possa ouvir sem se exaltar com esta chamada a um novo fazer, quando, no entanto, não tem uma verdadeira bandeira, alta-neira como a nossa, para desfraldar à frente".

Suas "idéas" e suas "crenças"

Quasi sempre Ortega pede socorro a um outro sistema, que não é mais do que uma continuação de suas idéas. Este é o sistema de "Idéas e Crenças", onde afirma que a primeira já as temos e que na segunda já estamos. Quanto à ciência afirma que não é coisa que se possa levar a sério. Felizmente, Ortega nunca entrou em preocupações nas questões científicas... Mas, neste sentido, Viekhändt disse muito antes de Ortega, que as idéas são inferiores por seu valor às crenças, sendo as primeiras a forma de conhecimento da sociedade e as segundas a forma de conhecimento da comunidade.

Diz ainda Ortega: "em toda nova instauração da filosofia se dá um passo para trás... A filosofia vai se retrogradando constantemente"... É muito lógico que Gasset não possa dizer outra coisa da filosofia, se recordarmos que desde Hegel a filosofia oficial não mais produziu nada de realmente renovador. Sem embargo, Ortega tem muita razão ao afirmar que a filosofia fica atrás: isto é evidente si se refere à sua própria "filosofia".

O mundo "enigmático"

Um trabalho do senhor Ortega termina com estas palavras: "vemos agora no centro da próxima filosofia, como realidade radical, a vida trágica de cada um de nós". Além de lamentarmos pelos direitos de autor de Heidegger, que não foram respeitados, cabe-nos agora nos compadecermos da senhora Maria de Maeztú que disse certa vez: "a tragédia é que o mundo marcha, que existem momentos na história que se procura detê-lo, mas não se pode

infelizmente deter. Esta é a tragédia". Aparte ao agradecimento por esta explicação da senhora Maeztú, ficamos profundamente sentidos ao saber que ela passa como professora de filosofia. Que grande tristeza. E os seus alunos devem sentir muito mais ainda...

Diz ainda o "nosso pensador", como uma grande coisa: — "o mundo é um enigma, algo obscuro, ao qual responde o homem com suas teorias, seu mundo matemático, seu mundo físico. Estes sim são mundo, porque têm figura. Podem se comparar com a realidade e ver em que grau nela se ajustam". O enigma é evidentemente o que diz Ortega, pois resulta obscuro que comparemos nossas teorias com uma realidade que se define como desconhecida.

As palavras finais de uma conferência de Ortega foram as seguintes: "para saber o que é hoje o homem basta saber o que ele foi". Sim, para saber o que é hoje Ortega, basta conhecer os seus antecedentes. Recordemos os seus juízos em "Meditaciones del Quizote", nos momentos em que o expansionismo germanico lutava na primeira guerra para uma divisão do mundo:

"Germanizadas a Italia, a França e a Espanha a cultura mediterranea deixa de ser uma realidade pura e se transforma em germanismo".

"Por que o espanhol se obstina em viver anacronicamente consigo mesmo? Por que se olvida de sua herança germanica? Sem ela, não ha duvida, padeceria um destino equivoco. Atraz das frações mediterraneas parece esconder-se, o gesto asiatico ou o africano, e neste, nos olhos, nos labios, asiaticos ou africanos, iáz como coisa adormecida a besta infrahumana, prestei a invadir a fracção inteira".

As suas proprias declarações o pintam admiravelmente. Ortega se apresenta com seus ares de pensador transcendental, a exercer o vicereinado de inatingiveis pretensões intelectuais. Parecemos com um idolo. Mas, os ídolos são sempre de barro, que é um material de constituição muito fragil. Por esse lado tenho pena do senhor Ortega. No entanto, por outro lado, é preciso ensinar-lhe que não somos absolutamente um rebanho de estupidex, para aceitar as suas chamadas "idéas e crenças": essa nova idade media do pensamento.

A INTELIGENCIA E A CRISE

AFRANIO COUTINHO

Talvez nenhuma outra época histórica, além daquela que exigiu a reação medicinal de Sócrates, é comparável á nossa no que tange á dissolução interior sofisticada de que sofre. E' sem duvida a mais grave ameaça para o futuro da civilização humana, e não a que lhe movem as potencias de ferro e fogo, ou, na bela expressão de um poeta, "as forças medusadas pelo odio elementar" (Augusto Frederico Schmidt). A grande revolução reside acima de tudo na onda colossal que submerge o mundo por uma invasão de negações, de demissões, de fugas á responsabilidade. A maior crise do mundo atual é a da cretinização universal, a da perversão do pensamento e das consciências, a da intenção de tudo subverter, não respeitando nem mesmo os santuarios invisíveis da alma, da intelligencia, da consciencia moral. E' a revolução da palavra, pela intensa e geral prostituição do vocabulario humano, pela inversão de seu significado e do proprio senso comum.

O mais triste sintoma da crise do espirito é o conformismo dos homens representativos, o silencio da intelligencia, é a fuga á responsabilidade de falar, de testemunhar em favor da verdade, do espirito, da palavra, o que quer dizer, em favor da liberdade. E o que é mais tenebroso ainda é que os homens de intelligencia coloquem as suas armas livres a serviço das potencias que, penetrando em seu reino, pretendem destrui-la de dentro, pela escravização, pela dissolução interior, pela literatura dirigida, pela arte orientada, pelo pensamento traduzido em "slogans", em palavras de ordem, em frases prontas. O maior golpe de psicologia que dão os inimigos do espirito consiste em não combatê-lo mas absorvê-lo, canalizá-lo e dirigí-lo para o seu serviço, em seu proveito. Interessantes são as mascaras que eles colocam ao rosto para dissimular os verdadeiros desígnios e melhor conseguir a adesão voluntaria daqueles que os servirão com as suas preciosas reservas espirituais e só floresce em uma atmosfera livre. As energias morais e o sentido dos valores eternos são hauridos somente no contacto com este ar puro e fecundante.

* * *

Esta reivindicação da liberdade do espirito, salvaguarda da vida humana, expressa na liberdade de escolher um Deus e amá-lo, na liberdade de movimentos da consciencia, da intelligencia e da escolha de valores morais; esta reivindicação de uma missão socratica para o homem de pensamento em nossos dias, esta exigencia de uma larga meditação metafisica afim de que se processe a reabilitação do pensamento, se combata a prostituição do vocabulario, se restaure a intelligencia em normas e bases metafisicas, de modo a torná-la apta, pela produção de valores e de beleza, a uma tarefa social de restauração geralmente humana, emprestando-lhe assim muito maior responsabilidade perante o destino da civilização; este ideario humanista que tem sido ha anos uma idéia fixa do escritor que assina o presente ensaio, foi ainda agora objeto de um largo e vibrante requisitorio em audiencia muito mais vasta, dirigido por um famoso poeta ame-

ricano da geração atual contra os escritores e estudiosos do seu país. Archibald Mac Leish, acusado de tendencias esquerdistas, mas amigo particular do presidente Roosevelt, que lhe dedica especial preferencia como fonte de recreio e inspiração pessoal, pertence á equipe mais nova, de vanguarda mesmo, da literatura americana, que, beneficiarios do trabalho anterior da revolução estética contemporanea, encarnada nos Estados Unidos entre outros por Gertrude Stein, Amy Lowell, O'Neil, Robert Frost, Sandburg, se caracteriza por uma extrema liberdade, uma desenvoltura singular em face a tudo que se define por herança ou tradição. Aquela revolução, tendo começado pela poesia com a figura já remota de Whitman se perfaz hoje em dia em todos os ramos de uma jovem literatura de carater verdadeiramente nacional e autonoma. Um William Carlos Williams, um Allen Tate, um Ransom, um William Saroyan, um Faulkner, um Thornton Wilder, um Mac Leish testemunham a força e a originalidade desta nova literatura americana que reabilita no mundo o espirito "yankee".

A obra mais importante de Mac Leish é um grande poema épico de mais de cem paginas dedicado a cantar a emoção dos conquistadores europeus que fizeram a travessia dos mares na direção do Ocidente para a conquista da "cidade esplendida e formosa da eterna esperança humana". A sua obra, "Conquistador", canta em versos ditirambicos a aventura da conquista e colonização da America.

Há dois anos foi Mac Leish nomeado, contra a opinião e o protesto da classe de bibliotecarios profissionais da America, para dirigir a Biblioteca do Congresso em Washington, e o espirito largo e curioso que o estimula já deu uma prova com a fundação da Sala Hispanica, destinada ao estudo das letras e erudição hispano-americanas. Pensamento generoso e compreensivo de quem vê no continente americano um destino consideravel no processo histórico do futuro talvez mesmo na obra de conciliação ou de fusão entre os espiritos do Ocidente e do Oriente, e sobretudo visão aguda de quem sabe a unidade americana residir não numa planificação de fóra para dentro, ou de cima para baixo, porém na compreensão reciproca, no aprofundamento das variedades locais, na propria captação das diversidades, dos focos regionais de cultura, pois nenhum continente talvez possua menos essa unidade em bloco tão almejada pelos politicos superficiais, ou por alguns sub-intelectuais de suburbio literario.

O que demonstra ainda mais a gravidade do espirito de Mac Leish, a sua visão da verdadeira função da cultura e que ele exprime através de uma intensa e variada atividade intelectual, é a sua posição em face ao mundo. Ele é dos que exigem um aproveitamento das energias criadoras do espirito não somente na interpretação da crise como na sua solução. O seu pensamento a respeito, contido por exemplo no livro "America Was Promises", em versos livres, é um apêlo lirico ás reservas de idealismo da America, contidas

na sua Constituição e nas mensagens humanitárias dos seus grandes homens símbolos e traídas tantas vezes pelos homens de negócios, políticos e burocratas. Póde-se dizer que a posição de Mac Leish não é absolutamente política, e não está situada nos quadros contingentes da atualidade. É antes uma atitude sentimental, filosófica e moral. Não resulta de pensamentos de segurança política, porém de considerações mais largamente humanas, sinceramente humanas, hauridas na consciência da liberdade e dos direitos da pessoa humana.

* * *

Esta atitude que se reflete no pensamento do presidente Roosevelt, Mac Leish ha pouco trouxe novamente a publico em um artigo, impresso depois em livro, que causou enorme repercussão nos meios intelectuais norte-americanos, e está sendo distribuído em espanhol e português pelo resto da America. Trata-se do ensaio "Os Irresponsáveis" (divulgado pelo Departamento de Cooperação intelectual de Washington), dirigido aos intelectuais americanos, aos quais o poeta increpa grande parte de responsabilidade pela defecção do espirito em face á revolução nihilista, revolução de negações, que se desencadeou pelo mundo.

Uma noção fundamental para os homens de responsabilidade intelectual em nossos dias, e perante a qual eles fazem geralmente ouvidos moucos, é a de que a crise do mundo não é um fenomeno local, europeu, nem tão pouco puramente material, questão de melhor distribuição de riquezas, terras ou produtos. Mac Leish, como todo espirito percuciente, aponta o carater da crise como essencialmente revolucionario e o seu ambito como universal.

De fato, apesar da natureza polemica do seu tremendo panfleto, não deixa de ser justa a acuação de Mac Leish. Presos, em sua maioria, nas redes mesquinhas da politica literaria, das rivalidades, dos contra-choques de ambições, das conquistas de gloriólas, os homens de letras dos nossos dias, e se pode afirmar que o mal se estende a todos os paises, se deixam subordinar a toda sorte de interesses egoisticos, servindo ás potencias que lhes podem favorecer ou aparando as migalhas que sobram do imenso banquete dos poderosos, no que esquecem ou comprometem o supremo dever de atuar em beneficio dos valores perenes que constituem a essencia da historia humana. Além disto, como ele mesmo o diz, "nada mais característico do intelectual de nossa geração do que a sua incapacidade para compreender o que se está passando no mundo." O burguesismo mental, seccionando em zonas estanques a sua vida de escritor da sua vida de homem, eximindo-os do risco, secou-lhes as fontes criadoras e inutilizou-lhes as antenas do espirito tornando-os ausentes do tempo.

A oportunidade de sua objurgatoria não se faz sentir apenas na America, onde as condições de vida tornam a sua exigencia mais ampla e mais profunda. Todavia, por toda a parte o que ele chama "a revolução das mafias" tem criado

a mesma condição mental, a forma pela qual se exprime a imensa revolução mundial dos espiritos, a mesma tendencia á abstenção, á capitulação previa, á demissão, á retirada sucessiva diante do fato consumado, quando não de adesão, conciente e canalha ou inconciente e covarde, diante das forças da violencia e da mentira desencadeadas contra o espirito.

A angustia de alguns homens de pensamento requintado e que confirma a regra geral observada, é um fenomeno que está atingindo feição explosiva, e a ela não é de certo estranha a série de falecimentos dos ultimos meses. Aparelhos nervosos de extremada sensibilidade, não resistiram á carga formidavel que foram obrigados a suportar e explodiram. Um Bergson, um James Joyce, e sobretudo o caso mais tipico do suicidio de Virginia Woolf, patenteiam esta assertiva. Porque, como afirma o poeta americano, a revolução presente é acima de tudo "*uma revolução de negações, uma revolução de desespero. É uma revolução surgida da miseria pelo temor da miseria e da desordem pelo horror da desordem. É uma revolução de bandos, uma revolução negativista. E o inimigo que pretende destruir é o que, em todas as épocas e civilizações se tem oposto ás revoluções de bandos — o dominio da lei moral, o dominio da autoridade espiritual, o dominio da verdade intelectual. Para estabelecer uma revolução negativista, cujo unico objetivo é o poder, cujo unico meio é a força, é necessario destruir primeiramente a autoridade dos ditames invisíveis da mente. É necessario destruir as cousas criadas pelo intellecto*".

A grande traição dos homens de letras atuais é que "nem uns nem outros querem responsabilizar-se pela cultura que lhes é comum, nem responder pela sua defesa". Está mais ainda em mobilizar-se em proveito desta revolução, em não saber resistir ás suas solicitações. Incompreensão absoluta do seu papel. Vida intelectual para eles é "uma guloseima com a qual se podem deleitar" ou "um ornamento, uma joia", para a conquista da consideração social ou do beneficio economico e politico. Não é possivel acompanhar totalmente o desenvolvimento da argumentação severa de Mac Leish, nesta analise do processo de "perversão do criterio intelectual", e do crime dos intelectuais, homens de letras ou eruditos, homens que procuram no culto do belo, do passado ou dos segredos da natureza um refugio contra o dever de presença, uma fuga á responsabilidade de seu papel, crime que ainda é mais assustador naquelles que abdicam das suas prerrogativas nas algebras da cultura dirigida.

O seu eloquente apêlo visa uma retomada de posições, afim de que o intelectual encare de frente as angustias do momento com espirito grave e concorra para eliminá-las. Não se deve interpretar este pensamento como a reivindicación para a inteligencia de uma posição dirigente exclusiva, um truste do cerebro, uma republica de poetas como queira Platão, porém como a exigencia de uma responsabilidade maior para os criadores de simbolos e valores.



(Reportagem de ARISTON ANDRADE)

ACELERA-SE, dia a dia, a campanha da aviação. País das grandes distancias, de grupamentos humanos disseminados a espaços dilatados, de cidades e centros de agricultura distanciadissimos em tempo, país de deficientes estradas e litoral vastissimo para uma frota de poucos navios, terá de depôr no avião a confiança de quasi totalidade do seu futuro como nação perfeitamente organizada. Terá de entregar suas rotas comerciais e de guerra ao transporte que dispensa estradas e pontes, tuneis e viadutos, que economisa dinheiro e tempo, aproximando cidades, vilas, rios, campos e florestas que se alongam, assombrosamente, através de horizontes brutais, de distancias astronomicas.

Em tempo, porém, a mentalidade brasileira tomou conhecimento do importante fato. Oportunamente enxergou a vital correspondencia que liga o destino dos povos á aviação — tanto a civil como a militar — e, juntando esforços, terminou pela criação de um ministerio especial afim de supervisionar os empreendimentos aeronauticos

que, de agora por diante, multiplicam-se e, certamente, multiplicar-se-ão. Compreendeu-se, afinal, que o aeroclubismo tem sido, em todos os países, a solução numero um para conservação de uma mocidade afeita aos rigores do perigo, a escola ideal para a formação de homens destros na pilotagem, arrojados e, sobretudo, uteis á comunidade da nação, em tempos de paz, em tempos de guerra.

O que antes foi escrito em letra de fôrma sôbre a necessidade de aviadores, na França, na Bélgica, na Holanda e em outros lugares, passou, hoje, a ser verdade axiomática que os rigores da guerra estratificaram e sublimaram em fatos.

A' custa do insucesso destes povos — que não imitaram a Alemanha nem seguiram o exemplo da Russia — vem o Brasil tentando aprender. E aeroclubes fôram e vêm sendo creados no Rio e em São Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Sul, em Goiás e Amazonas... Constróem-se campos, multiplicam-se hangares. O ritmo das maquinas ganha os céus dia a dia. E', realmente, um movimento ge-

ral e que entusiasma a todos!

Mas, na Bahia... E' duro dizer: a aviação estacionou. Cruzou cepticamente os braços e parece satisfeita com os exitos alheios, talvez na desencansada esperança de que o grande impulso, vital e verdadeiramente macho, parta de fóra para dentro...

VERDADE OU PERFDIA?

DE quem esperamos? Por que esperamos? Qual o motivo escondido que faz do Aero Clube da Bahia uma instituição quasi inutil? Por que só agora, após três anos quasi de fundado, é que o Aero Clube da Bahia dá á luz uma turma de pilotos? Qual o motivo dessa infecundidade?

A resposta a tudo isso não é coisa facil. O problema é complexo e talvez tenhamos de ferir suceptibilidades, violar tabús, desmornar pirâmides de preconceitos, de "snobismos"... Mas, é da Biblia: "Conhecerás a verdade, e ela vos libertará".

E' buscando os "campos de concentração" onde tudo isso prolifera que iremos (nós e

os leitores de SEIVA) ao encaço da verdade — si uma reportagem der para tanto...

A atitude inicial, em nossa busca, deve ser dirigida no sentido de atribuir uma possível inexistência de ajuda oficial ao Aero-Clube da Bahia.

Isso é verdade?

Em segundo lugar — numa boa hipótese — culpar o Aero Clube por não haver, possivelmente, pedido o auxilio de que necessita.

E isso é verdade?

Em terceiro lugar, então, citariamos a acusação, que por aí lançam, de que a pasmaçeira, a falta de brevetamento de turmas de pilotos, a crise do Aero-Clube da Bahia, enfim, cabe a um certo grupo que, interessado em constituir-se numa "aristocracia" de brevetados, numa elite de aviadores, portanto, tonenta o desanimo, em prejuizo de dezenas de moços pobres que ardentemente desejam brevetamento.

E, si a hipótese é verdadeira, com que meios conseguem esse fim?

O AUXILIO OFICIAL

DADOS os elementos dessa "caçada temeraria" procuremos, agora, a trilha que nos conduza até ao póco onde bebem as aves da verdade: Está o poder oficial auxiliando o Aero-Clube? Eis a nossa primeira indagação.

Diretores e membros daquele clube, quando procurados pela reportagem de SEIVA, disseram que o governo da Bahia concedeu a verba de 30 contos, por todo o ano corrente. E, comprovando a declaração, acrescentaram data e numero do Diario Oficial em que se registra a verba concedida. E de fato lá estava a subvenção dada ao Aero-Clube entre os auxilios de 15 contos, ao Jequié Tennis Clube; 15 contos, á Escola Remington e 20 contos, ao Clube Hipico, afim de que tais instituições possam cumprir as suas altas finalidades, como sejam o tenismo e o hipismo (!)

Como vemos, o Aero Clube da Bahia foi amparado. Amparado com 30 contos. Igualmente o foram o Aero-Clube

de Goiás, com 200 contos e o de Pernambuco, com 3 aviões, naturalmente pelos governos dos seus respectivos Estados. Ultimamente, com a ampliação ascendente de importancia e o numero sempre crescente de candidatos á pilotagem, o sr. Agamenon Magalhães ampliou a doação do seu governo mandando vir, dos EE. UU., mais seis aparelhos, sendo que, dois destes, com equipamento completo, inclusive radio-telefonía e telegrafia.

Ao que parece, ou melhor, nisso não ha duvida, o auxilio é diminuto. Em relação ás subvenções concedidas ao tenismo e ao hipismo a ajuda prestada ao Aero Clube é irrisoria, já que raquetes e cavalgadas não resolvem o nosso mais imediato e mais premente problema, — o transporte — nem prepara homens para a defesa nacional.

De referencia, aliás, ao cuidado que se vem dando ao aeroclubismo, o plano do governo de Pernambuco vai mais adiante: o sr. Agamenon tem em mira o aproveitamento dos pilotos do Aero-Clube de Recife na futura rêde aerea do Estado.

DESLEIXO E IGNORANCIA

APRIORISTICAMENTE poderá alguém perguntar porque o nosso Aero-Clube não solicita maior subvenção. Porque não mostra fatos e apresenta argumentos. Porque não diz que a sua despesa anual, — mesmo com apenas 280 horas de vôo realizadas, em quasi três longos anos de fundado — vai acima de 48 contos! Porque não constrói um campo de pouso mais proximo da cidade, de facil acesso e onde o povo possa vêr — vêr com os olhos — aviões e aviadores em plena ação. Porque não utiliza hidro-aviões, já que possui os flutuadores necessarios, accessorios esses que custaram nada menos de 20 contos! Porque não lança uma campanha de animação com o fim de derrotar a onda de ceticismo da opinião publica...

De investigação a investigação chegamos á conclusão de que o principal fator que concorre para o desfaleci-

mento do Aero Clube, e desvirtuamento de suas finalidades essenciais, é a distancia existente entre o centro urbano e o campo de treinamento. Situado em Santo Amaro do Ipitanga, a 30 quilometros do elevador, sobre ser incomodo e dispendioso para os esportistas — pois o transporte é carissimo — o publico não toma contacto com os treinamentos, o que ocasiona a ignorancia total da população por tudo que diga respeito á aviação.

Isso traz consequencias mais graves do que se atribua: a impossibilidade da formação de uma mentalidade aeronautica no bahiano, sobretudo o desleixo dos poderes publicos para com o aeroclubismo, o que acreditamos seja menos deliberação do que fruto da propria situação de nebulismo em que se encontra a aviação, aqui.

"NÃO SOMOS ARISTOCRATAS"

EM continuação, procuramos os rapazes do Aero Clube da Bahia para esclarecimentos. Com a palavra Alberto Muiylaert Gonçalves, diretor-tecnico, nos disse:

— E' inteiramente falsa, além de absurda e ridicula, a suspeita de que estejamos formando minorias aristocraticas, elites de pilotos, etc. O que há são fatos e esperamos demonstrá-los por seu intermedio. E nos passou a lista dos sete pilotos brevetados por ocasião da visita do sr. Salgado Filho, com dados bastante elucidativos sobre idade e condição social de cada um deles, assim: Alberto Costa Lima, 18 anos, estudante; Alberto Gonçalves Muiylaert, 29 anos eng.º civil; Salvador Domingos Sapucaia, 18 anos, estudante; Antonio Souza Rêgo, 29 anos, comerciante; Cordeiro Victor da Silva, 26 anos, funcionario publico; Carmilton Pater-nostro Guimarães, 27 anos, eng.º agronomo e Gillis Ferdinand Enderlein, 41 anos, comerciante.

Ainda rebatendo as acusações citadas, continuou: "Pela lista acima — que constitue a primeira turma brevetada — vê-se que a heterogeneidade das condições sociais

dos pilotos atesta a inexistência de uma lite de "apadriñados". Eles não foram escolhidos deliberadamente, para constituir uma turma, e sim brevetaram-se primeiro porque primeiro se inscreveram no curso, tal como agora pretendemos instruir mais 25 moços si, naturalmente, houver, ajuda mais decidida por parte dos poderes oficiais. E o que nós queremos não é absurdo, nos diz ainda Alberto Gonçalves. Ficariamos satisfeitos com o campo, oferecido pela Prefeitura, e com maiores subvenções e hangares, doados pelo governo do Estado. O resto seria feito com os nossos próprios recursos, tal como ultimamente procedemos, reduzindo o custo de hora de vôo, que era de Rs. 160\$000, para 120\$000, cota esta só oferecida por dois ou tres clubes... E, note-se, tal

medida visa, justamente, abrir possibilidades mais amplas aos alunos pobres...

— E quanto ao campo, cogita-se em localisalo mais proximo á cidade, já que este é o principal fator para alevantamento do clube e intensificação de brevetamento?

— Sim. Assunto capital para os nossos destinos, logo que o prefeito Neves da Rocha prometeu doalo (por desapropriação de terreno necessário e construção), pensamos localisalo em Paripe, a principio. Mas como os prados daquela localidade estão sendo reservados para o futuro Matadouro do Estado, conforme fomos informados, além de relativamente afastado do centro urbano, o que não resolveria o problema portanto, optamos pelos terrenos de Pituba, nas imediações do local conhecido pelo

nome de "Chega-Negro". Ali a planura e a estrutura geologica do sólo prestam-se maravilhosamente para um aerodromo modelar, sem grandes despesas e a pouquissimos minutos do centro urbano. Conseguido isto — finalisa o diretor técnico do Aero Clube — cremos ter, resolvido, definitivamente, o mais ingente e vital problema que entrava a aviação da Bahia.

E aqui ficam as observações da mais alta boavontade, do proposito mais sincero de colaboração afim remover as dificuldades que acometem o Aero Clube da Bahia, tão mesquinhamente esquecido, tão malsinadamente exposto aos rigores de uma situação financeira realmente agonizante.

NEGOCIAÇÕES NIPO - AMERICANAS

Foi comemorado recentemente o aniversario do pacto tripartite e, segundo espalharam os telegramas, o programa das festividades foi reduzido pelas autoridades japonezas. Os comentaristas logo relacionaram estas medidas com o desejo japonês de tornar publico que não seguirá Hitler incondicionalmente; ou, o que afinal vem dar no mesmo, um passo para facilitar as negociações do almirante Nomura com o presidente Roosevelt.

Após a excursão de Matsuoka pelos paizes do Eixo e aliados ocasionais, houve uma reviravolta na politica japoneza.

De repente Matsuoka foi despedido e Konoye surgiu capitaneando um gabinete composto exclusivamente de generais e almirantes, e foi espalhado o proposito niponico de redobrar a politica de violencia. Veio o caso da Indo-China e o perigo de uma expansão japoneza na direção das Indias Holandezas. Foi quando apareceu a reação anglo-americana e o cerco economico. Privar o Japão do seu comercio com a America do Norte teve mais efeito que duzias de discursos partidos da Casa Branca. Os capitalistas japonezes fizeram pressão. En-

tão o almirante Nomura, embaixador niponico em Washington, foi procurar Roosevelt para entregar-lhe uma carta do principe Konoye e entabolar nego-

ciações afim de ser feito um completo ajuste das questões do Extremo-Oriente.

A crença geral é que só será possivel um ajuste com a retirada completa dos soldados japonezes da China. Esta proposta porem não agradou o Japão, que está disposto a fazer concessões, mas não a abrir mão de todas as posições conquistadas. Um acordo entre os dois paizes que não implique numa derrota quasi total de todos os esforços japonezes nos ultimos 5 anos, só poderá ser conseguido com o sacrificio da China, e isto o governo americano certamente não fará, embora ele esteja tão interessado em fazer o acordo quanto o principe Konoye.

O peor porem é que o impasse continua e os militares pedem uma guerra com a America. Não é mais possivel conciliar os interesses anglo-americanos com os japonezes. O choque poderá ser adiado, e assim mesmo nenhum acontecimento indica que isso deve obrigatoriamente acontecer. O mesmo desespero que fez Hitler lançar-se contra a Russia poderá lançar o Japão contra a Siberia ou envolve-lo em qualquer outro golpe espetacular.



O Mikado cunha as medalhas dos seus herões com o sangue e a dor dos chineses.

ESQUEMA

SOBRE A ORGANISAÇÃO

NA AGRICULTURA

JOÃO NITÃO

1 — *Novos Rumos Para A Agricultura* — Fazer agricultura hoje em dia, não é mais como outrora. Já é muito diferente. Não é possuir formulas empiricas como aquela da carta de Pero Vaz Caminha de que *plantando dar-se-á nela tudo...*, mas, sim, aplicar os principios scientificos que podem permitir que se atinjam os fins desejados. Não se pode aproveitar um solo ou incentivar a cultura de uma determinada planta, sem o conhecimento exato da essencia do problema que se levanta na propria organização da iniciativa. Isto é: sem a determinação exata de todos os fatores que definem a sua eficiencia ou não eficiencia. Este é o unico criterio que deve presidir as operações agricolas orientadas num sentido racional, isto é, pela ciencia. Infelizmente, porém, em nossa agricultura nacional, essa orientação tem sido quasi que por completo, despresada. E o resultado vem sendo o peor possível. Assim é que podem ser verificados inumeros insucessos, com graves prejuizos para a nossa economia particular, como também para a propria economia nacional.

2 — *O Que Representa A Rotina* — Disse José Ferreira Teixeira: "A nossa noção sobre agricultura não transpôs ainda os limites acanhadissimos do empirismo rotineiro; não existe uma sistematização de conhecimentos teoricos e praticos, uma educação profissional, não só para a habilitação na pratica da industria, que o lavrador adotou para dela auferir o seu bem estar, como também não tem o preparo necessario para defender o seu produto pelos processos comerciais, geralmente admitidos". Assim falava um dos pioneiros da organização para a agricultura. Foi no começo deste nosso seculo. Destes movimentos iniciais da lavoura, surgiu a lei 979 de janeiro de 1903 e seu re-

gulamento 6532 de junho de 1907. Apesar de passados tantos anos, a situação da lavoura se apresenta com o mesmo aspécto daquele periodo. Pouco ou quasi nada mudou.

Quem em nosso paiz pretende dedicar-se á exploração de um produto qualquer, não obedece a nenhum preceito científico. Tem a terra, e planta o que acha que deve plantar. Isto tem determinado uma notavel quantidade de fracassos. Estes são, portanto, devido quasi que exclusivamente á rotina. Essa forma arcaica de exploração agricola, lembra de certa forma os metodos utilizados pelo feudalismo. E' um dos fatores que mais têm contribuido para o retardamento de um justo desenvolvimento em nossa agricultura.

Talvez a nossa agricultura haja sido instituida em bases, que na época, eram as mais aconselháveis. Somos até mesmo levados a crer nisto sinceramente. No entanto, hoje isto já não mais acontece. São passados 400 anos e o conhecimento humano tem se desenvolvido de modo extraordinario. Basta dizer que as verdadeiras bases da agricultura racionalizada foram lançadas durante a ultima metade do seculo XIX e a primeira metade do seculo XX e continua em constante desenvolvimento e transformação. Os horizontes se ampliam cada vez mais. Nada tem, como muitos pensaram e alguns ainda pensam, um sentido estatico e parado.

Portanto, em face dos recursos modernos fornecidos pela ciencia, a nossa agricultura se nos apresenta um organismo pejado de falhas e empirico. E' mesmo oneroso e deficitario tanto para a economia particular, como para a economia nacional. A sua reforma, em bases modernas, racionais portanto, se impõe como uma medida imperiosa á defesa da nos-

sa propria economia. E' preciso a substituição da cultura "extensiva", pela cultura "intensiva". Este é inegavelmente um problema que já não mais admite protelação.

3 — *Fracassos Na Agricultura Nacional Por Falta de Orientação Técnica* — Realmente, os maiores fracassos em nossa agricultura têm sido em grande parte por falta de uma orientação técnica objetiva. Alguns exemplos podem ilustrar esta nossa afirmação. E não só ilustrar. Também mostrar, de um modo decisivo, que não se deve despresar assim impunemente as indicações da ciencia. Na verdade, esta é que nos permite *saber para prever, afim de prover*.

Foi anunciada muito justamente a campanha do trigo nacional. De fato, não se justificava de maneira alguma que o nosso paiz não produza trigo. Aqui, aliás, já se produziu muito. Hoje, no entanto, o que fazemos é muito importar. Deante disto, é preciso fazer com que se produza trigo mesmo em grande quantidade, porque as nossas necessidades serão sempre maiores. Mas, que se faça em bases racionais. Nunca em sentido empirista. Temos um exemplo: fez-se propaganda para que o Estado de São Paulo produzisse trigo. Os paulistas se animaram. Era, na verdade, uma nova saída para a crise do café e a instabilidade da cultura algodoeira. No entanto, depois de algum tempo chegou-se á conclusão de que pelo menos na situação atual, não é possível plantar trigo naquele Estado, porque as condições ecologicas são absolutamente desfavoráveis. Achamos que com a pratica sistemática da iarovi-sação pode se produzir trigo em São Paulo. Mas, essa pratica, por sua vez, depende de muitos fatores. Tudo indica que no momento atual não existem, de fato, possibilidades.

Outro exemplo, igualmente característico da inadvertencia, foi aquele das plantações de coqueiros no Municipio bahiano de Camassary. Organisaram-se

Salvemos a Cultura



Heinrich Mann é, como León Feuchtwanger, outro grande escritor alemão perseguido por Hitler, pelo crime de ser anti-nazista e por trazer em si a origem judaica. Está refugiado na França, onde continua sua luta pela cultura e pela liberdade. Por isso, Mann está ameaçado de ser entregue pelos capituladores do governo francês, ao governo alemão. Aos intelectuais de todo o mundo cabe o dever de contribuir para a sua salvação. Esta será uma notável contribuição à causa da cultura universal.

as plantações. Gastou-se muito dinheiro. Só depois de tudo isto, chegou-se à conclusão de que os solos não eram propícios para esta cultura.

Em todos os ramos da atividade agrícola nacional, encontram-se exemplos típicos que bem caracterizam a falta de orientação científica na organização. Veja-se também o grande caso da borracha nacional. Isto tudo tem resultado num lamentável desperdício de dinheiro e de energia.

A cana de assucar produz assucar em quantidade insuficiente. O café tem um índice de produção ainda muito baixo. O algodão ainda não tem fibras estandarizadas. O cacau, além de uma baixa produtividade, vive assolado por molestias. Isto somente em se tratando das nossas grandes culturas. Observando-se a situação das pe-

queñas lavouras, chega-se á seguinte conclusão: acham-se em condições verdadeiramente lamentáveis. Esta é que é a realidade existente em nossa agricultura.

Si procurassemos, porém, enumerar aqui todos os casos de insucesso na agricultura nacional consequentes do desconhecimento, quasi absoluto, das ciencias applicadas á esse ramo de atividade economica, em que nos encontramos, relataríamos a sua propria historia. Este, no entanto, não é o nosso objetivo. Lembramos estes casos para mostrar que a falta de conhecimento das coisas brasileiras tem, muitas vezes, anulado as melhores intenções e que, si persistirmos nesse pernicioso erro, ainda de consequencias muito mais graves, serão fatalmente infrutíferas as iniciativas a serem tentadas com o fim de atenuar a repercussão da crise mundial.

4 — *A Técnica Deve Orientar As Atividades Na Agricultura* — Por isso a agricultura está exigindo uma melhor organização. E' a sua perfeita racionalização para uma produção mais eficiente, mais economica e á custa do menor esforço dispendido pelo trabalhador agrícola. Mas, para tanto, torna-se necessario adotar melhores metodos, providos totalmente de uma técnica moderna e eficiente. E' justamente este o característico que a civilização moderna impõe á agricultura.

E' preciso reconhecer, como vimos ligeiramente, que têm sido inumeros os insucessos agrícolas devidos quasi que exclusivamente a este modo anti-científico de proceder. E veja-se que isto tem contribuido, em grande parte, para retardar o desenvolvimento da nossa agricultura e arrefecer as iniciativas daqueles que se esforçam pela nossa grandeza.

Devemos ter sempre presente o que muito bem afirmou o prof. D. H. Rolfs: "O Brasil está pagando um tributo muito pesado com a demora em estabelecer principios economicos acertados, quanto á sua riqueza principal que é a agricultura". O estabelecimento desses "principios economicos acertados", está de todo subordinado á propria organização da agricultura.

5 — *Organização E Direção Da Propriedade Agricola* — A organização e direção de uma

propriedade agricola, é um problema de grande importancia. E' preciso considerar que a nossa agricultura se torna, dia a dia, mais comercializada. E não podia deixar de ser assim. E' o proprio progresso moderno que atinge todos os setores de atividade humana. No entanto, esta forma comercial de agricultura exige dos fazendeiros conhecimentos mais gerais. Assim é que o fazendeiro tem forçosamente de deixar o sentido atrofiante da economia fechada em si mesma, característica do feudalismo, estreitando cada vez mais as suas relações com as transações não só nacionais, como internacionais. Isto exige por sua vez um mais rigoroso ajuste na combinação dos fatores de produção: terra, braços e capital. E' claro que isto está sempre de acôrdo com as culturas a serem exploradas.

Assim, portanto, a organização da agricultura deve começar pela fazenda. Essa é a chamada organização de baixo para cima. Somente desse modo ela poderá subsistir. E' que neste sentido, a organização encontra bases profundas para se apoiar firmemente. Isto é que é preciso ver antes de tudo. Outra questão como resultante: isto haverá de determinar uma nova mentalidade social na propria agricultura, pela liquidação de metodos antigos, com a supremacia de metodos científicos, assim que a sua verdadeira utilidade seja realmente demonstrada. Esta será a verdadeira ligação que deve sempre existir entre a teoria e a pratica. A sua unidade tem trazido inegavelmente os maiores proveitos para a humanidade. O mesmo acontecerá também dentro da organização e direção da agricultura.

6 — *Esquema Para Uma Organização Agricola* — Esta é a verdadeira base: o problema fundamental da agricultura, é a organização. Outra não pode ser a diretriz que traga em si uma afirmação que se caracterise por seu elevado grau de honestidade e coerencia. Assim, pois, a agricultura requer hoje uma organização perfeitamente científica. O seu exito depende, na verdade, de varios pontos essencialmente basicos. Em sentido coordenado, mas esquematicamente, são os seguintes:

- operações de administração
- operações técnicas
- operações comerciais

- operações financeiras
- operações de segurança
- operações de contabilidade.

Uma ligeira observação, mostra que as operações de administração representam de fato o eixo de todas as outras operações. E' que elas trazem em si a função de prever, organizar, dirigir, coordenar e controlar. E' por assim dizer a propria "cabeça" da organização. Enquanto que as outras são os "membros".

Observemos agora as funções de cada uma dessas outras operações necessarias para uma organização agricola. Temos para cada uma delas o seguinte esboço:

a) — *operações tecnicas* — cabe não só produzir, como fabricar e transformar da melhor maneira possivel. Para que se produza bem, se fabrique bem e se transforme bem, é preciso conhecimentos tecnicos. Isto chama-se fornecer á organização todas as applicações da ciencia ao ramo agricola. E fornecer isto é contribuir de modo eficaz para o aperfeiçoamento cada vez maior do produto. Nada mais necessario. E' preciso conhecer o solo. E' preciso saber selecionar geneticamente as sementes. E' preciso estar ao par dos metodos melhores de cultura.

b) — *operações comerciais* — têm por fim comprar, vender e permutar. Para isto é tambem necessario conhecimentos sobre a questão. E' necessario saber vender, comprar e permutar. Ha uma tecnica especial. Além de tudo requer conhecimentos dos mercados e da capacidade aquisitiva dos consumidores e tambem dos proprios concorrentes. Isto está ligado ao grande problema da mercantilização agricola. E este é hoje inegavelmente um dos principais problemas a serem atacados para uma justa solução.

c) — *operações financeiras* — Sem operações financeiras não pode haver tambem organização. E' necessario credito. Capital para compra de materiais, para pagamentos do pessoal, para para as maquinas em funcionamento, para introduzir melhoramentos, para as reformas necessarias. Credito para aquisição, ampliação e conservação de imoveis, melhorias de terras cultivadas ou a serem cultivadas,

para preparo do solo, compra de sementes, sementeira e cultivo das lavouras, para levantamento das colheitas, para facilitar a venda da produção, para intensificar, melhorar ou diversificar a produção, para compra de maquinario e inseticidas e para tantos outros fins justificados. E' preciso, portanto, que se saiba jogar com esses elementos, afim de não prejudicar a marcha das operações ou ainda não comprometer a reputação da propria organização. Saber movimentar o conjunto sem ilusões, não é coisa muito facil. Carece assim de um treinamento especial.

d) — *operações de segurança* — estas operações são as que determinam a garantia da propriedade, dos bens e tambem dos homens que aí exercem as suas atividades. São as prevenções contra acidentes em geral (sendo o acidente do trabalho de modo perfeitamente especial), contra incendios, geadas, epizootias e tantas outras coisas que carecem do devido cuidado. Um exemplo que se pode dar aqui da falta dessas operações, é o desamparo ao braço rural. Não é possivel continuar assim. Deste modo o seu rendimento não pode ser alto como se quer e como é necessario.

e) — *operações de contabilidade* — estas operações hoje têm uma importancia fundamental. Permitem fornecer informações concretas sobre a situação economica da empresa. Com elas se pode traçar com toda precisão as deliberações justas para a boa marcha da organização e tambem o bom andamento de seus negocios.

Vê-se, portanto, que não é tão facil se fazer organização racional na agricultura. Mas tambem já se tem a convicção perfeita de que essa organização racional, ela não poderá subsistir como atividade economica. E como ela é uma necessidade imprescindivel, deduz-se logicamente que é preciso que se aprenda a manejar de maneira mais eficiente com todos esses elementos e todas essas funções.

Assim sendo, não ha como não se pleitear para todos aqueles que se dedicam a esta atividade economica a assimilação, em maior ou menor grau, dessa coordenação de fatores para a sua organização racional. E' preciso ver que ha uma

PONTOS DE VISTA DE BERNARD SHAW



Si as nações tivessem o mais simples sentido comum, iniciariam as guerras enviando os velhos para o front. Somente em ultimo caso deveriam arriscar a vida dos jovens. Em 1914 era pavoroso ver aqueles regimentos de jovens, quasi crianças, que iam ao matadouro cantando o "Tipperary". No entanto seria um espetaculo deslumbrante o desfile para as trincheiras de batalhões de octogenarios agitando os seus baculos e cantando "Somos os milicianos... que não mais voltarão". Seria mesmo um entusiasmo. Pelo menos para mim.

necessidade imperiosa de que eles reünam em si proprio as funções de tecnico, contador, financista, comerciante e administrador. Com a função tecnica se aprenderá a produzir bem, barato e de boa qualidade. Com a função comercial: a vender e comprar bem e criteriosamente. Com a função contabil: a ter ordem nos negocios e conhecer os preços de custo da produção. Com a função administrativa e de segurança: prever, coordenar, orientar e garantir-se a si mesmo, como a todos os bens da fazenda. Com a função financeira: a pensar no futuro, não comprometer o presente e saber economisar para produzir riqueza.

Temos assim a organização agricola coordenada e condensada num pequeno esquema. Sistematisamos os pontos que

parecem fundamentais. E' isto que é preciso acima de tudo e antes de tudo. Com acerto escreveu Alberto Torres: "o nosso problema vital é o problema da nossa organização". Completando o seu pensamento, acrescentamos: falar em organização aqui significa falar em organização agrícola. E mais especificamente: na da pequena agricultura, que é a que fornece maior parcela nos grandes resultados totais deste setor de atividade econômica e social.

7 — *A Orientação Científica Da Agricultura Não Pode Caber Só A' Iniciativa Particular* — Não cabe, no entanto, apenas a iniciativa particular mudar a orientação seguida até aqui, porquanto é esta, em toda parte do mundo, uma atribuição do Estado. O Estado precisa e deve ter sempre essa orientação justa. E, aliás, a sua própria orientação social. E esta deve estar sempre em primeiro lugar.

O individuo despresa, em geral, o estudo prévio da organização. E' que realizado por sua própria conta, absorveria quasi sempre a maior parte de seus recursos disponíveis. Por isto, prefere sempre, ou dedicar-se á exploração de produtos já totalmente conhecidos e aceitos, provocando ás vezes a superprodução dos mesmos, ou aventurar-se numa iniciativa que, frequentemente, redunde em verdadeiro fracasso. Esta é a situação de fato. Esta é a realidade.

Para o Estado, porem, relativamente diminutas são as despesas com esses estudos. Sim, porque o mesmo aparelhamento e os mesmos técnicos podem aplicar-se a pesquisas de ordem diversas.

Apezar, contudo, de relativamente insignificantes as despesas com semelhantes estudos, deles decorrem, no entanto, imensos benefícios. Isto acontece porque quanto mais prospera for a agricultura, maiores são os lucros que dela advêm para a economia nacional. Nada mais interessante para o Estado. Para melhor sublinhar o valor da agricultura basta ficar em Adam Smith, que ao lado de Ricardo, pode ser considerado o ultimo economista de caracter científico dessa nossa etapa histórica: "a agricultura é a unica industria verdadeiramente produtora, indispensavel á vida". Assim talvez as atenções

se voltem para ela com mais carinho e maior sentido de compreensão justa e objetiva.

8 — *O Desenvolvimento Da Organização Agrícola Está Ligado Ao Problema Da Industrialização* — Apezar de considerarmos a agricultura tambem como uma industria, isto não quer dizer absolutamente que opomos, em antítese, a agricultura aos outros setores de atividade econômica. Muito ao contrario. E principalmente em se tratando de setor industrial propriamente dito: Neste sentido, pensamos mesmo que a agricultura não pode se desenvolver perfeitamente sem a verdadeira industrialização das materias primas. Aliás, trata-se de dois setores economicos que se completam e que precisam ter sempre em perfeito sincronismo os seus interesses fundamentais. Hoje, de modo especial, porque não se pode falar em possibilidades gerais da agricultura sem mecanização rural. Sabe-se que o desenvolvimento agrícola é indispensavel para a evolução industrial do nosso paiz. No entanto, é preciso se completar esta tese por sua reciproca: não poderá haver uma prosperidade real da nossa lavoura, sem que se desenvolva paralelamente a industria nacional. Esta tese se contrapõe ao celebre *paiz essencialmente agrícola, pela agricultura...* que sempre consideramos sem nenhuma consistencia. Com efeito: a analise com justesa demonstra que, em essencia, essa concepção além de ser inteiramente simplista, serve mesmo como base para favorecer a dependencia economica do nosso paiz ás grandes potencias industriais. Ora, um paiz essencialmente agrícola, na época atual, terá que permanecer tambem um paiz essencialmente dependente e colonial. Esta é que é a verdade. Com baixo "standard" de vida, sem mercado interno apreciavel, permanecerá inevitavelmente entregue ás correntes desordenadas da conjuntura economica internacional. Assim, gravitará como um satellite eterno, ora em torno de uma potencia, ora em torno de outra, ameaçado sempre de esfacelamento politico, em atrazo cada vez maior, sem diretriz certa e nortear-lhe os destinos. Em resultado a propria substancia vital de sua economia, que é a agricultura, haverá de sofrer as consequencias: o seu nivel economico se conservará

permanentemente muito abaixo do "standard" internacional, dando-se assim um sempre maior depauperamento nas riquezas. Portanto, um paiz essencialmente agrícola, sempre apresenta num sistema de escravidão que é essa dupla dependencia das grandes potencias economicas: a importação forçada de artigos manufaturados e de maquinas e a exportação necessaria de sua produção especifica. Terá assim uma estrutura amorfa, sem resistencia intrinseca. Fatalmente essa insuficiencia essencial haverá por certo, de influir de modo desfavoravel sobre a evolução da propria lavoura, mantendo-a sempre num nivel inferior, o que só poderá prejudicar a sua propria base. No mundo moderno, a agricultura não se pode mais desenvolver num paiz essencialmente agrícola. Não ha como fugir dessa assertiva. E' um ponto de vista rigorosamente exato, apezar do aspecto paradoxal que se apresenta, quando encarado sem profundidade. Desta forma, pode-se dizer: a prosperidade economica real de um paiz repousa sobre duas grandes colunas: a lavoura e a industria. A sua unidade verdadeira, deve representar o proprio fundamento atual, como futuro, da economia nacional. Essa é uma das verdades essenciais que devem orientar o desenvolvimento do processo historico da nossa evolução. Assim temos um perfeito programa que nos leva a lugar seguro, porque é a nossa propria salvação.

9 — *Orientação Justa A Seguir* — Essa deve ser a orientação justa a seguir. Assim é que a agricultura precisa ser compreendida. A orientação não pode ser outra. A propria necessidade humana indica e determina. Vê-se, pois, que a marcha para a organização em bases racionais dos processos agrícolas é uma das maiores e mais imperiosas necessidades. O seu apressamento constitue mesmo uma medida nacional. Não se deve esquecer que a agricultura é depositaria de uma grande parte da riqueza nacional, pela qual é preciso zelar, defendendo o seu patrimonio que é a pedra fundamental da nossa grandeza. Ela assim libertada de suas cadeias, dos antigos costumes e das tradições semi-feudais, estará totalmente preparada para entrar em uma nova era de desenvolvimento e de prosperidade.

O DRAMA DAS GERAÇÕES DO SÉCULO

SANTOS MORAIS

Saidos de um mundo con-
valecente, os moços das gera-
ções deste século são filhos de
uma trincheira. Quando os
últimos canhões de 1918 ron-
caram na potencia dos seus
calibres, esses estrondos estre-
meceram a face da terra, qual
terremoto social, abrindo fen-
das enormes por onde escoar-
am as últimas esperanças de
uma paz serena, para quem
tanto sofrera com os horrores
de uma guerra monstruosa.
E assim, a peor guerra veio
depois do roncar dos canhões,
do abominável espetáculo das
trincheiras, do choque estu-
pido de forças contrárias que
se mediram no vandalismo
inconciente das alucinações
imperialistas. Somente depois
de assinada a paz, a huma-
nidade viveu a verdadeira
guerra. Antes, eram somente
espectadores entusiasmados e
afritos, que gozavam o espe-
taculo de duas forças que se
anulavam na desordem e na
destruição. Apagadas as lu-
zes do teatro, o cenário trans-
formou-se rapidamente. Já
não mais havia batalhas e
heroísmos, vitórias e condeco-
rações. Começaram, então, a
desfile fantasmas. Fantas-
mas de muitas gerações de
jovens, estudantes, soldados e
operários, mutilados e de-
compostos, clamando ao mun-
do por uma compensação,
perguntando pelos seus ir-
mãos que se misturaram com
a lama das trincheiras, e lá
deixaram o seu sangue, e que
nem sequer flores vermelhas
nasceram destes campos. Fan-
tasmias de homens mortos e
de mães enfermas, de filhos
orfãos e de desempregados,
dos que perderam a esperan-
ça de lutar e dos que nem
mais tinham forças para a
luta. E a verdadeira guerra
começou. O mundo julgou
assistir a um pesadelo medo-
nho e procurou acordar, po-
rem debalde. Era a verdade
da guerra. Era o quadro que
se esboçava nitido e real, sem
as mentirosas fantasias dos

truques de teatro. Fantasmas
e só fantasmas.

E o mundo se transformou,
e a arte se transformou, e a
vida também se modificou
por completo. Algumas con-
ciências acordaram e esse
alarmante acordar de conci-
ências deu a este mundo en-
fermo, o exemplo mais digni-
ficante de coragem de pensa-
mento e de independência
moral, clamando pela renova-
ção do mundo por meio de
um sistema social mais digno
e mais humano. Mas em meio
a tudo isto estabeleceu-se a
confusão. A humanidade, fe-
rida pela grande luta, qual
"passaro cego" numa tem-
pestade violenta, não sabia
onde pousar as azas cança-
das. Uns clamavam pela li-
berdade, outros pela discipli-
na. Uns queriam o direito de
viver dignamente, outros dei-
xavam orientar-se pelos dis-
cursos fulgurantes dos dema-
gogos prostituídos ao imperio
da força. E aquela guerra que
foi grande não conseguiu re-
dimir o mundo. Acenderam-
se os odios, os mais baixos
sentimentos se elevaram nu-
ma nuvem de fogo, incendian-
do os corações e as concien-
cias. Debalde ergueram-se as
vozes comovidas dos que de-
sejavam a existencia sem as
disputas e os odios. Debalde
os intelectuais proclama-
ram a fraternidade e disse-
ram aos seus irmãos que as
corridas sangrentas só leva-
vam ao caos. Debalde o im-
perialismo foi atacado pelas
penas mais brilhantes e pe-
las inteligências mais escla-
recidas. A competição acele-
rou-se num ritmo crescente
de desharmonia. Os odios
acenderam-se mais vivos. A
sêde imperialista afogou na
garganta as palavras de jus-
tiça e humanidade. O proprio
vencedor não soube vencer o
adversario. O proprio homem
transformou-se num ser dife-
rente.

Pois bem, neste mundo in-
quieto e turbulento nascemos

nós, os filhos deste século. O
enorme vulcão aceso expeliu
suas lavas por todo o univer-
so. E nós, moços destas gera-
ções, quantas vezes já quei-
mamos os nossos pés nestas
lavas, sofrendo as consequen-
cias de uma guerra que nos
embalou o berço. Depois cres-
cemos entre o ferventar de
odios, vendo a cada momento
surgir, em toda parte, um
novo vulcão, pois as lavas
frutificaram como sementes
de fogo. E a cada catastro-
fe iminente fechavamos os
olhos espantados e tristes.

Nascida da indecisão e da
miseria, da desorganização de
um momento de desespero,
uma força se transformou em
doutrina e enlouqueceu um
povo. Um tirano se fez che-
fe. Por força de uma mística
brutal e de um odio mesqui-
nho, esta doutrina da força
espalhou-se pelo mundo. As
palavras perderam os seus
sentidos. Inverteram-se os
valores e a significação da vi-
da. A cultura foi repudiada e
os intelectuais expulsos. A
liberdade se fez escravidão.
Então o mundo começou a
apreciar o espetáculo san-
grento da expansão de tais
doutrinas. Debalde gritaram
os jovens esclarecidos para
que os homens destruíssem
aquela força. Debalde foram
os gritos de todos aqueles que
sentiram a aproximação da
tragedia. O mundo
continuou a assistir as inva-
sões e os saques, que eram o
prenuncio da nova guerra que
havia de chegar. E nós, os de
vinte anos, revoltados e afli-
tos, perguntavamos-nos o mo-
tivo de tudo isto. Para que
os homens iam se empenhar
numa nova luta? Os horrores
de uma guerra haviam bastado
para enegrecer os nossos
olhos.

Mas a realidade veio depois.
A triste realidade de uma ca-
tastrofe geral. A insanía de
um louco não se contentou
com as pequenas conquistas.
E a guerra começou. Nova-

mente as mesmas tragedias estão se repetindo. E nós que conservavamos a esperança de uma redenção para o mundo, ficamos paralizados e boquiabertos. Pensamos no esforço de todos os homens inteligentes e dos intelectuais honestos, para que a humanidade não mais se deixasse levar a uma guerra da qual não tiraria nenhum proveito. Pensamos em Remarque descrevendo as miserias das trincheiras, horrorizado com a realidade da guerra. Romain Rolland, Duhamel, Barbusse, todos os que disseram as mais cruas verdades contra os poderosos fabricantes de conflitos.

Mas nada disto valeu. Os appetites imperialistas das nações fortes não deixaram ao mundo uma paz que necessitava gozar. E todos os países, mesmo os que não se preocupam com a guerra, vão pouco a pouco lançados no abismo insondavel.

Milhões de homens estão morrendo nas trincheiras, cidades e mais cidades são destruidas por toneladas de bombas, os homens abandonaram as terras e nos campos não existem frutos nem sementes. Os trabalhos de tantos anos e as realizações de tantos seculos, são consumidos e destruidos num só dia.

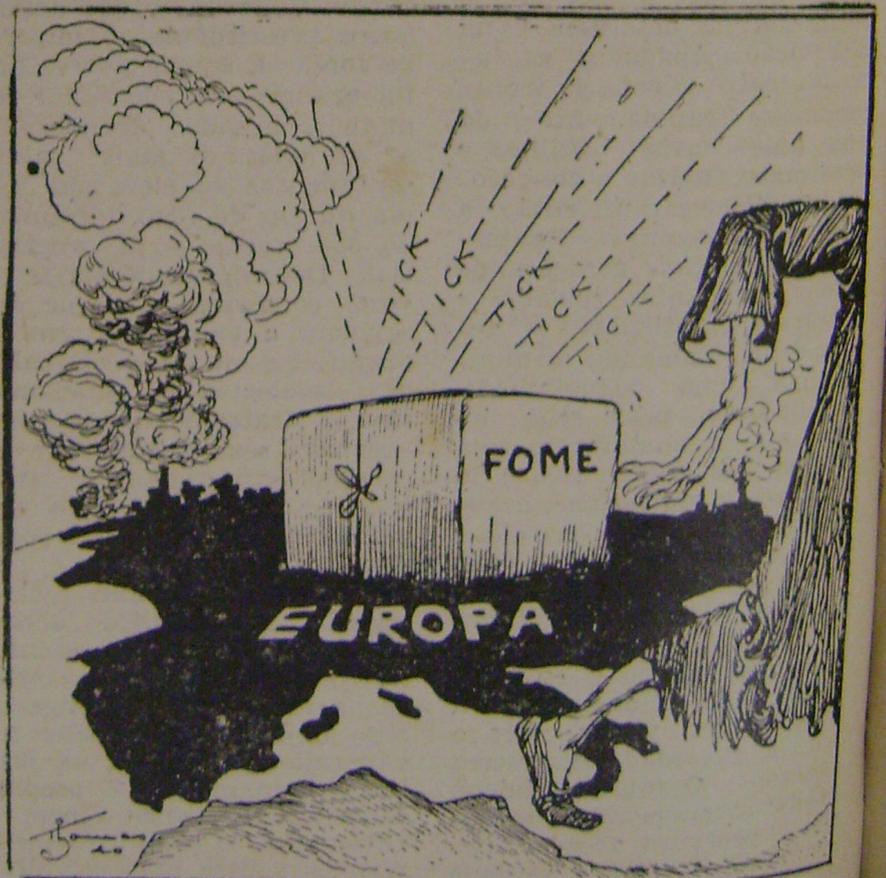
Cessada esta luta, começará novamente a terrivel batalha dos bastidores. Que nos virá no fim de tudo isto? Que será da humanidade depois desta nova guerra? Não é possivel que o sangue de milhões de homens não consiga apagar as lavas deste vulcão que desde 14 expele chamas para os cantos da terra. E é por isso que nós, os da geração de hoje, temos as responsabilidades maiores do momento, pois precisamos ganhar a outra batalha, prepara-

rando-nos e preparando a todos para o que ha de vir.

E quando se apagarem as luzes do teatro e não mais existirem batalhas e heroismos, vitorias e condecorações, novamente começarão a desfilar fantasmas. As gerações mutiladas e decompostas virão com um sinistro pavor, exigir do mundo uma compensação. E nós, então, poderemos dizer. Sim, nós ganhamos a outra batalha. Não presenciemos a luta como espectadores indiferentes. Nós lutamos com vocês nos bastidores do mundo. Destruímos na fonte o germen de todas as lutas. O imperialismo não sobreviverá a esta hecatombe. Ele morrerá com ela. E se vocês ainda puderem sentir o desejo de fraternidade, venham conosco, pois nós somos os vitoriosos da grande batalha.

Se não pudermos realizar este milagre, nós seremos uma geração vencida. Amanhã voltaremos mutilados de outra guerra, e os nossos filhos nos receberão com o mesmo ar indiferente para depois se mutilarem numa nova luta.

E a guerra continúa. Alguem deve ter a culpa do que está acontecendo. E esse alguem pagará. A força será vencida e a religião da violencia não terá mais o culto de nenhum povo. Quebrar-se-ão grilhões e ruirão edificios. Porém nós, os que estamos longe das trincheiras, que queremos justiça, para todos os homens, devemos lutar pela cultura, e pela liberdade de todos os povos, pois só assim teremos que vencer a grande batalha dos bastidores do mundo.



Bomba de Tempo

LIMA BARRETO

Poucos são os escritores brasileiros que dedicaram ao povo parte tão grande da sua obra como Lima Barreto dedicou. Nascido no Rio de Janeiro em 1881, toda a sua obra literária, está envolvida numa onda de compreensão, de ternura, para com os humildes, os espesinhados, os engeitados da vida. Ele é de quantos possuímos, e um dos maiores romancistas que já tivemos. Lima Barreto viveu sua vida entre os simples, era no meio da gente pobre que não alimenta preconceitos que ele via bem, aonde era estimado, aonde até hoje continua vivendo. Existe num suburbio do Rio um estabelecimento denominado "Bar, Café e Restaurante Lima Barreto" e, segundo um cronista pernambucano, ultimamente foi fundado por rapazes pobres de um arrabalde carioca o "Lima Barreto Futebol Clube". Nenhum testemunho mais eloquente de quanto tocou Lima Barreto nestes corações simples. Isto agradaria imensamente a ele, que realmente pertencia a esse ambiente, que era da gente humilde e pela gente humilde. Nasceu, viveu e morreu assim. Foi sincero. Foi coerente. Tudo o que fez era o reflexo de si mesmo, era o retrato fiel do ambiente em que viveu. Ainda é corrente uma frase sua muito sincera e simples que vem passando de amigo a amigo numa repetição de intensa justiça: "na minha vida só me agradam duas espécies humanas: as prostitutas e os humildes". De fato, este era todo e unicamente o seu meio. Era realmente a sua vida de sofrimentos e aperturas. Nota-se isso até mesmo em sua propria fisionomia.

Nenhum outro contemporaneo seu foi assim. Ninguém mais do que Lima Barreto teve tanta compreensão do momento em que viveu. Tudo ele captou num sentido profundo de realidade. Nada deixou. Nada esqueceu. A historia da sociedade decadente. Essas fisionomias estranhas de homens anônimos. Esses apertos da vida diaria da gente pobre. Toda essa vida velha amargurada e penosa. Esses, na verdade, foram os seus tipos. Nos seus livros surge a pequena burguezia dos suburbios que reeditava em Cascadura e Todos os Santos o que jornais e revistas lhe contavam de Petropolis e Botafogo. O funcionario publico de Inhaúma não podia ir ao Lirico, mas nas festas do suburbio ele não deixava o Zé Povinho entrar, zelando pela sua tradição de familia, difereçando-se dos demais porque, almoçava e jantava todos os dias, coisa que não é para todo o mundo. Só o Zé Povinho tinha de recalcar os desejos de exibição, só ele não podia usar fraques e possuir cousas superfluas, e não podia almoçar e jantar todos os dias. E esse Zé Povinho era em grande maioria uma massa de pretos e mulattos, que além da discriminação social ainda sofria o preconceito de côr, esse disfarçado preconceito de côr latente ainda no Brasil, e que tanto fez sofrer o escritor. Varios são os seus contos que tratam disso, entre eles o quasi classico "Clara dos Anjos", um conto que pode ter imperfeições técnicas, mas cuja força de humanidade é tão grande que inutilisa qualquer critica que se possa fazer.

Porque falou nos pobres e no preconceito de côr, porque falou em carregadores sujos e mulattos pobres, Lima Barreto foi boicotado por longos anos pelos donos da gloria. Só ultimamente é que uma campanha séria de revisão de sua obra vem sendo feita no Brasil, uma campanha que tem se alaistrado com alguma rapidez, mas que ainda continua inutil na sua finalidade principal. Ensaios, artigos, crônicas, tudo se fará. Porem suas obras continuam esgotadas, longe do povo para quem ele escreveu, de raro em raro encontradas em "sebos" que lhes exploram a raridade. E si no Brasil tão pouca gente lhe conhece a obra, que não dizer das Americas, que nem sequer lhe conhece o nome? E no entanto Lima Barreto é uma das vozes dignas que já se levantaram neste continente, e no meio de tantos escritores desligados dos problemas da vida, sua obra caracteriza-se por refletir poderosamente a realidade desta parte do mundo.

O PENSAMENTO VIVO DE MADARIAGA SOBRE A PAZ

A paz creadora não é uma questão passiva, nem definitiva. Nem, tão pouco, uma especie de M a r Morto aonde vai morrer o rio da Historia. É, pelo contrario, um estado da atividade humana que exige a con-



tribuição das funções mais elevadas do espirito. A paz supõe uma criação continua de novos valores, de novas emoções, de novas maneiras de pensar.

Em uma palavra, a paz é a forma mais elevada e mais difficil do progresso universal.

A CONFERENCIA DE MOSCOU

Desde o dia 1º de Setembro de 1939, quando estourou esta 2ª guerra mundial, tem havido um sem numero de conferencias. Apesar disso, a França caiu, os paizes escandinavos foram ocupados, os Paizes Baixos invadidos e os Balcans dominados.

Dois anos após o inicio do conflito mundial, agora nos fins do mês de Setembro, houve uma nova conferencia, entre a Inglaterra, os Estados Unidos da America do Norte e a U. R. S. S.. E si a só heroica resistencia do povo russo nos levava a crer que jamais a União Sovietica capitularia, com essa reunião das três potencias beligerantes, onde foram firmados importantes acordos de interesses comuns, podemos ter como certeza a vitoria dos novos aliados. As três democracias (cada qual guardando os seus aspectos peculiares) esmagarão o inimigo, o nazi-fascismo, o hitlerismo, porque está em jogo o proprio futuro da civilização, da cultura e da liberdade. Será prestado á Russia todo auxilio necessario á vitoria sobre o invasor. Mas, será prestado mesmo. Já está sendo feito.

Por isso, esta ultima conferencia não se parece com as demais, que antecederam a tristes hecatombes. A conferencia de Moscou será o preludio da vitoria dos que lutam pelo progresso e pela felicidade dos povos e levará a atual guerra a novos rumos: para o aniquilamento do nazismo.

Novas Diretrizes Para As Matematicas

Adalberto Garcia de Mendoza

AS MATEMATICAS COMO SUPERESTRUTURA

A compreensão dialética no estudo das ciencias matematicas constitue um problema novo e transcendental.

Desde logo, sem uma justa analise, pode-se refutar a idéa de uma dialetisação dos conhecimentos matematicos. Que tem que ver o teorema de Pitagoras referente aos quadrados dos catetos e hipotenusa em triangulos, os principios das series estabelecidas por Gauss, Gramer e outros, com os problemas de indole dialética, cu ainda mais com a filosofia, a politica, o social e outras ciencias?

Esta é, na verdade, uma formulação que indica e supõe ignorancia do problema. O sentido de constante desenvolvimento e transformação das coisas, não traz em si somente uma base para uma compreensão social, mas também uma interpretação ampla dos fenomenos naturais e culturais. A ciencia, a arte, a filosofia, são perfeitas; são remates das condições economicas, sociais e biologicas em que vivem os povos. Não são elementos esporadicos da realidade social. Por isso mesmo as grandes correntes modernas do pensamento, nos falam constantemente da infraestrutura, ou seja a causa economica da nossa vida, e das superestruturas, ou sejam os fenomenos da ciencia, a arte e a filosofia.

AS GEOMETRIAS NEO-EUCLIDIANAS

Hoje ainda discute-se, por exemplo, a natureza das geometrias neo-euclidianas que serviram de base para amplas reflexões na teoria da relatividade. Para alguns matematicos, elas são uma confirmação da tese idealista. São o produto da razão, da idéa. Podem mesmo servir para confirmar a tese do paralelismo metafisico de que nos falava Spinoza. Para outros, ao contrario, representam a interpretação mais fiel da realidade circundante. Colman e uma grande corrente de matematicos modernos, sustentam este ultimo ponto de vista, encarando as matematicas com um sentido mais amplo e mais justo. Eles asseguram mesmo que a primeira interpretação só pode ser defendida hoje pelos antigos matematicos que se orientam ainda por um prisma fixo e estatico.

As concepções de carater absolutamente científico são unanimes em afirmar: as conquistas matematicas não são senão o resultado do processo da tecnica, ou melhor das relações de produção, como também das manifestações especiais do trabalho humano. Só quando esta chegou a um certo ponto de desenvolvimento os neo-euclidianos puderam aparecer, com novas idéas nas matematicas.

RELAÇÕES ENTRE CAUSA E EFEITO NAS MATEMATICAS

Claro está que as relações entre a infraestrutura e as superestruturas científicas, não

estão condicionadas pela tese de uma filosofia ingenua e mecanicista. Sustentar a hipótese de que a cada uma das modificações economicas, corresponde, necessariamente, uma formulação científica, precisa, e com o carater de efeito exclusivo, é tomar uma posição contraria ás idéas da ação reciproca entre causa e efeito sustentadas pelos maiores filosofos modernos.

Com efeito: a que relações nos referimos quando falamos das conexões entre a infraestrutura e as superestruturas?

Paul Laberenne, nos afirma: "não se deve olvidar que toda superestrutura tem suas leis proprias de desenvolvimento e que pode por sua vez reagir sobre a estrutura que a condiciona; daí a necessidade, que já temos assinalado a proposito das matematicas, de estudar os fenomenos em seu conjunto, não somente do ponto de vista de suas ligações aparentes a um instante determinado, porém ainda, e sobre tudo, do ponto de vista de seu desenvolvimento historico; mas que não seja nunca de um modo "estatico", senão sempre com uma compreensão "dinamica". Temos aqui uma concepção bastante clara do processo dialético. Vê-se assim que em qualquer uma de suas caracteristicas fundamentais (como acontece neste caso, com a ação reciproca entre causa e efeito) este metodo baseia as suas afirmações sempre na historia, ainda que os acontecimentos tratados estejam aparentemente afastados da mesma.

Assim é que os matematicos modernos, de tendencia renovadora, elaboram, tomando estas mesmas bases, uma interpretação historica das matematicas, para perceber melhor o influxo constante dos efeitos e das causas que são continuamente estruturados pelo desenvolvimento dos povos.

INTERPRETAÇÃO MECANICISTA DAS CIENCIAS MATEMATICAS

Certos interpretadores têm dedicado estudos especiais sobre essa questão, tratando de explicar de modo exclusivo e inteiramente mecanico as caracteristicas da ciencia pela tecnica, pela divisão de classes e pela atividade do trabalho.

O auxilio dos dedos das mãos e dos pés, a medição dos angulos pela inflexão dos braços e pernas, as medidas das distancias pelos pés e passadas; tudo isto indica a criação da matematica pelas necessidades de produção.

Ao lado destas manifestações e influencias simples e claras, as praticas de magias nos tempos primitivos, dão ás matematicas um aspecto esoterico e servem para o desenvolvimento da filosofia e da religião. Si retrocedemos á época grega dos seculos VI e VII antes da nossa era, vemos com toda clareza a mais profunda influencia do aspecto economico. A esta época correspondem numerosas invenções técnicas. Os artesãos aprendem a forjar os metais, soldar barras de ferro, fa-

brincar tecidos de lã, fazer vasilhas com ornamentos. Determinadas cidades tomam um incremento econômico notavel pelo comercio maritimo; e se estende graças a tres de suas colonias no Egipto, no Mar Negro e sobre os Estados Meridionais da Galia; com Naucratis, Sinope, Abidon, Massalia. Fonte de progresso economico é a ceramica em Atenas, são os tecidos de lã em Mileto, os bronzes em Egina, é a industria textil em Megara, a industria de ferro em Galcis e os artigos de metal em Corinto.

No meio de toda esta tecnica, se apresenta uma filosofia primitiva, de indole materialista. Temos toda uma serie de afirmações com este carater em Tales de Mileto, Anaximandro, Anaximenes, Leucipo e Democrito.

Os sabios desta época tratam de dar solidez á classe a que pertencem e procuram tambem adeantar a tecnica e o comercio, atravez de suas multiplas elaborações filosoficas. Procuram ainda destruir os mitos religiosos, como uma repercussão de combate economico entre os novos elementos e classes que surgiam e a casta sacerdotal dominante.

Dois mil anos mais tarde, é a Renascença. De forma semelhante se apresenta, mas já em vastas proporções, a mesma situação.

A ciencia grega se afasta da pratica por obra dos sofistas, dos misticos pitagoricos e dos fortes antagonismos entre os grupos sociais. E' preciso ver tambem neste periodo o desprezo evidente sobre tudo que se relaciona com a vida dos escravos.

Na Idade Media, as investigações dos alquimistas oferecem caracteres de enorme interesse para um estudo especializado.

INTERPRETAÇÃO MAIS AMPLA: A INTERPRETAÇÃO DIALETICA DAS QUESTÕES MATEMATICAS

Esta interpretação da historia e da formação da cultura, que se observou, vem sendo criticada, com muita justesa, por outros cientistas, que vêm nela uma fonte de carater quasi que exclusivamente mecanicista. Na verdade, falta uma elaboração seria e profunda sobre o problema em geral e em particular. Isto é de todo acertado. O professor Hassen, publicou uma memoria sobre "O Fenomeno Newton", na Revista "Science at the Cross Roads", por ocasião do Congresso Internacional de Ciencias E Técnicas, celebrado em 1931 em Londres; tem então oportunidade de analisar a obra de Newton não só em relação com os descobrimentos tecnicos na época do grande matematico-fisico, como tambem das lutas sociais e politicas que deram na Inglaterra. Nesse mesmo Congresso, foram expostos pontos de vista inteiramente novos sobre as ciencias em geral, por cientistas da envergadura de Rubinstein, Joffe, Vavilov, Mitkewech, Zavadovski, como do proprio Hassen.

Tambem é preciso chamar a atenção para a obra de Colman sobre "La Crisis Actual de las Matematicas y las Lineas Generales de su Reconstruccion". E' que aí são desenvolvidas interessantes considerações sobre o progresso, o desenvolvimento e manifestações das matematicas em geral.

AS FONTES DAS CRISES MATEMATICAS

A crise das ciencias matematicas que atualmente contemplamos, está intimamente ligada á crise geral que se processa no mundo moderno. Não é possivel mesmo haver ainda um só matematico de bom senso que seja capaz de negar de modo conciente esta verdade. Isto é muito claro e de todo compreensivel. Somente uma grande dóse de má fé poderá levar a que se afirme ao contrario. Esta é que é justa realidade.

Existem, pois, varios pontos debeis nas disciplinas matematicas. Estes são, em resumo, os seguintes:

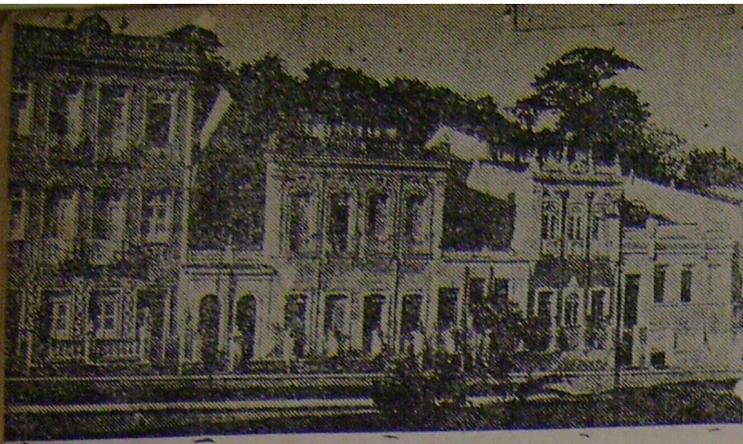
1º) — Para os novos cientistas matematicos, a disciplina atual é, incapaz de realizar a **synthese entre o continuo e o descontínuo**; synthese que hoje é afirmada claramente pela teoria fisica dos "quanta" e os seus descobrimentos. Apesar dos amplissimos estudos que se encontram sobre as soluções continuas das equações com derivadas parciais, elas não satisfazem na investigação do atomo. A descontínuidade estudada na teoria dos conjuntos, tem uma base que não pode satisfazer pela sua propria natureza abstrata. Colman combate, com muita precisão, as doutrinas de interpretação matematica, devidas aos penetrantes estudos de Labergue e Lusin, nas quais vê a existencia do individualismo e do solipsismo. Prediz, com segurança scientifica, a elaboração da synthese entre o continuo e o descontínuo, porem somente poderá ser elaborada sobre uma base de compreensão dialetica das coisas e dos fenomenos da natureza.

2º) — O segundo defeito das ciencias matematicas, está na lacuna que separa o calculo das probabilidades de todo o resto das mesmas matematicas, maximé si se estudam as ampliações do campo experimental da fisica e das ciencias biologicas e sociais. O nosso ponto de vista particular é o que já afirmamos certa vez: as formulações de Einstein atravez da teoria da relatividade, não se mostram com as caracteristicas proprias dos matematicos tradicionais. A matematica tradicional oferece hoje o espetaculo de um campo ideal independente da realidade dos fatos e nunca ajustado ás exigencias da ciencia fisica.

Os principais matematicos modernos, como é o caso de Khotimaski, já vêm tratando de combinar a probabilidade com a procura das raizes de qualquer equação. A nossa convicção maduramente elaborada é que é necessario se crear uma nova ciencia matematica, que tomando a probabilidade, a contingencia e a indeterminação do mundo fisico, lhe possa ser perfeitamente aplicada.

O defeito consiste em que os matematicos tradicionais não têm tomado a devida precaução, mesmo em sua maioria, de observar o que se nos afigura claro: a unidade profunda e dialetica da regularidade dinamica e da estatica, como afirma muito acertadamente o grande matematico moderno Colman.

Temos que assinalar ainda um outro defeito fundamental da matematica contemporanea: é aquele, por exemplo, de haver se separado das correntes dialeticas proprias para o mundo real e objetivo.



Um
aspecto
de Nazaré

Um extenso e caprichoso recôrte que, depois de avançar para o Norte, vai-se distendendo em arco rumo ao Ocidente numa multiplicidade de acidentes difíceis de serem representados em uma carta geográfica — eis a moldura

floresce uma civilização sedentária de senhores de engenho de mesa farta e vasta escravaria negra. Posteriormente, no século XIX (dali sairiam os diplomatas e estadistas do Império, políticos cuja grande habilidade con-

posição de grande produtor açucareiro, o Recôncavo bahiano continua a plantar cana e a fabricar açúcar, sendo que este produto representa ainda uma boa contribuição na economia do Estado. Todavia, entravada na sua expansão por um monopólio que lhe rouba os melhores estímulos para um moderno aparelhamento, a indústria açucareira bahiana está longe de concorrer com a de outros Estados produtores, como Pernambuco, Alagoas e Estado do Rio.

O Recôncavo bahiano é um presente da Natureza cuja importância continua a ser

○ Reconcavo Bahiano

CLOVIS CAL

física desse pequeno mar interior, a Bahia de Todos os Santos, cuja superfície mede 750 km². A esse vasto litoral de linhas irregulares, bem como às terras que demoram próximas, convencionou-se chamar Recôncavo, tendo-se em conta sua configuração externa de conjunto.

E' conhecido o papel desempenhado pelo Recôncavo bahiano em nossa formação histórica. Pela sua rara fertilidade, esse pedaço do Brasil foi, desde os primeiros momentos de nossa vida colonial, um dos mais valiosos fatores de radicação dos colonizadores, os quais, antes de expirar o século XVI, davam início à cultura da cana-de-açúcar. E quando, muitos anos depois, as Capitânicas do Sul vivem ainda a vida aventureira das bandeiras prêadoras de índios e das incursões em busca de pedras preciosas, nesse trato de terras do Novo Mundo já

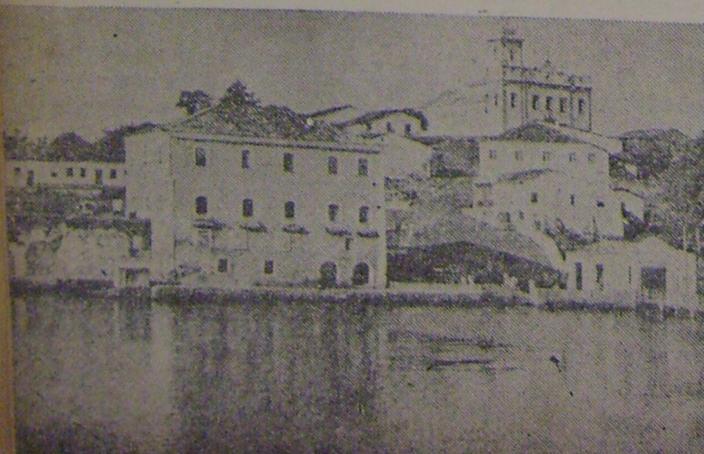
sistiu principalmente em impedir ou retardar qualquer modificação da economia brasileira num sentido antirural, contrária aos seus interesses de grandes proprietários territoriais. Durante um largo período de nossa história teriam eles a preponderância nas decisões políticas, imprimindo-lhes uma feição altamente conservadora.

Mas, transferido o eixo de nossa vida econômica para o Sul, com o advento de uma nova cultura, o café; passado o período aureo da cana-de-açúcar, o Recôncavo bahiano mergulharia na decadência em que até hoje se debate. Localidades outrora prosperas, com orgulhosos sobrados revestidos de azulejos e riquíssimas igrejas, cairiam, após a derrocada açucareira, num marasmo enervante.

E' verdade que, não obstante decaído de sua tradicional

ignorada por muitos. Forma ele um sistema fisiográfico bem definido, sendo sua principal característica a abundância dos cursos d'água que refrescam as suas terras, colocando-as a resguardo dos desastrosos efeitos das estiagens demoradas. Terras de massapê, ricas em estratificações humíferas, que se prolongam leguas a-dentro formando uma grande baixada propícia a variadas culturas. Pois bem, essa região privilegiada sob vários aspectos está a reclamar uma política de revalorização orientada no sentido de pôr em movimento as grandes possibilidades que nos oferece.

E' o Recôncavo, tradicionalmente, quem abastece a capital bahiana de um grande número de produtos indispensáveis à vida de sua população. De todos os seus pontos, incluindo as numerosas ilhas da Bahia de Todos os Santos, afluem, pela estrada natural do mar, uma infinidade de embarcações de todos os tipos, os bojos carregados de farinha, côcos, frutas, legumes, verduras, produtos de cerâmica, etc, etc. São essas embarcações que suprem as feiras livres e mercados públicos do Salvador de uma série de produtos, numa medida, entretanto, que está longe de satisfi-

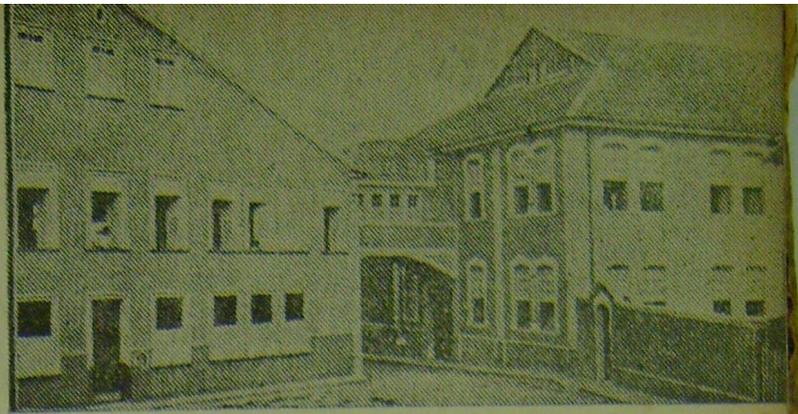


O porto
da cidade
de
Jaguaripe

fazer as necessidades sempre crescentes de consumo. Aos sabados, principalmente, é quando podemos ter uma idéia da quantidade de embarcações oriundas das ilhas e do litoral do Recôncavo. Um aspecto do caés do Mercado Modelo ou da enseada de Agua de Meninos, nesses dias, sugere-nos a visão pitoresca de uma verdadeira floresta de mastros.

Mas, não é tudo. O Recôncavo pode ser mais alguma coisa além de um simples celeiro da capital. Desenvolvidas as suas possibilidades, ele estará em condições de suprir o mercado interno brasi-

Uma Fabrica
de Charutos
em
Maragogipe



no campo. E isto num ritmo verdadeiramente alarmante, porque si em 1938 a emigração foi de 23.247, em 1939 atingiu a cifra de 62.974 ou 62,7 por cento do total verificado no periodo 34-39. Outros milhares, sem animo pa-

em vista e em pontos accessiveis á capital por transporte terrestre ou marítimo;

fornecimento de sementes, maquinas agricolas (onde fôr possivel e se fizer necessario), etc;

auxilio em dinheiro, duran-

SEUS Suas Possibilidades

CALDEIRA

leiro de numerosos produtos de que este necessita.

E' conhecido o fato de que certas administrações, no intuito de solucionar o problema do abastecimento das capitais, vêm adotando providencias que, aparentemente louvaveis, evidenciam, contudo, uma atitude injusta em relação ao nosso povo. Queremos referir-nos á utilização do braço japonês para o cultivo de areas nas proximidades dos grandes centros, com a finalidade de abastecer suas populações de uma serie de produtos da terra. Longe de nós subestimar a capacidade produtora de elemento japonês, que, além do mais, para aqui vem com conhecimentos de agricultura tropical que nos deixam boquiabertos. O que desejamos salientar é a necessidade de aproveitamento do que é nosso, valorizando o material humano brasileiro. Milhares de trabalhadores rurais do Estado, premidos pelas secas e pela carência de meios de trabalho, evadem-se anualmente do território bahiano. No periodo de 1934 a 1939 chegaram a S. Paulo, de acordo com cifras oficiais, nada menos que 151.236 trabalhadores bahianos, ou seja, quasi 50% de todos os nacionais que entraram naquele Estado em busca de trabalho

ra emigrar, perambulam pelas estradas do sertão arrastando a existencia miseravel de parias sem tecto e sem o minimo conforto humano. São eles, na sua quasi totalidade, camponeses que, ou não têm terras para trabalhar ou possuem terras mas não dispõem de meios para cultivá-las.

Tais elementos, agrupados por iniciativa dos poderes publicos, em colonias de produção agricola, nas proximidades da capital e em certos pontos do Recôncavo, revelarse-iam, graças á pratica que lhes é inerente das cousas do campo e á assistencia tecnica e científica que lhes fosse ministrada, tão bons agricultores como os japoneses. Para isso, entretanto, dever-se-ia atentar, entre outras, nas seguintes condições de ordem pratica:

Localização das colonias agricolas em terras adequadas ás culturas que se tem

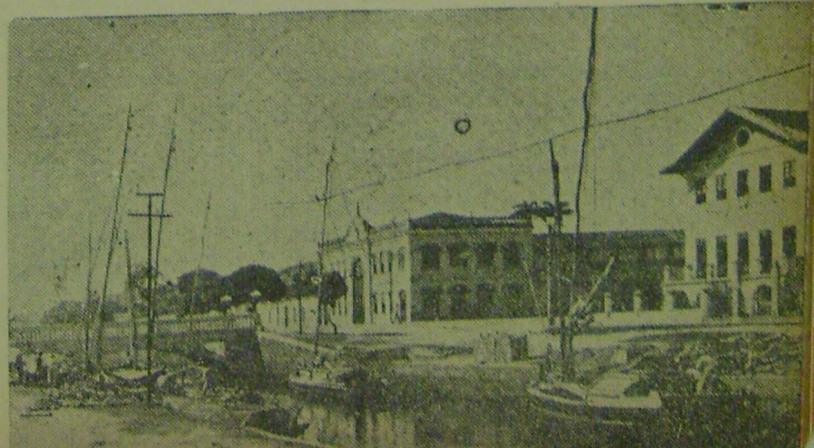
te os primeiros tempos, até que essas colonias possam constituir-se como unidades de produção autonomas;

produção segundo um plano de conjunto, de modo a evitar efeitos anarquizantes no mercado.

Postas em funcionamento, as colonias agricolas, dentro de um praso relativamente, curto, dada a natureza das culturas, entrariam a produzir os seus primeiros beneficos resultados, abastecendo a capital do Estado, bem como as localidades em cujas vizinhanças estivessem localizadas, de uma infinidade de produtos que poderiam ser postos ao alcance do consumidor a preços reduzidos.

Tal plano, que dá apenas uma idéia parcial do muito a se fazer relativamente ao aproveitamento do potencial economico do Recôncavo, uma vez executado, teria o cunho de uma solução humana.

Santo
Amaro
—
Vista
do porto



GUERRA.

Quando no encontro de divisões mecanizadas, no naufragio de um cruzador, na excursão de bombardeiros á capital inimiga, morrem soldados, sargentos, oficiais inferiores, — as autoridades comunicam ao que sobrar da familia que o bravo defensor da patria ficou no campo de batalha. Cada um que chore os seus que dormem no mar ou em valas comuns abertas apressadamente. Mas quando o oficial inferior é filho de Benito Mussolini ou de outro figurão qualquer, a comunicação sêca demais desaparece. Bruno Mussolini, que era um aviador italiano apenas regular, igual a muitos outros aviadores italianos que morreram sem publicidade, teve exequias. Bruno Mussolini teve honras militares, pranto oficial, saudações fascistas. Muita razão tem o sambista ao dizer que este mundo é muito mal dividido.

ROMANCE DE MARIQUITA

Maria Beatriz del Valle-Inclán, Mariquita para os amigos, é filha do poeta e novelista espanhol Ramon del Valle-Inclán e da atriz Josefina Blanco. Ha varios anos o casal separou-se e o escritor conservou Mariquita e Jaime, outro filho. Educou-os e ensinou-lhes algumas idéas que são muito do desagrado dos ferozes ditadores de hoje.

Quando Hitler e Mussolini resolveram experimentar os tanques e aviões que mais tarde lançariam contra as democracias, servindo-se para isso da Espanha, Mariquita e Jaime, cujo pai já morrera, ficaram ao lado dos republicanos. Josefina Blanco preferiu o generalissimo, sem se importar com os filhos, deixando-os tomar partido por idéas completamente fóra da moda, quando o generalissimo vinha trazer o regime up-to-date. Vencendo Franco, os dois irmãos partiram para o Chile e de lá para a Argentina. O generalissimo apreendeu os livros de Ramon del Valle-Inclán. Porem surgiu um editor argentino de gosto

Mirante

“Pequeno pavilhão ou terraço no alto de um edificio ou em qualquer ponto elevado, donde se abrange largo horizonte”.

tou as obras, com vendagem literario diferente que reedição excepcional, graças principalmente á propaganda do governo espanhol feita gratuitamente. Os direitos autorais foram repartidos entre a viuva e os filhos. Aproveitando-os, Mariquita, tuberculosa, recolheu-se a um sanatorio. Mas Josefina Blanco ao receber sua parte, lembrou-se logo da filha e principalmente dos pesos que a filha embolsara. E como Mariquita, não tendo 23 anos, era de menoridade segundo as leis espanholas, Josefina Blanco pediu ao governo sua repatriação. Começou então a trama para atrair Mariquita, até que conseguiram levá-la para bordo de um navio espanhol atracado em Buenos Aires. As irmãs do Sanatorio comunicaram o fato aos jornais e houve escandalo. Foi expedido um mandado de habeas-corpus e Mariquita desembarcou. Falando aos jornalistas, fraca, com febre alta, declarou: “Eles não foram bem sucedidos... Seja como fôr, eu encontrarei um meio de escapar si novamente eles me pegarem a força e me collocarem a bordo”. Durante varias semanas viveu sob ameaça de ser reembarcada, caso melhorasse seu estado de saude, pois o habeas-corpus fóra impetrado com base nelle. Mas durante esse tempo Mariquita completou 22 anos, idade que a torna maior segundo as leis argentinas. E

assim ficou o seu caso sujeito á jurisdição argentina, apesar dos protestos do embaixador espanhol, empenhissimo em repatriá-la. E para que? Na Espanha, Mariquita reafirmaria seus ideais com a mesma decisão que deixou transparecer na declaração que fez aos jornalistas, e seu destino certo seria um campo de concentração.

Essa historia tão tragica não ter importancia, — acima de Mariquita não estarão os chineses bombardeados, os refens fusilados ás duzias? — pensando bem adquire o cara a historia das inteligencias literatas de um simbolo, é bem vres perseguidas atravez do mundo pelas gestapos de todas as nacionalidades, firmemente resolvidas a abafar todos os protestos, encher campos de concentração e fornecer alvos aos pelotões de fusilamento. E' uma historia que convida ao sentimentalismo, ao nó na garganta, e tudo que segue. Mas será licito ficar-se sentimental nos dias que correm? Violencia, odio, baixesa, milhares de historias semelhantes á de Mariquita, milhares que morrem em todas as frentes, nas cidades arrasadas. Nós sabemos onde o mal se esconde. A atitude não é, pois, o sentimentalismo. A atitude é bem outra, e cada homem digno sabe perfeitamente qual ela é.

A. C.

vivera
tem
sem
tame
diga
raros
Nada
te o
cos e
rama
quad

que a
de no
de ag
traços
terior
em qu
onde
brasil

raiba
croni
ricas
vulto!

S
molde
ciais
seja a
botani
neralo
raciais
materi
dos no
dicam
de Be
tudos
mos p
quista.

Q
da disp
Comece
crever
te mui
Padre J
balho f
blioteca

O
sa mon
sias. Fr
maior a
fins do
do por
afirma
Jeronim
cida por
toria da
fundame
vida que
ras que
ba” é de
sos.

Tem
GRANDE

Bibliografia Histórica Da Paraíba

LUIZ PINTO

Os estudos históricos da Paraíba sempre viveram grandemente abandonados. Deles se tem feito uso em divulgações periódicas, mas sem uma justa capaz de orientá-los concretamente. As fontes são abundantes. Não se diga que não ha documentos, que os MS são raros, que as pesquisas se rarificam dia a dia. Nada disso. O que se vê e se sente é justamente o contrario. Os melhores elementos históricos existem, apontam por toda parte, se deram pela historia do Brasil, por todos os quadrantes da cronica brasileira.

E' vasta a historia da Paraíba. Mesmo que a sua fundação só tivesse começado a 4 de novembro de 1585, depois das pazes de 5 de agosto do mesmo ano, verifica-se que os traços de sua vida se destacam em datas anteriores, havendo episodios de interesse na fase em que os francezes traficavam com os indios, onde aparece a economia do açúcar, do pau brasil e do escravo.

Conhecer a bibliografia historica da Paraíba é sentir a extensão formidavel da sua cronica. E que paginas salpicadas de bravura, ricas em cenas humanas, em fatos sociais de vulto!

Se não temos ainda uma historia nos moldes que os acontecimentos históricos e sociais determinam, nem uma corografia que seja a nossa expressão territorial, com a sua botanica, a sua zoologia, as suas riquezas mineralogicas, e todos as suas características raciais, não nos devemos queixar da falta de material, mas, somente, da falta de esforço dos nossos homens de cultura, dos que se dedicam á historia regional. Aliás, a corografia de Beaurepare Rohan, um dos melhores estudos que possuímos, bem patenteia que temos possibilidades para essa necessaria conquista.

Quasi todo o nosso cabedal historico anda disperso nos tratados da historia do Brasil. Começemos com a monografia mandada escrever pelo Padre Cristovão Gouvêa, durante muito tempo atribuída a sua autoria ao Padre Jeronimo Machado. A copia desse trabalho foi feita pelo Dr. Antonio Leal na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

O nome do verdadeiro autor dessa valiosa monografia tem sido assunto de controversias. Frei Vicente do Salvador, que é a nossa maior autoridade em historia do Brasil dos fins do seculo XVI e do seculo XVII, endossado por Varnhagen e Capistrano de Abreu, afirma que a obra em apreço é de autoria de Jeronimo Machado. Mas a contradita oferecida por Serafim Leite, na sua famosa "Historia da Companhia de Jesus no Brasil" é fundamentalmente logica, não deixando duvida que "As armadas que se fizeram e guerras que se deram na conquista do Rio Paraíba" é de elaboração do Padre Simão Travassos.

Temos, ainda, "OS DIALOGOS DA GRANDEZA DO BRASIL", que Capistrano e

Rodolfo Garcia acham que foram escritos na Paraíba. E tudo o indica, em face das constantes referencias de Brandonio e Alviano á terra e ás cousas da capitania dos sonhos de Frutuoso Barbosa, conquistada pela pertinancia e maquiavelismo da Martim Leitão.

Frei Vicente do Salvador tem, sobre o nosso indio, paginas maravilhosas como Gabriel Soares no "Tratado Descritivo", traça paisagens enleiantes da nossa flora, dos nossos rios, da nossa fauna. Refere-se abundantemente á Bahia da Tração (Acejutibiró), aos rios Mamanguape, Camaratuba, Paraíba.

Vamos encontrar na "A Guerra dos Barbaros", de Afonso de Taunai, e na "CONQUISTA", de Pedro Calmon, os melhores roteiros da colonização dos sertões paraibanos, onde a bandeira bahiana alastrou-se pelo nosso territorio, com os Ledo até o litoral. E Taunai apresenta a ação do bandeirante paulista, cujo reflexo foi o dinamismo de Domingos Jorge Velho.

Na "Istoria delle guerra del regno del Brasile", etc, escrita por Geoseppe di Santa Teresa Carmelitano Scalzo, publicada em Roma, em 1698, ha mapas e descrições surpreendentes. Este livro é das obras raras da Biblioteca do Estado, e vale, atualmente, segundo os catalogos de Londres, £ 25.

"O Brasil Holandez", de Barleu, conquanto as suas narrativas não nos possam merecer muita fé, estampa, todavia, dados e pormenores vivos da historia da Paraíba. Suas fortalezas, suas possibilidades economicas, a resistencia do seu povo contra o conquistador batavo.

Tambem as "Cronicos da Companhia de Jesus", de Simão de Vasconcelos e "As Visitações do Santo Oficio na Paraíba", apresentam um aspecto diferente da nossa vida passada, dando margem a outras interpretações.

E, mais modernamente, temos bons ensaios, embora não abranjam todo o volume da nossa historia.

Podemos citar a "Historia da Provincia da Paraíba", de Maximiano Machado, tão elogiada hoje pelo sr. Gilberto Freire; a Irineu Jofili, tanto "Datas sobre a Paraíba", como a "Sinopsis"; a de Irineu Pinto — "Datas e notas para a historia da Paraíba", que é uma cronologia honesta e util, um depositório das nossas datas mais apreciaveis; "Apanhados Historicos da Paraíba", e "Evolução Economica", de Celso Mariz que, com justiça, são dos mais bem feitos que possuímos; os estudos de Coriolano de Medeiros — "Entradas" e Dicionario Corografico da Paraíba"; as monografias de Elias Herkman, de João Pereira de Castro Pinto, o governador intelectual da Paraíba; as de Manoel Tavares Cavalcanti e Alcides Bezerra. João de Lira Tavares nos douu estudos históricos valiosos, entre os quais — "A Revolução Praeira" e a "Historia Territorial da Paraíba".

Mas, além dessas fontes, ainda podemos

citar os estudos da historia de Pernambuco, onde a vida da Paraiba aparece constantemente.

Os "Desagravos", na parte referente á Paraiba, a "Historia da Revolução de 1817", de Muniz Tavares, prefaciada por Oliveira Lima; "Os Martires Pernambucanos", do Padre Joaquim Dias Martins; "Confederação do Equador", de Ulisses Brandão e ainda a magnifica coleção da Revista do Arqueologico Pernambucano.

Em todas essas obras, por toda parte, se acha a nossa corografia; por todas elas, por toda parte, se acha a nossa historia; por todas elas, e toda parte, estão os homens da Paraiba, os feitos paraibanos.

Escolhamos, pois, tudo isso, consigamos traduzir os documentos ineditos que se encontram no Arquivo do Estado, enfeixemos tudo, toda essa preciosidade esparsa, e aí está a historia da Paraiba, rica e completa como ela é.

A Principal Causa Das Crises Do

As crises periodicas que atingem a economia do nordeste não têm como causa unica o comumente referido: o clima. Este não é apenas o fator a provoca-las. Uma observação atenta dos fatos em si chegará á conclusão que um fator preponderante concorre para o desequilibrio do nosso organismo: a monocultura. Ou seja o fator economico.

O termometro da nossa existencia é a monocultura. A ela cabe a culpa dos solavancos na vida nordestina.

Os paizes monocultores, em geral, estão sujeitos a crises periodicas: crises que aparecem de variada maneira: ora, atravez do clima, como é o nosso caso; ora, atravez a politica, e a Republica de 89 é um exemplo; ora, atravez reações, conquistas, guerras, e aí os exemplos são muitos.

Vimos lentamente, desde o seculo I, evoluindo ao sabor da monocultura. Primeiro o açúcar, produto basico e exclusivo, no sentido de importancia na balança comercial da vida brasileira. A crise do produto do seculo II provocou a reação contra o dominio holandez; outra crise em 710 arranca o grito de Republica de Bernardo Vieira de Melo; outra crise ainda neste mesmo seculo III, deixa o paiz pauperrimo, muito embora, tenham sido descobertos os ricos filões de ouro das gerais, que tanto falcaram nas igrejas, nos conventos, nos palacios luzitanos. O periodo de mineração é um verdadeiro "intermezzo" na vida da colonia transição para outra monocultura: a do café. E este produto entra tão forte no seu dominio que, ao proclamar-se a Independencia, é ele o simbolo do Brasil, esquecido o açúcar muito mais arraigado

MANUEL DIEGUES JUNIOR

á terra que a rubiaceae, produto ainda então em inicio.

A ditadura do café é a terceira fase da existencia brasileira. E a queda de 88, provocada pela emancipação, arranca a corôa de Pedro II para substituí-la pelo barrete frigio de Deodoro. A influencia da monocultura está aí a olhos vistos. De 89 até hoje a situação vem sendo de altos e baixos. O açúcar não estacionou, em compensação não voltou mais ao esplendor dos primeiros seculos. O café ficou dirigindo a evolução. Condicionando a marcha historica da Republica. A situação é de oscilação, acima e abaixo, um abaixo mais no vacuo, sobretudo em 29.

Se particularizarmos a observação ao nordeste veremos que só temos uma historia a contar: a historia do açúcar. Historia cheia de lances dramaticos, de tragedias, talvez tambem de algumas comedias, historia de que os romances de José Lins do Rego dão uma idéa forte, tão penetrante são os seus traços e colorido.

O açúcar reuniu a população nordestina no litoral, arranhando a costa como os carangueijos de frei Vicente. Por vezes prolongou o verde dos canaviais á zona da mata. Mas daí para além, para o agreste, o sertão, o deserto vai dominando. A falta de clima para a adaptação da cana; e escassez do cultivo de outros produtos; o desflorestamento, a seca matando o gado já de si ralo; tudo isso concorreu para crear um deserto demografico no sertão. Deserto ás vezes fortemente sacolejado por acessos de fanatismo e pela profusão de bandidos, e sem-

Infiltração Nazista Na America Do Sul

O perigo de uma invasão nazista na America do Sul, conquanto um pouco longiquo nos dias que correm — e para esta segunda guerra mundial o dia é uma medida do tempo talvez grande demais — devido aos encargos da Alemanha na Frente Oriental, nem por isso deixou de existir.

Do Nordeste

pre adormecido pela falta de escolas e de justiça.

O que sentimos periodicamente em crise não é senão uma consequencia da monocultura. Não ha duvida que haverá uma figura concreta a responsabilizar-se pela crise. Entre nós no nordeste, é geralmente a estiagem. O certo é que também plantamos algodão, e nunca se registrou uma crise na produção algodoeira. Também temos gado, e não ha crise na pecuaria. A seca mata o gado; as doenças estragam os algodões; a safra é reduzida: a crise, porem, verdadeiramente não ha porque existe ainda o amparo do mais forte: o açúcar. Mas, quando o soberano é atingido, os soldados enfraquecem. Este, em resumo, é o caso atual da queda da safra açucareira. A crise do açúcar alcança o seu auge. Faltam dinheiro e trabalho. As consequencias chegam logo. Não ha milho, nem feijão, nem arroz, nem farinha.

E' um verdadeiro desbarato de toda a nossa estrutura economica. Não nos devemos queixar de Deus porque não nos deu chuva, nem do sol porque é quente. Mas de nós mesmos, da nossa imprevidencia secular, fixando-nos na rotina da monocultura.

O açúcar condiciona toda a vida economica e social do nordeste. E' essa monocultura a causa preponderante da crise atual. O unico esteio da economia nordestina foi apanhado de cheio. Não ha para onde apelar.

Para o algodão? Ainda não; ele por enquanto é apenas uma esperança. A linda esperança de que virá ocupar, quando chegar a sua época, a quarta fase da vida brasileira, como seu amparo economico.

Mas si essa possibilidade de aviões germanicos partindo de Dakar para lançar no Nordeste brasileiro paraquedistas e tanques leves afastou-se um pouco, por outro lado cresceu mais a infiltração nazista no continente americano. Varios fatos indicam que uma especie de articulação dos esforços nazistas em toda a America tem sido realizada, como si estivesse sendo cuidadosamente executado um plano emanado do gabinete do dr. Goebbles. Os elementos sinpatizantes do Eixo têm cobrado animo chegando, em alguns países, a golpes audaciosos.

Os nazistas deixaram de lado, pelo menos provisoriamente, uma tentativa de invasão. A ação militar virá depois, quando os quinta-colunistas houverem preparado o ambiente para a "blitzkrieg", si é que depois da Russia ainda se falará em "blitzkrieg". Os ultimos acontecimentos desenrolados no mundo provaram que ha superprodução de traidores, abundancia de Quislings e Laval. As quinta-colunas trabalham surdamente. Mais do que nunca é preciso estar alerta e trabalhar sem descanso para lhes anular os efeitos, lhes descobrir os planos e levá-los ao fracasso. Nos menores atos da vida quotidiana é possível trabalhar contra o fascismo.

REAÇÃO CHINESA



Recrutas vêm continuamente dos lados do campo, onde o 4º novo exercito combate, porque se os japonezes entram, os alugueis sobem, os impostos asfixiam, espalha-se profusamente a morfina e suas mulheres atraentes são tomadas pelos japonezes para as "casas de conforto" do exercito japonês

CARMEM MIRANDA NUM RIO DE JANEIRO FALSIFICADO

Carmem Miranda e o Bando da Lua são os mais autorizados representantes da música popular brasileira nos Estados Unidos. Até aqui ambos vêm se portando a contento e Carmem vem sendo alvo de comentários lisonjeadores... Contudo "Uma Noite no Rio" está sendo castigado pela crítica popular como um fracasso artístico e também musical, da estrela sambista. Este filme é mais um da série de produções sobre os paizes sul-americanos onde Hollywood exagera deliberadamente nossos costumes, falsificando, para não desapontar os habitués de New-York e Chicago, que exigem temperamentos ardentes, fardas multicôres e palmeiras.



Cinema

AINDA O CINEMA BRASILEIRO

1 Antes de 1939 a indústria cinematográfica norte-americana tratava os ditadores com muita diplomacia. Era preciso salvar uma parte do mercado por menor que fôsse. Will Hays cortava prudentemente tudo que pudesse ferir as sensibilidades aguçadas de fascistas e nazistas. Após a farça de Munich o povo americano começou a enxergar Hitler com lentes mais escuras. Antes disso, filmes atacando temas políticos não eram bom negócio porque o público desejava era muita paz, muito otimismo, muita risada. Porém Hollywood — que persegue moedas e não ideais — acompanhando esta oscilação passou a produzir filmes mais audaciosos. Com o início da guerra aumentou a tensão e vieram os filmes anti-nazistas como "The Mortal Storm", "Escape", etc. Após isso, com a responsabilidade americana no conflito crescendo cada vez mais, surgiram os épicos — "Flight Command", "I Wanted Wings" — e os motivos patrióticos habilmente explorados em quase toda a produção de 1940. Com o tempo, a tensão foi relaxando. O perigo da guerra continua, e hoje mais do que nunca, porém o povo já se acostumou. Surgiram então as comédias baseadas na guerra. A Universal já rodou "Buck Privates" com Bud Abbott e Lou Costello, que está fazendo grande sucesso mas que segundo os críticos não passa da reedição de velhos "gags" já usados nos filmes comicos da primeira guerra mundial. Mas tal foi o aplauso do público que a mesma dupla está filmando outra comédia com os mesmos "gags" adaptados à Marinha: "In the Navy", e a Paramount já produziu uma comédia com Bob Hope, chamada "Caught in the Draft".

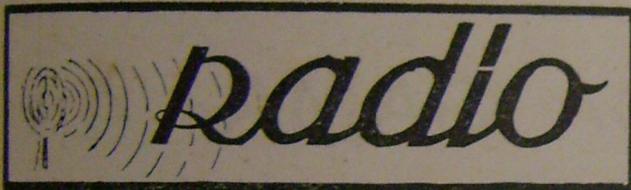
HOLLYWOOD E A GUERRA

2 Fazendo alguns comentários, no número passado, sobre o cinema brasileiro e o filme "Puresa", manifestamos a esperança de que "Mar Morto" viesse finalmente realizar o grande filme que ha anos o Brasil espera. Soubemos agora que com a viagem de Jorge Amado para o Mexico, onde irá fixar residência, "Mar Morto" não será concluído. As cenas apanhadas nas praias bahianas já foram vendidas para serem transformadas em filmes naturais. E "Aves Sem Ninho", o falado filme de Roulien, representa sem duvida um grande esforço, que, porém, não atingiu o máximo que dentro de nossas magras possibilidades podemos realizar. É boa a direção e com boa vontade podemos dizer que a interpretação é regular. Porém é pessimo o som, é horrível a fotografia, é bastante ordinária a adaptação cinematográfica.

CALCANHAR DE ACHILLES

3 "As historias referentes a misturas de raças, a entorpecentes, a conflitos sociais, a questões raciais, a problemas sexuais, como também os temas capazes de despertar protestos do estrangeiro são afastadas sem maiores exames. O diretor literário e o produtor não renunciaram de bom coração. Muitas vezes, quando a fonte dos argumentos parece estar a pique de se esgotar, eles desejariam ter o direito de penetrar em um dos domínios interditos. Porém o Conselho de censura vigia, os governos dos Estados não se deixam enganar; e seria vão gastar milhões de dolares em um esforço inútil. O diretor literário joga o tema sedutor para um canto... reanima a ultima versão da "Borracheira", da "Bela Adormecida no Bosque", do "Patinho Feio" e se pergunta pelo milésima vez, toda atenção, si o mocinho encontrará a mocinha, ou a mocinha o patrão rico, ou o rapaz a equipe de futebol". (SAMUEL MARX, in "Nós fazemos os filmes").

PATO DONALD



movimento radiofonico brasileiro (entende-se o carioca) já entrou num periodo de independencia no que respeita á orientação programatica. Já não se arrasta morosamente nem mais divaga em tentativas pouco praticas. Descobriu-se o valor comercial dos anuncios radiofonicos bem "microfonizados", inteligentemente urdidos, constituindo anuncios indiretos ou sejam diferentes d'aqueles em que frases isoladas eram o pseudo abre-te sesamo dos negocios. Hoje, nada disso. Vale o programa movimentado em que entre, além da orquestração variada, cantor, acompanhamento coral, curiosidades e dialogação num só bloco harmonico, a inteligencia renovadora e processos de acôrdo com a observação metódica de sensibilidade e gosto do ouvinte. E', emfim, o aproveitamento e adaptação dos "radio shows" norte-americanos nos quais a personalidade e prestigio individuais do "astro" se dissolvem na visão panoramica do programa em conjunto. Com o nome de "hora" estes "shows" recebem a denominação do produto anunciado, como na "Hora Coty", "Orquestra Lever" ou o cantor Palmolive".

O processo novo agradou, como não podia deixar de agradar, e logo encontrou clima proprio. Como consequencia a Divisão de Radio do DIP vai tratar da regulamentação dos novos "hits", no sentido de demarcar exclusividade características e prefixos de cada "show" afim de evitar plagios, adaptações e outros abusos.

RLANDO Silva virá ao Norte ainda este ano afim de integrar o "cast" do programa inaugural da PRE-9, Ceará Radio Club, que já esta fazendo irradiações de experiencia com o seu transmissor de ondas curtas. Aos poucos o norte começa a ser visitado por artistas de renome. Entretanto é preciso que se constitua por cá um "broadcasting" autonomo, independente e cheio de figuras de real valor.



A opinião de todos os entendidos é a de que, enquanto o samba permanecer primitivo e nú na simplicidade ôca dos "regionals", não poderá ser difundido no estrangeiro com sucesso. Compreendendo o valor da vivacidade expressiva e rica das orquestrações é que Francisco Alves, mesmo tendo recebido o quinto convite para uma temporada nos E. E. U. U., declarou, também pela 5ª vês, que só irá acompanhado de uma grande orquestra brasileira.

A LMIRANTE, conhecido como a "maior patente do radio", pode realmente gabar-se de ter tirado patente de diversas excelentes invenções radiofonicas. E uma delas, das mais valiosas, é a sua orquestra de gaitas de bôca, que aqui entre nós conhecemos pelo nome de realejo.

E' interessante notar a plasticidade imensa destes pequenos instrumentos de sôpro, tão suaves e harmoniosos.

U M fenomeno! Um fenomeno mais suspreendente do que a vaca de três cabeças: A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais acaba de descobrir, por meio de recentes estatisticas, que as orquestras brasileiras, enquanto tocam 100 musicas estrangeiras, executam apenas u'a musica nacional!... Dão, portanto, 1% ao samba. Não é fan-tas-tico?

H A ainda uma classe de musica brasileira que está por merecer um maior cuidado. Trata-se da musica sertaneja, das modinhas, dos lundús, das velhas valsas, dos desafios, etc. De tal geito anda tudo isso esquecido que os "morristas" do Rio só reconhecem o samba e a marchinha como expressão popular da nossa musica.

Mas agora, chefiando uma reação proveitosa, o departamento de cultura da Prefeitura do Distrito Federal está organizando uma discoteca em que serão colecionadas e selecionadas gravações populares da musica brasileira, bastando para isso que as composições sejam bonitas de fato.

O BAZAR VITORIA

MOBILIANDO E DECORANDO
o Club Carnavalesco Fantoques
da Euterpe, demonstrou à Bahia
as suas possibilidades, arte
e bom gosto.

ORÇAMENTOS GRATIS

SALDANHA DA GAMA, 4

Pensão Universal

Oferece todas as comodidades
para hospedes do interior
e da capital.

Situada no centro da cidade.

Quartos bem ventilados

Preços Modicos.

Praça Castro Alves, 3
Salvador -- Bahia

Frigorifico São Vicente

- DE -

Inacio Lima

Carnes Verdes Especiais — ENTREGA A DOMICILIO
Às Segundas Feiras: - CARNES CONGELADAS

Largo de São Miguel n. 2

Telefone 1194

Alano V. de Araujo

(CIRURGIÃO - DENTISTA)

Clinica, Cirurgia e Protese Dentarias.

Aparelhagem Eletrica

Rua Chile, 3 - 1.º andar



MEU SONHO É O SONHO DE TODOS...

::: os filhos desta nossa terra. Queremos vê-la elegante e bela, para orgulho dos que aqui residem e prazer dos que nos visitam.

— Não é pequena a minha parte neste trabalho de iluminar a cidade para que todos a vejam. Mas, muito maior é a satisfação que tenho de estar concorrendo para o desenvolvimento desta cidade — diz o Snr. Kilowatt, seu criado elétrico.

Cia. Energia Elétrica da Bahia

Serraria S. Gonçalo

JOÃO AMÉRICO OLIVEIRA

Materiais em Geral - Vende ripas, ripões, forros, soalhos, marcos e contra marcos. Aceita todo e qualquer trabalho de Serraria.

Quando V. Excia. necessitar de ótimas madeiras das melhores procedências, é só discar 1-8-8-3

SERRARIA E ESCRITÓRIO:

Rua Dr. Seabra, 443 - Telefone 1883

— BAHIA

Faça as SUAS REFEIÇÕES no
Restaurant Continental

Cardápio escolhido e Preços
ao alcance de todos.

**RESTAURANT
CONTINENTAL**

Rua Marcílio Dias, 18

(em frente ao Mercado Modelo)

Ao comprar lonas e encera-
dos peça ao seu fornecedor
a marca

« **LOCOMOTIVA** »

Produto usado no Brasil há mais de 33
anos - A qualquer tempo garantimos
nossos artigos contra falhas de
ordem técnica.

São Paulo Alpargatas S/A.

Agente na Bahia:

Antonio C. Almeida

RUA CONS. DANTAS N. 36

1.º ANDAR - TEL. 4644

BOM AVISO

A's Noivas da Capital e do Interior:

A Casa Stella tem sempre os me-
lhores artigos para enxovais.

Da Grinalda Ao Calçado

Orçamentos Variados, sempre do
melhor gosto na **Casa Stella**

à **Av. 7 de Setembro n. 98**

Tel. 4441 - Salvador - Bahia

Pensão Das Nações

Está localizada no ponto
mais central da cidade.

Tratamento de 1.ª ordem,
quartos arejados.

**EXCLUSIVAMENTE
FAMILIAR**

Rua Chile n. 7

SALVADOR — BAHIA

Dr. Pedro Ferreira

Doenças dos Rins e dos Órgãos Genito-Urinaris

CIRURGIA

CONSULTORIO

Rua Tomé de Souza, 1 - 1.º andar - Tel. 3442

Das 16 horas em diante

RESIDENCIA

Resid.: Rua Afonso Celso, 41 - Tel. 3770

POMADA LALAU

INFALIVEL NAS ULCERAS E NAS
HEMORROIDAS.

RAIOS X
DENTARIO

Dr. João Pinheiro Brasil

MEDICO - DENTISTA

ED. OUBIÑA - S. Pedro, 71 - Tel. 5147 - BAHIA

DR. JOÃO MENDONÇA

Nervosos. Distúrbios sexuais Coração.
Clínica Endocrinológica e Mental.
Consultorio Medico-pedagógico,
medico forense e psicanalítico.

Predio Montepio -- Das 16 horas

Dr. Arthur L. Imbassahy Gomes

Medico do Serviço de Pronto Socorro
Clínica Medico Cirurgica -- Vias Urinarias

Cons. S. Pedro, 81 - EDIFICIO CHADLER
Salas 37-38-39 -- Tel. 3244

Residencia: Marquez de Caravelas, 7 -- Tel. 5834

AVIÁRIO RHODE

Ovos para reprodução -- Pintos de 1
e 30 dias da raça Rhode Island Red
de alta postura e ótima plumagem.

Pedidos á Caixa Postal, 277 ou Rua
Raul Leite 110 - Matatú Grande

JOSÉ M. MENDES

CIRURGIÃO DENTISTA

Diariamente das 8 ás 11,30 e das 14 ás 18 horas

Ed. Oubiña - S. Pedro 71 - 1.º andar
Sala 2 -- Tel. 6454

Loja A Vencedora

Antiga "LOJA DOS POBRES"

*Avisamos que não fazemos propagan-
da, isso fará o freguez depois de
uma visita n nossa casa.*

CASA BAHIANA
DE A. QUEIROZ & IRMÃO

Couros, artigos para Sapateiros e Tamanqueiros

Rua Silva Jardim, 4 - BAHIA

A DECORATIVA

— DE —

João Magalhães & Cia. Ltda.

PRAÇA 15 DE DE NOVEMBRO N. 17

Perfeita organização em serviço funerario, no que ha de mais moderno. Lindos
ataúdes envernizados e forrados em sêda. Encarrega-se de fazer funerais de todas
as classes, do mais modesto ao mais alto luxo, SEM INCOMODO PARA A FAMI-
LIA ENLUTADA. Completo sortimento de cordas mortuarias com fitas proprias
para inscrições. Dispõe de carro funebre para qualquer classe. Encarrega-se ainda
de ornamentações para festividade em geral — PREÇO AO ALCANCE DE TODOS.

Atende-se pelos Tels. 1840 e 1841 a qualquer momento

SINDICATO DOS AGRICULTORES DE CACAU DE ILHEUS

FUNDADO EM 1937

Reconhecido pelo Ministerio do Trabalho

Instituição destinada á defesa da
lavoura cacauqueira, pela colabo-
ração direta de todos
os lavradores.

Mantem um serviço de Informa-
ções sobre o mercado de cacau,
recebidas diariamente da
Bolsa de Mercadorias.

SÉDE: Praça Firmino Amaral
ILHEUS — BAHIA

Grande sorti-
mento de Ar-
gentês, Capas
de pele e va-
riadissimo
sortimento de
sêdas finas.

Galeria de Credito LTDA.



Trocamos
peles usadas
por novas, pa-
gando o
excedente
pelo sistema
crediarario.

SE QUIZER VESTIR ELEGANTEMENTE VISITE A NOSSA CASA
E COMPRE PELO SISTEMA CREDIARIO

Avenida 7 (Rosario) 140 -- Tel. 3777

GUARATON -- FORTIFICANTE VEGETAL E ALIMENTO MEDICINAL

Dá aos Velhos o Vigor da Juventude
Perpetúa nos Novos as Energias da Mocidade

Deposito dos Remedios Vegetais Cathedral:

Rua Carlos Gomes n. 3-A -- (Edificio Alba) Tel. 5564 = BAHIA

Banco Do Brasil

O Maior Estabelecimento De Credito do Pais

Tem Agencias em todas as Capitais e Cidades mais importantes do Pais e Correspondentes nas demais Cidades — Correspondentes em todos os paises do Mundo.

Realiza todas as especies de operações bancarias: depositos em conta corrente e a prazo, descontos, empréstimos em conta corrente garantida, cobrança sobre o Pais ou sobre o exterior, compra e venda de cambio, transferencias de fundos, custodia de titulos e valores, etc.

Carteira de Credito Agricola e Industrial — Já se acha em funcionamento a Carteira de Credito Agricola e Industrial, instituida com objetivo de fomentar o incremento da riqueza nacional, prestando assistencia financeira direta á agricultura, á pecuaria e ás industrias. Os interessados deverão dirigir-se ás Agencias desta Capital e do Interior do Estado, nas quais colherão todos os informes referentes ás suas varias modalidades de operações.

Condições para as Contas de Depositos:

Com Juros (sem limite) 2% a. a.	
Deposito inicial Rs.	
1:000\$000 Retiradas livres	
Populares (limite de Rs. 10:000\$000)	4% a. a.
Deposito inicial Rs. 50\$000). Deposito e retiradas subsequentes Rs. 20\$000 — Cheques isentos de selo	
Limitados (limite de Rs. 50:000\$000)	3% a. a.
Deposito inicial Rs. 100\$000 — Deposito e retiradas subsequentes Rs. 50\$000 — Cheques Selados	
De Aviso Previo-Aviso de 30 dias	3,5% a. a.
Aviso de 60 dias	4% a. a.
Aviso de 90 dias	4,5% a. a.
Deposito inicial de Rs. 1:000\$000.	

Prazo Fixo (Comum)	
Por 6 mezes	4% a. a.
Por 12 mezes	5% a. a.
Deposito minimo de 1:000\$000	

Prazo Fixo com Renda Mensal	
(Pagamentos dos juros em parcelas mensais)	
Por meio de Cheques,	
Por 6 mezes	3,5% a. a.
Por 12 mezes	4,5% a. a.

Letras a Premio (selo proporcional)
Condições identicas aos depositos a Prazo Fixo

Neste Estado, além da Agencia desta Capital, estão em pleno funcionamento mais as seguintes: Ilhéus — Itabuna — Jequié — São Felix — Santo Amaro — Feira de Santana — Joazeiro — Mundo Novo — Canavieiras — Jacobina e Alagoinhas (em instalação) que efetuam, igualmente, as mesmas operações que a da Capital.